

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DO COVID 19

Desafios, Adaptações e Prática Docente



Organizador: Jader Luís da Silveira


Editora
MultiAtual

+ Volume
1
2021

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DO COVID 19

Desafios, Adaptações e Prática Docente



Organizador: Jader Luís da Silveira


Editora
MultiAtual

+ Volume
1
2021

© 2021 – Editora MultiAtual

www.editoramultiatual.com.br

editoramultiatual@gmail.com

Editor Chefe e Organizador: Jader Luís da Silveira

Editoração, Arte e Capa: Resiane Paula da Silveira

Revisão: Respective autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Heloisa Alves Braga, Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, SEE-MG

Me. Ricardo Ferreira de Sousa, Universidade Federal do Tocantins, UFT

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Me. Glauber de Araújo Barroco Lobato, Fundação Getúlio Vargas, FGV

Esp. Rícael Spirandeli Rocha, Instituto Federal Minas Gerais, IFMG

Ma. Luana Ferreira dos Santos, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Me. Guilherme de Andrade Ruela, Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF

Ma. Ana Paula Cota Moreira, Fundação Comunitária Educacional e Cultural de João Monlevade, FUNCEC

Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR

Ma. Jocilene dos Santos Pereira, Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC

Esp. Alessandro Moura Costa, Ministério da Defesa - Exército Brasileiro

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Dra. Haiany Aparecida Ferreira, Universidade Federal de Lavras, UFLA

Me. Arthur Lima de Oliveira, Fundação Centro de Ciências e Educação Superior à Distância do Estado do RJ, CECIERJ

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587 Silveira, Jader Luís da
Educação na Pandemia do Covid-19: Desafios, Adaptações e Prática Docente / Jader Luís da Silveira (organizador). – Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2021. 134 p. : il.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-993373-5-2

1. Educação. 2. Pandemia. 3. Práticas Docentes. 4. Ensino e Aprendizagem. I. Silveira, Jader Luís da. II. Título.

CDD: 370
CDU: 37

Os **conteúdos** dos artigos científicos incluídos nesta publicação são de **responsabilidade** exclusiva dos seus respectivos **autores**.

2021

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Editora MultiAtual é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Editora MultiAtual
Formiga – Minas Gerais – Brasil
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
www.editoramultiatual.com.br
editoramultiatual@gmail.com

AUTORES

Aline Cristina Pinto
Cláudia Ester de Oliveira
Deyse Almeida Dos Reis
Erika Nogueira Pena
Fabiana Holler Baptista
Fernanda Marcelle Miranda
Iranilda Cinésio Gomes
Ivanilza Cinésio Gomes
Kleberson Almeida de Albuquerque
Leonardo Cinésio Gomes
Lívea dos Santos Martins
Maria Cecília Figueiredo Lopes
Maria Luiza Dias
Marlon Marcus Pereira
Mauro Bruno de Araújo Macêdo
Patrícia Berlini Alves Ferreira da Costa
Patrícia Maria Fernandes de Moura
Rafael Santos de Almeida
Renan Junio Gomes Machado
Sofia Moreira de Aguiar
Tainá de Moura Santos
Vagner Santos da Silva
Vanessa Ribeiro Duella
Viviane Lima Martins

APRESENTAÇÃO

A pandemia do novo coronavírus trouxe mudanças de comportamentos em todos os setores da sociedade, inclusive na Educação. O período de distanciamento social associado a evolução das tecnologias da informação e comunicação (TICs), fez com que todas as instituições de ensino implantassem um modelo diferenciado de Educação a Distância (EAD), o chamado ensino remoto. Entretanto, ambas as metodologias de ensino trazem em comum o uso das TICs como ferramentas do processo de ensino-aprendizagem.

Independente da visão de como será o futuro da Educação, continua sendo importante descentralizar a figura do professor como o agente transmissor de conhecimentos para o aluno. O professor deve ser o mediador do aprendizado, em um processo mútuo com o estudante que, deve assumir o papel de protagonista da aprendizagem, participando ativamente da construção do seu conhecimento.

A presente obra traz importantes reflexões sobre o tema, fornecendo bases teóricas e práticas para professores e alunos, no sentido de (re)fazer a Educação. Além disso, o e-book traz interessantes debates sobre o período da pandemia do Covid 19, em diferentes perspectivas, bem como os desafios, as adaptações e as práticas docentes para o novo momento que já estamos vivendo.

SUMÁRIO

Capítulo 1 ESTRATÉGIAS DE ENSINO: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA Patrícia Berlini Alves Ferreira da Costa e Fabiana Holler Baptista	9
Capítulo 2 DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DURANTE A PANDEMIA Cláudia Ester de Oliveira, Maria Luiza Dias e Rafael Santos de Almeida	17
Capítulo 3 A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA ATIVA E O USO DA TECNOLOGIA E INTERNET EM TEMPOS DE COVID-19 Erika Nogueira Pena	26
Capítulo 4 PANDEMIA NO BRASIL: A INTERRELAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTO ANTI (ÉTICO), DECISÕES POLÍTICAS E CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS - SOCIAIS Lívea dos Santos Martins, Marlon Marcus Pereira, Mauro Bruno de Araújo Macêdo e Patrícia Maria Fernandes de Moura	31
Capítulo 5 ENSINO REMOTO DESENVOLVIDO EM ESCOLAS INDÍGENAS POTIGUARA DA PARAÍBA Leonardo Cinésio Gomes, Iranilda Cinésio Gomes, Ivanilza Cinésio Gomes, Tainá de Moura Santos e Vagner Santos da Silva	46
Capítulo 6 DESIGUALDADE NO ENSINO MÉDIO E O DESEMPENHO DO ESTUDANTE NO ENEM Aline Cristina Pinto, Maria Cecília Figueiredo Lopes, Renan Junio Gomes Machado e Sofia Moreira de Aguiar	63
Capítulo 7 O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS COMO FERRAMENTA CAPAZ DE POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA Fernanda Marcelle Miranda e Viviane Lima Martins	73

Capítulo 8 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DO ENSINO TÉCNICO EM MOMENTO DE PANDEMIA Vanessa Ribeiro Duella e Deyse Almeida Dos Reis	85
Capítulo 9 RELATO ETNOGRÁFICO DISCENTE: OLHAR DE MINHA JANELA DURANTE A PANDEMIA Kleberson Almeida de Albuquerque	115
BIOGRAFIAS CURRÍCULOS DOS AUTORES	128



CAPÍTULO 1

ESTRATÉGIAS DE ENSINO: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Patrícia Berlini Alves Ferreira da Costa

Fabiana Holler Baptista

ESTRATÉGIAS DE ENSINO: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

Patrícia Berlini Alves Ferreira da Costa

Formada em Letras e Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER. Pós-Graduada em Libras pela Faculdade de Santo André – Vilhena/RO. Orientadora Educacional do Instituto Federal de Rondônia. E-mail: patricia.berlini@ifro.edu.br

Fabiana Holler Baptista

Formada em Economia pela Universidade Federal de Mato Grosso-UNEMAT. Pós-Graduada em Gestão Empresarial e Recursos Humanos pela Faculdade da Amazônia-RO. E-mail: fabianahollerbaptista@gmail.com

RESUMO

Esse artigo apresenta um relato de experiência correspondente a trajetória de uma professora do Ensino Fundamental e de sua prática pedagógica com a contação de histórias para as crianças do 5º ano da escola COOPEVI – Cooperativa Educacional de Vilhena/RO. O trabalho realizado partiu de estratégias de ensino variadas. Dessa forma, foram utilizados recursos, como: livros, aventais, fantasias, fantoches, entre outros. O objetivo desse estudo é o de demonstrar a importância do contar histórias às crianças a fim de fomentar o hábito de leitura dos leitores em formação.

PALAVRAS-CHAVE: Contação de histórias; Criança; Estratégias de ensino; Professor.

ABSTRACT

This article presents an experience report corresponding to the trajectory of an elementary school teacher and her pedagogical practice with storytelling for children in the 5th year of COOPEVI – Educational Cooperative of Vilhena-RO. The work carried out started from varied teaching strategies. In this way, resources were used, such as: books, aprons, costumes, puppets, among others. The goal of this study is to demonstrate the importance of telling stories to children, in order to promote the reading habit of readers in training.

KEYWORDS: Storytelling; Children; Teaching strategies; Teacher.

1. Introdução

Quem de nós, quando éramos crianças, não gostávamos de ouvir uma boa história contada por nossos pais ou nossos avós. Ficávamos horas e horas nos deleitando e nos instruindo com as palavras mágicas que aguçavam a nossa imaginação: Era uma vez. Muitas vezes, já tínhamos nossa personalidade literária formada. Ora, de idade a idade, os gostos se variavam. Dos príncipes e princesas a grandes histórias de assombração, lendas urbanas ou folclóricas. O ouvir era mágico. E a magia se dava pelo contar e pelo ouvir. As crianças gostam de ouvir, de contar, de recontar, de (re) ouvir uma boa história. Podemos dizer que a contação de histórias é uma arte cuja literatura escolhe seus intérpretes a fim de aperfeiçoá-los para um mundo paralelo ao nosso. Como bem disse Coelho,

Nesse mundo mágico, às extraordinárias aventuras dos Cavaleiros e suas amadas Damas misturam-se o sobrenatural diabólico (magos, duendes, particularmente o fabuloso Merlin), o maravilhoso das metamorfoses e a magia das fadas, em sua ambivalência de seres benéficos e maléficos (COELHO, 2003, p.64)

É pela imaginação que o homem encontra a si mesmo e busca um apaziguamento para os conflitos que destoam no seu interior. Por isso a importância de se contar histórias para o público, ainda, pueril.

Em seu livro, *Crítica, Teoria e Literatura infantil* (2015), Peter Hunt fala sobre alguns apontamentos importantes ao se ler, ou contar, uma história para a criança. Um de seus principais questionamentos é sobre a forma que o adulto utiliza na hora da leitura de uma história para o público infantil. Sob essa perspectiva, o autor traz os seguintes questionamentos: “Você lê como a criança que foi, ou como a criança que você pensa ser? Recorre à sua autoimagem de criança ou à memória da “sensação” de leitura da época da infância” (HUNT, 2015, p. 58). Sutilezas complicadoras que nos fazem refletir sobre até que ponto conseguimos esquecer nossas experiências adultas ao contarmos uma história para o leitor mirim.

De acordo com Bruno Bettelheim (2017, p.11): “Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Contudo, para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação”. Assim, no entendimento de Hunt, precisamos contar histórias como a criança que fomos; imaginar como uma criança imagina, além de recorrer a nós mesmos como se ainda fôssemos crianças a fim de desviar a atenção do pequeno leitor para um mundo que veste fantasia. Como afirma Bettelheim: entreter, despertar, enriquecer e estimular.

Sendo assim, apresentamos nesse artigo as estratégias de ensino correspondentes à experiência de uma professora com a contação de histórias durante seu trajeto de vida profissional na escola COOPEVI – Cooperativa Educacional de Vilhena/RO. Diante disso, essa pesquisa tem por objetivo demonstrar a importância da contação de histórias para o desenvolvimento íntegro da criança, além de estimular os profissionais da educação a utilizarem a contação de histórias como entretenimento, estímulo a imaginação, a criatividade e a leitura da criança. Para tanto, serão apresentados nesse estudo algumas estratégias e recursos que servirão de subsídios aos profissionais da educação, aos contadores de histórias.

2. A contação de histórias: entre formas e jeitos

Segundo Abramovich (2004, p. 24) “Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução”. É com esse envolvimento que a criança dialoga consigo mesma, repensa seu mundo, seus conflitos internos e acalma suas emoções.

Para que uma história chame a atenção da criança e desperte sua curiosidade, existem maneiras de se contar e recursos a se utilizar. Entre formas e jeitos estão o tom de voz, a caracterização do contador, a expressão facial, a musicalização, entre outras maneiras de encantamento. De acordo com Caldin (2002), é necessário captar o ritmo das histórias, usar todas as possibilidades de voz, imitar e sussurrar o som da natureza e o ruído dos animais, criar um clima não só de envolvimento, mas também de encantamento. Momento síncrono ao perfil de leitor que se tem no público infantil.

Nesse sentido, Lima e Valiengo afirmam que

Quando a criança ouve a leitura, a contação de histórias, lê ou conta uma história, ativa uma série de capacidades, como a memória (recorda-se de outros momentos, de histórias ouvidas e lidas), a atenção (se a história ou o recurso utilizado para a contação da história envolve completamente, ela para ouvir, assume uma atitude de ouvinte atento), a fantasia (imagina-se parte da história contada, visitando mundo e personagens, ativando suas emoções). Isto é, o livro traz cristalizadas em si as capacidades humanas e, na atividade de contação ou leitura de histórias, a criança vivencia ou ativa o uso dessas capacidades, tornando-as individuais, parte de sua humanidade (LIMA; VALIENGO, 2011, p. 56).

Ler e contar histórias de forma intencional e planejada: o quanto isso é importante para estimular a imaginação, a criatividade e o hábito de leitura da criança. Os recursos, as fantasias, os livros, o espaço, a expressão facial, o tom de voz, a musicalização e o jogo corporal fazem parte disso. De acordo com Brito, “é possível sonorizar histórias usando objetos e materiais sonoros” (BRITO, 2003, p.163). Além da voz, como o principal recurso, temos os aventais, o tapete mágico, a caixa de contação, os tecidos, entre outros adereços que ficam por conta da criatividade do contador de histórias. Dessa forma, cabe aos profissionais da educação, que atuam tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Fundamental, buscarem estratégias de ensino que favoreçam, portanto, a sua prática pedagógica, principalmente, ao considerarem a relevância dessa atividade para a formação íntegra do público alvo da literatura infantil.

3. Relato de experiência: a contação de histórias na prática

Quando trabalhei na Cooperativa Educacional de Vilhena/RO, por 5 anos, uma das estratégias de ensino mais utilizadas nas minhas aulas era a contação de histórias. Isso porque é através da imaginação que a criança constrói e significa o aprendizado. Daquilo que lhe parece real aos seus olhos, mesmo que envolva o sonho e a fantasia. É a aprendizagem através do imaginário.

Alguns dos recursos que sempre utilizei, além dos livros, foram os aventais e as fantasias (Figura 1) que como bem disse Brito a criança imagina-se como parte da história que está sendo contada e ativa suas emoções. São recursos que prendem a atenção da criança.



Figura 1. Contação de histórias com o uso de fantasias e aventais.

Como na história da *Menina Bonita do Laço de Fita* (1996), primeiro avental à esquerda, de Ana Maria Machado, por exemplo, que trata sobre o amor platônico de um coelho que quer a todo custo ser como a Menina Bonita cujos traços físicos são herança genética de sua família. Essa história, no avental, possui, além de todos os personagens, também os fatos que dão sequência a narrativa, como: a parte na qual o coelho come jabuticaba, toma café, tem dor de barriga, pula na lata de tinta, enfim – o que faz um paralelo entre o plano real e o plano imaginário da criança. Uma fusão.

Além dos aventais, um dos recursos que chamam bastante atenção do público infantil são as fantasias (segunda imagem da esquerda para a direita). É o momento que os personagens pulam para fora dos livros e vão de encontro aos pequenos leitores a fim de trazer suas características mais importantes. É o contato entre personagem e ouvinte. Quem não gostaria de perguntar à Emília, do Sítio do Pica-Pau Amarelo, sobre curiosidades que os livros não dizem. As crianças.

Logo, sempre comprei meus próprios adereços de contação de histórias, entretanto, há várias possibilidades de produzirmos nossas próprias fantasias. Ainda, uma roupa alegre, colorida, feita de retalhos (terceira imagem da esquerda para a direita), exclui a identidade pessoal do contador de histórias para uma caracterização

que não seja a de sua vida real. Trabalha com a criatividade e com a imaginação da criança. Nada do que uma boa caracterização e de um espaço bem planejado (Figuras 2 e 3) para despertar a curiosidade e alimentar o faz de conta do leitor mirim.



Figuras 2 e 3. Contação de histórias na grama e na livraria: Café e Letras.

Na primeira imagem, à direita, foi contada a história *A Colcha de Retalhos* (2010), de Conceil Corrêa da Silva. Esse livro narra a história de Felipe que gostava muito de ir à casa de sua avó. Além dela preparar deliciosos bolos, era uma ótima contadora de histórias. Certa vez, ao costurar uma colcha de retalhos coloridos e cheio de histórias, a avó de Felipe ia costurando lembranças a cada novo retalho. Dessa forma, Felipe conheceu a saudade. Para essa história, utilizamos, como recurso, um vestido e um tapete de retalhos. Além disso, utilizamos a grama como espaço pedagógico. As crianças sentaram em círculo, no chão. Ao final da história, os alunos contaram experiências de seus avós e relembrou histórias que eram contadas por eles. Ainda, como parte dessa atividade, cada aluno pintou em um retalho 30 x 40 uma lembrança de sua história. Os retalhos foram costurados formando uma colcha que passou a ser utilizada como recurso para contação de histórias.

Na imagem à esquerda, foi feita uma contação de lendas urbanas na livraria Café e Letras. Nesse dia, preparamos o espaço *coffee break* para o final do evento. No chão, colocamos a colcha de retalhos produzida pelas crianças. Para a contação das lendas urbanas, nós apagamos as luzes da livraria e as crianças utilizaram uma lanterna. Cada criança contou uma lenda urbana. Foi uma experiência interessante, pois as crianças do 5º ano gostam muito de histórias de assombração. Antes do *coffee break*, fizemos o amigo livro, cuja dinâmica é ganhar e receber um livro – um grande estímulo para estimular o hábito de leitura.

Essas são somente algumas das possibilidades e estratégias para a contação de histórias. Para tanto, a literatura infantil abre um leque de oportunidades para a confecção de materiais que podem ser utilizados nesse momento. A inovação e a criatividade são, portanto, a roupagem que traz a aparência na hora do faz de conta.

4. Considerações finais

Evidentemente, as crianças adoram ouvir e contar histórias. É o momento que o silêncio paira sobre a sala de aula. O público infantil espera curioso por um detalhe, um fato, por um novo personagem. A literatura infantil coloca a contação de histórias como uma arte; um agente transformador de interiores. Para tanto, partindo da experiência profissional, é fato que esse trabalho traz resultados positivos para a mudança de comportamento, indisciplina na sala de aula; além de fomentar o hábito de leitura. Se o professor tem uma turma indisciplinada e quer resolver o problema, conte histórias para ela. Se o problema do educador é o baixo interesse dos alunos pela leitura, conte histórias para eles. Com a contação de histórias, as crianças incorporam novas formas de ser, novas atitudes e, portanto, novos valores.

5. Referências

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 34º ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CALDIN, C. F. A oralidade e a escritura na literatura infantil: referencial teórico para a hora do conto. Florianópolis. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 13, p. 25-28, 2002.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas – símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2003.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2015.
- LIMA, E. A. de; VALIENGO, A. Literatura infantil e caixas que contam histórias: encantamentos e envolvimento. In. CHAVES, M. (Org.). **Práticas pedagógicas e literatura infantil**. Maringá: Eduem, 2011. p. 55-67.



CAPÍTULO 2

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DURANTE A PANDEMIA

Cláudia Ester de Oliveira

Maria Luiza Dias

Rafael Santos de Almeida

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NAS ESCOLAS PÚBLICAS DURANTE A PANDEMIA

Cláudia Ester de Oliveira

Graduada em Geografia pela UFMG com Especialização Lato Senso em Educação Ambiental pela UFLA, cursa Filosofia na UFMG. Interessa-se por Filosofia Antiga, Política e Literatura Clássica. É professora do Ensino Fundamental na Prefeitura de Belo Horizonte. UFMG/FAFICH/Departamento de Filosofia/ coalhada2020@gamil.com

Maria Luíza Dias

Graduanda em Tecnologia em Radiologia. Trabalha com Certificação Digital, na PRODEMGE – Cia de Tecnologia da Informação do Estado de Minas Gerais. Formada em Edificações, pelo CEFET – MG e em Segurança do Trabalho, pela Escola Técnica Vital Brasil/Polimig. Possui certificação em cursos diversos, como de Melhor Atendimento ao Público, pelo InAP, Programação de Computador, pela PRODEMGE, Prevenção e Combate à Incêndios, pelo 1o. Grupamento de Bombeiros de MG, Qualidade no Gerenciamento da Segurança do Trabalho, pela COONAI, habilidades Técnicas de Treinamento, pela FIEMG/SENAI e Ergonomia, pela ERGO. UFMG/Faculdade de Medicina/Departamento IMA/ iza_dias@yahoo.com.br

Rafael Santos de Almeida

Engenheiro de Controle e Automação pela UFMG e técnico em Automação Industrial pelo Colégio Técnico da UFMG. Atua como arquiteto de soluções em uma empresa do ramo de tecnologia. Interessa-se por machine learning e cloud computing. UFMG/Departamento de Engenharia Eletrônica/ rafaelsa97@gmail.com

RESUMO

É possível a escola pública manter seu caráter universal e democrático na pandemia? Pretende-se demonstrar neste trabalho as limitações e os desafios que o Ensino Remoto Emergencial trouxe aos professores da rede pública, como essa modalidade

escancarou a desigualdade social, pois os mais pobres não têm acesso às ferramentas necessárias e conexão de Internet, podendo levar à exclusão dos alunos mais pobres, por fim, o risco de reduzir a educação ao cumprimento curricular mínimo, para salvar o ano letivo.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios - Ensino Emergencial – Escola Pública – Internet - Professores

ABSTRACT

Is it possible for the public school to maintain its universal and democratic character during the pandemic? It is intended to demonstrate in this article the limitations and challenges that Emergency Remote Education brought to public school teachers, how this modality opened up social inequality, as the poorest do not have access to the necessary tools and Internet connection, which can lead to exclusion of the poorest students, finally, the risk of reducing education to minimum curriculum compliance, to save the school year.

KEYWORDS: Challenges - Emergency Education - Public School - Internet - Teachers

INTRODUÇÃO

A quarentena imposta pela pandemia da COVID-19 atingiu a todos os setores da sociedade, em especial, as instituições escolares. Subitamente as aulas presenciais foram interrompidas e os alunos foram tolhidos de um dos aspectos mais importantes da educação que é a socialização, nas palavras de Freire (2017, p.95) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

A escola enquanto espaço mediador metafórico do mundo, deixou de existir, temporariamente. Professores e alunos se viram frente a uma nova realidade e modalidade de ensino, que é o Ensino Remoto Emergencial. Essa nova modalidade trouxe consigo a necessidade da adaptação às tecnologias digitais. O Ensino Remoto Emergencial é capaz de cumprir seu objetivo de levar aos alunos os conhecimentos curriculares de forma democrática, que não favoreça a evasão escolar? Quais desafios os professores têm encontrado nessa nova modalidade?

Neste artigo, pretende-se refletir sobre esses questionamentos, a partir da análise do atual momento histórico, pelo prisma de professores no município de Belo Horizonte.

Para conhecer as dificuldades que os professores estão enfrentando foi feita uma pesquisa quantitativa e qualitativa, baseada numa enquete (autoria própria). Por meio do aplicativo Whatsapp, foi enviada a 10 educadores de escolas públicas de Belo Horizonte, a seguinte pergunta: “Qual é o maior desafio do Ensino Remoto Emergencial?”

1. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL NÃO É EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

A modalidade Educação a Distância fortaleceu-se com a regulamentação do Art. 80, pelo Decreto 5622/05, que “dispõe sobre o credenciamento de instituições para a oferta de cursos ou programas, na modalidade a distância, para a educação básica de jovens e adultos, educação profissional de nível médio e dá outras providências”, Brasil (2005).

Apesar de usar as ferramentas da EaD, o Ensino Remoto Emergencial não pode ser utilizado nas escolas públicas com o mesmo objetivo da EaD e com a mesma qualidade, sobretudo nas de Ensino Fundamental, primeiro por não ter o amparo legal, mesmo com a MP 934 do governo federal, que se criou normais excepcionais para o ano letivo na educação básica {...} em decorrência das medidas de enfrentamento da pandemia do coronavírus, Antunes (2020). Segundo, pelo fato de um quarto da população brasileira, consoante Tokamia (2020), não ter acesso à internet; e, por último, de acordo com Fonseca (2020), apud Antunes (2020), porque faltou

investimento na formação de professores voltada para essa modalidade. Toda essa conjuntura tem gerado um grande mal estar nos profissionais da educação, não só de Belo Horizonte, mas em todo o país.

Alguns pontos preocupantes no Ensino Remoto Emergencial dizem respeito à qualidade e abrangência desse modelo, o desconhecimento das consequências afetivas e sociais na vida de professores e alunos, sobretudo nas famílias mais pobres que estariam à margem do processo de ensino remoto. Costa (2020) apud Antunes (2020), vê na adoção massiva de metodologias baseada na EaD como alternativa para a retomada das atividades escolares um risco de que sejam ampliadas as desigualdades educacionais no país. Outra preocupação é a desse modelo fixar-se na escolarização para o cumprimento de um currículo mínimo que resguarde o ano letivo de 2020. Segundo Analise (2020), o “Ensino Remoto Emergencial deve servir, nesta pandemia, para estabelecer contato, vínculos com os alunos, não é a mesma coisa que dar continuidade ao cumprimento curricular, que ensino emergencial é ‘o que dá pra fazer’, que educação é direito conquistado e deve ser feito com responsabilidade”.

2. DESAFIOS DOS PROFESSORES NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

A implantação do Ensino Remoto Emergencial em Belo Horizonte, ocorreu em Julho (na rede estadual) e em Agosto (na rede municipal). Para saber que tipo de desafios os professores têm enfrentado nessa modalidade de ensino, fizemos uma enquête com a seguinte pergunta: “Qual é o maior desafio do Ensino Remoto Emergencial?”, que foi enviada a 10 profissionais da educação, das redes estadual e municipal, por meio do aplicativo Whatsapp.

2.1. RESULTADOS

Embora tenha havido retorno de apenas 70%, foi possível mapear e analisar nas respostas dos professores, seus principais desafios. As dificuldades apontadas pelos professores são: acesso à internet, domínio tecnológico, elaboração de conteúdo, adequação ao formato EaD, carga horária exaustiva, qualidade do material fornecido pelas secretarias de educação, conforme demonstra a figura 1.

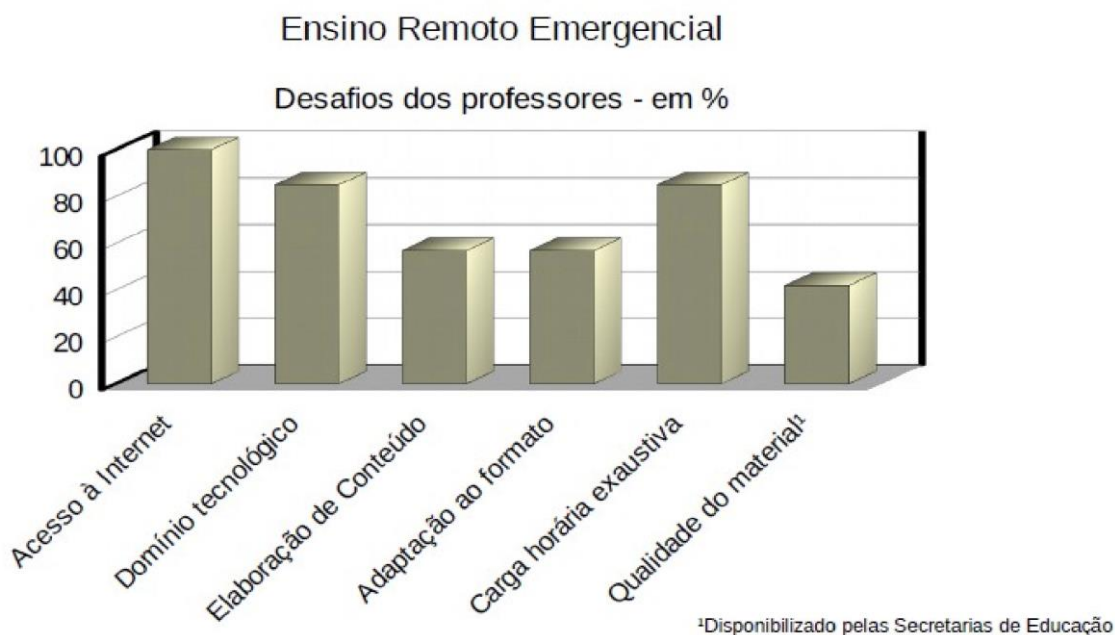


Figura 1. Ensino Remoto Emergencial – desafios dos professores

De acordo com o resultado da enquete, para a maioria dos professores o acesso à internet é o maior desafio encontrado (98%), seguido da carga horária exaustiva (80%) e domínio tecnológico (80%). A resposta dada pela professora Maria (nome fictício) engloba grande parte das dificuldades enfrentadas pelos professores: “meu maior desafio é a quantidade de horas que a gente gasta pra elaborar material, sem contar que a qualidade do material da secretaria de educação é ruim demais, e tem aluno que só tem celular pré-pago. Sem internet boa, fica muito difícil”.

Em seguida, aparece na pesquisa a dificuldade de elaboração de conteúdo (58%) e adaptação ao formato remoto de aulas (58%). João (nome fictício), lembra que essa dificuldade de adaptação ao modelo remoto atinge não só professores, mas sobretudo, os alunos. Segundo ele, sua maior dificuldade “é o engajamento dos alunos com as propostas do governo, já que muitos estudantes não sabem lidar bem com as tecnologias (nem mesmo com o e-mail), e não demonstram interesse em participar desse ‘ensino a distância’. O nosso retorno tem sido cada vez mais baixo,

assim fica difícil falar em aprendizagem, sendo que não temos como acompanhar de perto os estudantes”.

A qualidade do material produzido é o maior desafio para 40% dos professores, tanto no material que a secretaria estadual de educação disponibilizou, que segundo o relato de Maria, “possui qualidade ruim”, como nas palavras de outro que respondeu: “amiga, gostaria de ter ‘um’ maior desafio. Como preparar material pra alunos que nem conheço? Agente trabalha com uma postagem semanal por ciclo, não é por turma”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos resultados da pesquisa, constatou-se que os desafios enfrentados pelos professores no modelo remoto são muitos: falta de preparo das instituições e dos professores para a utilização de ferramentas tecnológicas; acesso à internet pelos alunos que possibilitem essa modalidade de ensino, desmotivação de alunos e professores, baixo retorno por parte dos alunos, carga horária de trabalho para além da rotina do professor. Nos relatos dos professores não houve fala que demonstrasse preocupação direta com a evasão escolar, nem quanto ao retorno das aulas presenciais.

A partir da análise, pode-se concluir que a internet tem sido a principal ferramenta do Ensino Remoto Emergencial. Isso tem sido um complicador, sobretudo na rede municipal de Belo Horizonte por trabalhar exclusivamente com educação infantil, primeiro e segundo ciclos, pois devido à idade tenra de seus alunos, estes demandam de um acompanhamento mais efetivo, uma vez que não possuem autonomia para estudarem sozinhos. Seria necessária, portanto, uma investigação mais aprofundada para conhecer a realidade dos alunos no Ensino Remoto Emergencial.

Por fim, enquanto este trabalho estava sendo escrito, os meios de comunicação têm mostrado que o que deveria ser um debate sobre retorno às aulas presenciais, virou disputa judicial entre governo estadual (que definiu o retorno das aulas presenciais para 05 de outubro 2020) e a prefeitura de Belo Horizonte (que por motivos sanitários, temendo o aumento de casos, não aceita a reabertura e cassou os alvarás

de funcionamento de todas escolas). Resta-nos aguardar os acontecimentos, enquanto rascunhamos a retomada ao “novo normal”.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, André. As redes municipais de educação diante da pandemia. Fiocruz, 2020. Rio de Janeiro: Disponível em <https://portal.fiocruz.br/noticia/redes-municipais-de-educacao-diante-da-pandemia>. Acesso em 25/Set./2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

INEP: Censo da Educação Superior. Brasília: INEP/Ministério da Educação, 2020. Disponível em <http://inep.gov.br/web/guest/censo-da-educacao-superior>. Acesso em 14 Set. 2020;

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (Covid-19) no Brasil pelo Ministério da saúde. Brasil: Ministério da Saúde. Disponível em <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 18 Set. 2020.

Brasil: Decreto que regulamenta o Artigo 80 da Lei 9394/96. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/legisla09.pdf>. Acesso em 12 Set. 2020.

SILVA, Analise: Direito à Educação em Tempos de Pandemia. Belo Horizonte: SindRede – BH, 2020. Disponível em <http://redebh.com.br/confira-os-videos-do-seminario-direito-a-educacao-e-desafios-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em 12 Set. 2020.

TOKAMIA, Mariana: “Um em cada quatro brasileiros não tem acesso à Internet, mostra pesquisa”. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 29 Abr. 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em 10 Set. 2020.



CAPÍTULO 3

A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA ATIVA E O USO DA TECNOLOGIA E INTERNET EM TEMPOS DE COVID-19

Erika Nogueira Pena

A IMPORTÂNCIA DA METODOLOGIA ATIVA E O USO DA TECNOLOGIA E INTERNET EM TEMPOS DE COVID-19

Erika Nogueira Pena

Graduanda em Formação Pedagógica Docente para a Educação Básica – Habilitação em Matemática pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL e Especialização em Docência com Ênfase em Educação Básica, pelo Programa de Pós-graduação em Docência do IFMG Arcos.

O ano de 2020 no Brasil foi marcado pelo Covid-19, o que requereu novas estratégias de ensino aprendizagem das escolas por motivos de segurança e para que a educação dos alunos não fossem impactados pela doença.

A aproximação dos alunos e professores se tornou mais fácil devido ao uso das tecnologias, em especial a internet, contudo práticas educativas necessitariam de maiores aprimoramentos para que a interação e comunicação entre aluno e professor fossem mais rápidas e eficaz. Assim, o aluno diante do novo cenário deve ter uma postura diferenciada no qual contribui para seu conhecimento. A aprendizagem ativa busca este elo aluno e professor no qual o “professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de ensino aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento. Dessa maneira, o aprendiz precisa ser um participante ativo para que ocorra a aprendizagem” (LEITE, 2018 p.584).

Alguns métodos podem ser utilizados pelos docentes para que situações de aprendizagem possam ser desenvolvidas, incentivando os estudantes a serem ativos no seu processo de ensino aprendizagem.

O método de ensino oriundo do currículo baseado em projetos é um processo de aprendizagem colaborativa de caráter contextualizada. Nele é proposto que os alunos desenvolvam projetos extraclasse no qual integram as diversas disciplinas/matérias de um determinado curso (VIEIRA JUNIOR et al, 2017)

Outra metodologia utilizada para aprendizagem ativa é a PBL (Problem-Based Learning) ou Aprendizagem Baseada em Problemas. Nesse método, é apresentado aos estudantes um problema inicial, o problema pode ser uma questão complexa, mas

a qual eles precisam resolver por meio da colaboração, a finalidade do PBL é de que o aluno estude e aprenda determinados conteúdos. (TORRES e IRALA, 2014 p.78).

Os estudos de caso são parecidos com o PBL mas se diferenciam em sua análise, pois o aluno deve empregar conceitos já estudados anteriormente para chegar as possíveis soluções. O caso pode ser real, fictício ou adaptado a realidade e proporcionam aplicação da teoria à prática no seu cotidiano, questionando e levantando hipóteses para solucioná-lo. Reis (2017, p.28) adverte que “nem sempre há uma resposta certa para um caso estudado; o importante é reconhecer que soluções implicam em consequências”.

A Think Pair Share é um método que consiste em “tempo para pensar, tempo para compartilhar com um parceiro, e tempo para compartilhar entre pares para um grupo maior” (REIS, 2017 p.34). O professor pode iniciar o método com uma situação problema ou a leitura de um texto, os compartilhamentos deverão ser acompanhados para que se verifique o entendimento e esclarecimento das ideias. Os alunos aprendem a ouvir, pensar e a construir suas ideias a partir das ideias dos colegas. Recursos como vídeos, charges, propagandas, músicas, podem ser utilizados para enriquecer os assuntos, que poderão ser compartilhados por duplas apresentando suas respostas e conclusões (REIS, 2017).

Mas como unir uma turma ou desenvolver trabalhos em grupo em tempos de COVID-19?

Vale mencionar a importância da internet e da tecnologia como auxiliadora da aprendizagem colaborativa. Troncarelli e Faria (2014, p. 441) mencionam que alguns softwares interativos podem ser utilizados em “atividades de grupos, para resolução de problemas, elaboração de projetos, construção do saber, entre outros”. A respeito, acrescenta que há necessidade de formação de grupos menores de alunos para que assim o aprendizado seja mais efetivo.

Os Chats ou salas de bate papo são oportunidades de comunicação em tempo real. Neste ambiente os participantes interagem de modo escrito, proporcionando a capacidade de raciocínio e agilidade na escrita. Após o chat deve ser gerado um relatório que deve ser analisado pelos professores e alunos, ressaltando os pontos mais relevantes da conversa. Através do chat o professor pode identificar os assuntos

mais relevantes para os alunos e desenvolver trabalhos que visem as reais necessidades dos participantes (TORRES e IRALA, 2014).

Logo, salienta-se que “os recursos da internet, também permitem acesso gratuito e/ou compartilhamento de vasta quantidade de materiais educativos, de ampla abrangência, variedade e qualidade, permitindo a interação colaborativa” (TRONCARELLI e FARIA, 2014 p. 441).

Costa e Ferreira, (2012) pesquisaram sobre o auxílio dos recursos midiáticos na ministração de trabalhos colaborativos de matemática, os aplicativos de rede social. No tocante, os autores dividiram a turma em grupos passando um roteiro de trabalhos a cada conjunto. Após eram realizadas apresentações na sala da forma que o grupo se sentia mais a vontade para expor, em seguida o professor pontuava suas considerações e reforçava o conhecimento explicando também. Para suporte de interatividade entre os alunos era utilizado a rede social denominada TWITTER. A pesquisa dos alunos para apresentação da atividade era guiada com este recurso. A medida que os materiais que davam suporte para a pesquisa eram encontrados, os outros integrantes do grupo sabiam, assim como eram valorizadas os links curtos acerca dos espaços virtuais visitados, nos quais poderiam ser encontrados material pertinente a sua pesquisa, comentários sobre as postagens dos colegas de grupo, disponibilizando um ambiente de troca de informações.

Como não se pode ter a interação nas salas de aula entre alunos e professor devido ao COVID-19, outras ferramentas são uteis para conduzir os bate-papos, por exemplo o webinar, whatsaap, instagram, padlet, hangouts, jamboard. Entretanto, conclui Leite et al (2005) que a tecnologia e a internet tem suporte em um projeto bem organizado pelo professor, metodologia utilizada e direcionamento pedagógico do curso, pois estes elementos – tecnologia e internet – por si só não garantirão a inovação e nem a qualidade de um curso.

E assim, a Educação a distância pode ser prazerosa quando ela é mais humana, dá a voz ao outro, que no caso é o aluno, quando ela o acolhe e se coloca no lugar dele – empatia (EDUTECH'20).

Referências

COSTA, Ana Maria S. N. FERREIRA, André L. A. Redes Sociais na Educação: aprendizagem colaborativa no ensino de Matemática. In. 1o Seminário Nacional de Inclusão Digital, 2012, Passo Fundo. **Anais.. SENID Passo Fundo**, 16 a 18 de abril de 2012.

EduTech'20 - **Congresso de Tecnologia na Educação / Online**. Práticas criativas na educação online. 2020 (9:28:29). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T2k1e9msigY>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

LEITE, Bruno Silva. **Revista Internacional de Educação Superior**. Aprendizagem Tecnológica Ativa. Campinas, SP v.4 n.3 p.580-609 set./dez. 2018.

LEITE, Cristiane L. K.; PASSOS, Marileni O. de A.; TORRES, Patrícia L.; ALCÂNTARA, Paulo R. **A Aprendizagem colaborativa na educação a distância on-line**. Net. Disponível: <http://www.nce.ufrj.br/ginape/iga502/Material_aulas/Aprendizagem%20colaborativa%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

REIS, Angelina de Fátima Moreno Vaz dos. **Think Pair Share-TPS aplicação no Ensino Fundamental I**. 2017. 90 p. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Engenharia de Lorena, Universidade de São Paulo, Lorena, 2017.

TORRES, Patrícia L.; IRALA, Esrom A. F. **Aprendizagem colaborativa: teoria e prática**. Net. Disponível em: <<http://www.agrinho.com.br/materialdoprofessor/aprendizagem-colaborativa-teoria-e-pratica>>. Acesso em: 01 de junho de 2020.

TRONCARELLI, Marcella Z.; FARIA, Adriano A. A aprendizagem colaborativa para a interdependência positiva no processo ensino-aprendizagem em cursos universitários. **Revista do Centro de Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 2, p. 427-444, maio/ago, 2014.

VIEIRA JUNIOR, N.; ESTEVES, O. A.; VERALDO JUNIOR, L. G.; GOMES, A. P.; BOITO, D.; BRUM, E.; LOPES JÚNIOR, L. S.; FIORI, S.; FERNANDES, V. M.; PRAVIA, Z. C.; SOUSA, P. F. B.; ASSIS, E. G.; FERLIN, E. P. **Currículo baseado em projetos**. In: Sessão dirigida. Joinville: Associação Brasileira de Educação em Engenharia, 2017, v. 1, p. (no prelo).



CAPÍTULO 4

PANDEMIA NO BRASIL: A INTERRELAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTO ANTI (ÉTICO), DECISÕES POLÍTICAS E CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS - SOCIAIS

Lívea dos Santos Martins

Marlon Marcus Pereira

Mauro Bruno de Araújo Macêdo

Patrícia Maria Fernandes de Moura

PANDEMIA NO BRASIL: A INTERRELAÇÃO ENTRE COMPORTAMENTO ANTI (ÉTICO), DECISÕES POLÍTICAS E CARACTERÍSTICAS HISTÓRICAS - SOCIAIS

Lívea dos Santos Martins

*Atua como professora particular para crianças do ensino fundamental, como forma de se
habituar à profissão de lecionar. Graduada em Filosofia pela UFMG - E-mail:
livea.santos.2020@gmail.com*

Marlon Marcus Pereira

*Graduado em Engenharia de Controle e Automação pela UFMG, MBA em Gestão de Projetos
pela FGV (Fundação Getúlio Vargas).
Pós-graduando na disciplina "Clínica Psicanalítica na Atualidade: contribuições de Freud e
Lacan" pela PUC-MG. Atua desde 2008 em implementação de sistemas SAP, com foco nos
módulos de cálculo, faturamento e Onsite Billing em empresas de Utilities. Graduando em
Filosofia pela UFMG - E-mail: marlon.pereira@accenture.com*

Mauro Bruno de Araújo Macêdo

*Graduado em Música pela UEMG, atualmente atua como músico em bandas e ministra aulas no
ensino de instrumento musical em aulas particulares. Graduando em Filosofia pela UFMG - E-mail:
mauromacedo.bh@gmail.com*

Patrícia Maria Fernandes de Moura

*Graduada em Terapia Ocupacional pela UFMG, atualmente dedica-se exclusivamente à
obtenção de novo título acadêmico. Graduada em Filosofia pela UFMG - E-mail:
patriciamariafernandes@yahoo.com*

Resumo

O ano de 2020 assolou o mundo com uma pandemia viral causando redução do PIB mundial, centenas de mortes e uma nova perspectiva de interação da comunidade, com maior abertura de novas formas de trabalhar, como home office e efeitos psicológicos de um confinamento forçado. Nesse cenário, este artigo pretende

abordar, do ponto de vista histórico-social e político, o comportamento individualista dos brasileiros frente à pandemia do vírus COVID-19, bem como os impactos causados na sociedade brasileira. Também, trata de abordar a inevitável influência que outros países exercem no Brasil, tanto nos aspectos político e econômico como nos aspectos comportamentais; dividindo o mundo em políticos, ministros e representantes de Estado, no qual alguns se unem e mostram-se descrentes da gravidade do que representa uma pandemia. Dentro de uma perspectiva histórica, passando pela discursão sobre ética e comportamentos anti-éticos e utilizando-se de uma visão filosófica, este artigo é sobretudo uma observação dos múltiplos fatores que compõe o cenário da pandemia no Brasil. Sobretudo, propõe-se com a realização deste trabalho que ele possa ser um meio para instigar reflexões, mudanças e reajustes comportamentais visando o não agravamento da pandemia. Para as pessoas que consideram estarem seguindo as normas sanitárias para prevenção do COVID-19, que a leitura deste artigo sirva como um reforço deste comportamento, que preservará suas próprias vidas e daqueles com quem conviver, mesmo com as restrições do convívio diário. Que o conhecimento nos seja um aliado frente à situação de pandemia e possa fazer com que o cenário que se apresenta não se agrave ainda mais, considerando todas as milhares de vida que foram ceifadas pelo COVID-19.

Palavras-chave: Pandemia, COVID-19, individualismo.

Abstract

The year 2020 ravaged the world with a viral pandemic causing a reduction in global GDP, hundreds of deaths and a new perspective of community interaction, with greater openness to new ways of working, such as home office and psychological effects of forced confinement. In this scenario, this article intends to address, from a historical-social and political point of view, the individualistic behavior of Brazilians in face of the COVID-19 pandemic, as well as the impacts caused on Brazilian society. It also deals with the inevitable influence that other countries exert in Brazil, both in political and economic aspects and in behavioral aspects; dividing the world into politicians, ministers and state representatives, in which some unite and show themselves to be unbelievers of the gravity of what a pandemic represents. From a historical perspective, passing through the discourse on ethics and unethical behavior and using

a philosophical viewpoint, this article is above all an observation of the multiple factors that make up the scenario of the pandemic in Brazil. Above all, it is proposed with this work that it can be a means to instigate reflections, changes and behavioral readjustments aiming at not aggravating the pandemic. For those who consider they are following COVID-19's sanitary norms for prevention, let the reading of this article serve as a reinforcement of this behavior, which will preserve their own lives and those with whom they live, even with the restrictions of daily coexistence. May knowledge be an ally to us in the face of the pandemic situation and may cause the scenario that presents itself not to get even worse, considering all the thousands of lives that have been taken by COVID-19.

Keywords: Pandemic, COVID-19, individualism.

1. Introdução

Em meio à pandemia do novo Corona-Vírus no Brasil, o comportamento do brasileiro agravou a disseminação do vírus pelo país. Esse comportamento é analisado através de alguns aspectos acerca de uma visão histórico-social sob a perspectiva da violência na base da formação do povo brasileiro, como a escravidão e outras formas de se exercer o poder, uma visão a partir das dificuldades entre mandos e desmandos pela relação entre Ministério da Saúde e poder executivo em meio à pandemia, o caráter ético e anti (ético) do indivíduo no sentido de suas decisões pessoais em contraposição a uma visão de segurança coletiva e ainda como um conservadorismo crescente na sociedade pôde dificultar no cumprimento dessas regras de combate a disseminação evidenciado pelo “negacionismo” científico e fundamentalismo religioso.

2. Fundamentação Teórica

Este artigo foi realizado à partir de uma revisão de literatura, portanto, é um trabalho exclusivamente teórico, sendo inaplicáveis a realização de metodologia da pesquisa e de coleta de dados. Para dar início à realização deste artigo, foram realizadas publicações em livros, artigos em revistas/periódicos e reportagens, em

meio físico (livros publicados) e em meio eletrônico (*internet*), todos reconhecidos como fontes confiáveis para a elaboração de um artigo. Na medida em que foram feitas as buscas bibliográficas, foi verificada a possibilidade de relacionar o tema centralizador “pandemia” com assuntos que mais frequentemente apareceram na busca: política, história, comportamento social, comportamento individual e ética. Para a realização da pesquisa bibliográfica, não foram delimitados períodos ou datas específicas das publicações dos livros, artigos ou reportagens, sendo utilizadas as consideradas de maior relevância.

3. Uma retrospectiva histórica para o comportamento do brasileiro

a. Uma história de violência e desconfiança

A constituição do Brasil como Estado foi, desde o início da sua colonização, reconhecidamente violenta. Inicialmente a escravidão indígena foi explorada pelos portugueses, que se aproveitavam das rivalidades intertribais locais, aliavam-se a uma tribo no combate com as demais de forma a favorecer tanto os índios aliados como o processo de escravização da tribo inimiga pelos portugueses. A escravidão indígena só foi proibida no Brasil em 1757, em um decreto do Marquês de Pombal. Entre 1539 e 1542 teve início o uso de mão de obra escrava africana na colônia brasileira. De acordo com o censo de 1872 encomendado por Dom Pedro II, o Brasil registrava 10 milhões de habitantes, onde a população escrava correspondia a 15,22% desse total (CENSO 1872).

Essa que ficou conhecida como a maior escravidão do mundo era extensivamente usada na produção canavieira, cafeicultura e na mineração, embora também fosse utilizada em serviços domésticos e outros ofícios como carpinteiros, sapateiros, pedreiros. As relações dos escravos com seus dominadores ocorriam em uma sociedade patriarcal (Freyre, Gilberto) e, embora em muitos casos fosse marcada por negociações diretas entre o senhor e seus escravos, inclusive com possibilidade da compra própria alforria pelo cativo, era respaldada pela lei quanto ao uso da violência para seu controle.

Como exemplo, a lei número 4 de 10 de junho de 1835 proibia os escravos de causar qualquer tipo de ofensa ou agressão ao patrão e aos companheiros que com

ele moravam, punindo-os com acoites ou, na maioria dos casos, com a pena de morte (Lei número 4 de 10 de junho de 1835- pág. 5). A banalização do uso da violência durante todo o período escravista do Brasil foi registrada por historiadores como Maria Helena Pereira Toledo Machado em seu livro “Crime e Escravidão”, e mecanismos de tortura como o anjinho, o tronco, o açoite e o ferro quente eram de comum uso pelos senhores.

b. O homem cordial

Em seu livro “Raízes do Brasil” (27 ed, 2014), lançado inicialmente em 1936 e tendo sido posteriormente objeto de várias reedições ao longo do século XX, Sérgio Buarque de Holanda consagra o termo “homem cordial” para classificar o comportamento do brasileiro. O senso comum tende a adotar o significado de cordial como aquilo denota sinceridade, afabilidade, amabilidade. Embora seja esse um dos sentidos da palavra, o “Cordial” dado por Sérgio Buarque se refere ao “relativo ao coração” de maneira conotativa para expressar a impulsividade, o domínio das ações pela emoção, pelos sentimentos, comum em nossa cultura.

Essa forma impulsiva, emotiva, pouco ponderada de agir ante ao inesperado é um reflexo ainda facilmente observado em expressões como “vou acabar com sua raça” usadas nos conflitos cotidianos no país ou em brigas de trânsito ou bares que rapidamente saem de discussões para agressões físicas.

c. O “jeitinho” brasileiro

Diante de uma herança violenta, seja no contexto escravista, seja no contexto atual de comunidades carentes, e do comportamento impulsivo, alguns historiadores contemporâneos, como o historiador Leandro Karnal, defendem o uso do “jeitinho” brasileiro como uma forma de enfrentamento sem o confronto direto. A insegurança ante o comportamento tipicamente passional, o medo pelo histórico de violência conhecido e divulgado nas mídias, leva o brasileiro a adotar uma postura de negociação ante a situações de confronto. Esse posicionamento do brasileiro é

tipicamente marcado pelo uso do diminutivo nas situações em que, diante da possível negativa usa expressões como “só mais um pouquinho, dar um jeitinho...” e da apresentação inicial sempre por cumprimentos ou sinais de amistosidade. Essa forma de negociação, constantemente adotada nos enfrentamentos, essa postura de constante desafio ao status quo sem confrontar diretamente pelo medo, seja do uso da violência, seja pela reação inesperada do confrontado, caracteriza a sociedade brasileira como permissiva e pouco aderente às normas e leis.

4. A ética no Brasil

Para Aristóteles (Aristóteles - Política, editora Vega, 1998) a ética consiste naquilo que diz respeito ao indivíduo, a arte do “saber viver”. Trata do comportamento moral, aquilo que é justo. Com essa definição, é possível questionar se a prática se assemelha à teoria, tendo em vista o atual momento da sociedade brasileira: o de enfrentamento da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV2, que é a causa da doença Covid19. Desde o primeiro caso da doença anunciado em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China (Estado de Minas Internacional, 2020), o comportamento da população brasileira foi bastante oscilante. Por exemplo, quando foi divulgada uma imagem de uma fila de caminhões militares para remover corpos de vítimas do coronavírus em uma provinciana Itália, no mês de março (UOL, 2020), época em que o país contabilizava cerca de 35 mil pessoas infectadas e quase 3 mil óbitos -, houve uma comoção nacional.

No entanto, quando o Brasil atingiu a marca de cem mil mortos, em Belo Horizonte, foi permitida a abertura parcial do comércio para compras em comemoração ao dia dos pais, o que causou aglomeração nas ruas e no comércio da cidade (Estado de Minas Gerais, 2020). Esse fato demonstra que, mesmo com um número tão alto de mortos em detrimento do novo coronavírus, parte da população ainda age como se isso não estivesse acontecendo. Assim sendo, pode-se questionar onde está a ética daqueles que, em meio a um surto viral, consideram mais importante a comemoração de um feriado à preservação da vida.

Essa diferença no comportamento dos brasileiros frente aos acontecimentos nas duas nações, Brasil e Itália serve para mostrar como perdemos o sentimento de amor ao país e aos nossos compatriotas, e também como nos "acostumamos" com a tragédia e a desgraça com o tempo. Essa comoção acerca do que acontece em outros países e descaso com o que acontece em sua própria nação demonstra que o sentimento patriota é quase inexistente. E, essa conduta é contrária àquilo que Aristóteles (Aristóteles - Política, editora Vega, 1998) define como ética, que também diz respeito à conduta do ser humano na sociedade – aqui sendo a sociedade na qual o indivíduo vive e atua. Mas, apesar de reprováveis do ponto de vista ético, as atitudes da população, de descaso com seus conterrâneos, são espelho do comportamento de seus governantes. O presidente, por exemplo, durante todo o período da pandemia, foi flagrado em diversas situações sem fazer o uso da máscara, um equipamento de proteção individual recomendado pela OMS para reduzir a propagação e o contágio por COVID-19. Então, se a maior autoridade do país desrespeita as recomendações em público e em meio a aglomerações, obviamente, grande parte da população vai repetir seu exemplo.

5. Decisões políticas sobre a condução da pandemia no Brasil e no mundo

a. ideologia no contexto político atual

“Ideologia é definido nas ciências sociais como uma forma de concepção de mundo, que se diferencia de outras ideias e projetos políticos” de acordo com Clarissa Neher, jornalista brasileira que escreve no jornal alemão Made for Minds, descreve o contexto político no Brasil, relacionando política e o surto do Covid-19. É notória a existência de uma política tendenciosa: retirar ministros que tem experiência na própria área da saúde, como os ex-ministros e também médicos, Mandetta e Teich, para nomearem ministros das forças armadas, militares assim como o presidente, e sem experiência no âmbito do cuidado nos hospitais.

Questões ideológicas podem ser vistas como indissociáveis de questões relativas ao planejamento de políticas públicas, inclusive nas políticas para o setor saúde. Na transição política de governos considerados “esquerdistas” para uma

gestão de governo considerada conservadora ou “de direita”, como é o governo de Jair Bolsonaro, os eleitores tiveram em um primeiro momento, uma forte expectativa de mudanças.

A propaganda pré eleitoral de Bolsonaro colocava questões polêmicas como, a importância e supervalorização da heterossexualidade na formação da família brasileira, um traço do conservadorismo. Outra identificação ideológica foi daqueles eleitores que viram no presidente uma figura que se representa um país de crença cristã, sobretudo os fiéis das igrejas protestantes e neo-protestantes. Mas, com o agravamento da pandemia, a confiança no governo diminuiu, os gráficos estatísticos relativos à aprovação da gestão do presidente Bolsonaro, desceram, mostrando o descontentamento com o governo que vigora desde o início de 2019.

Ainda no jornal *Made for Minds* há a citação do cientista político Markus-Michael Müller sobre a questão da ideologia: “Há paralelos temporais de como a ideologia foi rejeitada na época da ditadura e agora com Bolsonaro. Essa rejeição ocorre numa retórica discursiva que associa ideologia a tudo o que seria de esquerda e apresenta a direita como um projeto livre de concepções de mundo. Os militares se apresentavam como apolíticos e com um projeto neutro, que combatia um projeto ideológico de esquerda que vinha de fora e deveria ser excluído por não corresponder aparentemente aos valores da sociedade brasileira”.

Com a anterior citação de Markus-Michael Müller, conclui-se que, no conceito de ideologia na política há uma igualdade de valores, mesmo em diferentes tempos históricos. Se, na época da ditadura militar, os militares eram apolíticos e rejeitavam as ideias e valores de outros países, atualmente Bolsonaro se associa a governos neoliberais, como os Estados Unidos de Donald Trump para tratar de economia, e não tem um projeto livre de concepções de mundo, mesmo que esse projeto não se estruture em conhecimentos científicos e de políticas para a saúde.

b. Preparação/antecipação do país prestes a chegada do Corona vírus

A China, em 31 de dezembro, informou a Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre um vírus que estava se espalhando pelo país e em março já estava em

114 países onde foram registrados pela OMS 118 mil casos e 4.291 mortes. Diante a eminente propagação do vírus em todo mundo, em março deste ano, o governo federal, por meio do Ministério da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, anunciava um resumo das principais medidas de combate ao novo Corona vírus. Neste mesmo mês a OMS declarava a pandemia.

Em sessão a parlamentares, o ministro destacou medidas como o cuidado a idosos com morbidades crônicas ou não, pois estes são o grupo de maior risco. O ministro ainda ressaltou o aumento no investimento da pasta para possibilitar o atendimento médico em postos de saúde, sendo estes o primeiro atendimento em caso de suspeita, estendendo esses atendimentos com horários ampliados. Esse programa se estenderia a todos municípios e se chama Saúde na Hora 2.0 com gasto estimado em 900 bilhões. O ministro destacou ainda que os insumos adquiridos com a China, nesse primeiro momento, em torno de 4 milhões de máscaras, deveria ter uma prática de preço não abusiva em que antes cada máscara era comprada a 11 centavos passando posteriormente a 2 reais. Além dessas medidas, apresentou a ideia de se criar um conselho interministerial para ações em conjunto de vários ministérios.

c. Ações de combate ao Corona vírus/ministério da saúde e mudança de ministros

Em março de 2020 algumas medidas foram anunciadas como recomendação para cancelamento de eventos e cruzeiros turísticos, em São Paulo e no Rio de Janeiro, Home Office e suspensão de aulas, medida provisória com pelo menos R\$ 5 bilhões adicionais, reforço no Mais Médicos, capacitação dos laboratórios para testes de Sars-Cov-2, mais leitos de UTI e horário estendido em postos de saúde. Em 16 de abril o Ministro responsável pela pasta do Ministério da Saúde renuncia ao cargo em meio a dificuldades de implementação de medidas de isolamento mais fortes e divergência quanto ao posicionamento do presidente da república, que defendia a abertura do comércio. Mandetta se alinhava à recomendação da OMS, mas com dificuldades de efetivação das mesmas em função dessa dificuldade com o Executivo.

Mandetta defendeu seguir as recomendações de especialistas locais para o enfrentamento da disseminação do vírus e defendia ainda base científica para o enfrentamento efetivo ao alastramento da doença. Em meio a essa situação houve então uma discussão em vista a quem se deveria seguir essa recomendação de isolamento ou não, ficando a cargo do Supremo Tribunal Federal (STF) a decisão. No dia 15 de abril, o STF decidiu que, além do governo federal, os governos estaduais e municipais tinham poder para determinar regras de isolamento, quarentena e restrição de transporte e trânsito em rodovias em razão da epidemia do Corona vírus.

Após a saída do ministro Mandetta, assume a pasta do Ministério da Saúde Nelson Teich e no dia 27 de abril as entrevistas de cunho técnico foram retomadas e o novo ministro diz que “nada será feito de uma hora para outra”, declara ainda que conversará com governadores e que nenhuma medida intempestiva será tomada sem ter sido pensada. O Ministro Teich renúncia ao cargo no dia 15 de maio, também por divergências com o governo Bolsonaro sobre a política adotada no combate ao Corona vírus, principalmente com relação a indicação ao uso de medicamento (Cloroquina) sem base científica comprovada sobre sua eficácia no tratamento da Covid 19. Com a saída de Nelson Teich, assumiu interinamente o Ministério da Saúde o General Eduardo Pazuello, homem de confiança do presidente Jair Bolsonaro. Pazuello vinha atuando como secretário-executivo da Saúde desde a transição de Mandetta. O ministro interino foi classificado como “resolvedor de problemas” segundo um colega do Curso do Comando de Estado-Maior do Exército.

Após chegar ao número de 100 mil mortos pela pandemia, o ministro interino, se contradiz dizendo que apoia as medidas autônomas dos estados e municípios, no entanto se diz favorável a reabertura das atividades econômicas se alinhando com o discurso do presidente que defende a manutenção dessas atividades desde maio. Dia 8 de agosto, o ministro interino afirma que “é preciso entender como conter o sangramento” e que “não há nesse momento diferenças ideológicas ou partidárias”. Pazuello ainda sugere atendimento imediato e preventivo.

6. Considerações finais

Em suas raízes de colonização ibérica, o Brasil carrega um histórico de violência, medo e um comportamento passional ante seu concidadão, que leva uma postura de negociação no que tange o cumprimento das leis e uma sociedade permissiva.

Além disso, uma mudança na perspectiva ideológica política recente voltada para valores conservadores (família, religião, militarismo) e um negacionismo científico agravaram o quadro do país que, medida pós medida adotada durante crise pandêmica levaram o país para um grande número infectados e óbitos quando comparado as demais nações.

Com um pensamento coletivo, uma política voltada para os interesses sociais e não puramente econômico liberais e aliada a ciência e as práticas indicadas pela OMS, poderíamos ter tido um quadro muito diferente para a crise instalada no Brasil.

Referências bibliográficas

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 254 p.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime patriarcal**. São Paulo: Global, 2013. 726 p.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. 1. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019. 272 p. ISBN 8556080421.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma Biografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 808 p. ISBN 853592566X.

KAHNEMAN, Daniel Rápido e Devagar dia formas de pensar, Objetiva – São Paulo 2012.

BBC NEWS (Brasília). **O que o Brasil está fazendo para combater a pandemia do coronavírus**. BBC News, Brasil, 11 mar. 2020. Política, p. 1-1. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51844550>. Acesso em: 16 set. 2020.

SHALDERS, André. **Quais são as principais medidas do governo brasileiro contra o Coronavírus até agora?**. BBC News, Brasília, p. 1-1, 14 mar. 2020.

Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51889723>. Acesso em: 16 set. 2020.

FALCÃO, Márcio; VIVAS, Fernanda. **Supremo decide que estados e municípios têm poder para definir regras sobre isolamento: Em sessão por videoconferência devido à epidemia de coronavírus, ministros julgaram ação que questionava medida do governo federal de concentrar poder para decidir sobre normas.** G1, Brasília, 15 abr. 2020. Política, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/15/maioria-do-supremo-vota-a-favor-de-qu-e-estados-e-municipios-editem-normas-sobre-isolamento.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2020.

GLOGO NOTÍCIAS (Rio de Janeiro). **Ministro Nelson Teich diz que não haverá medida intempestiva contra o isolamento social: Novo secretário-executivo Eduardo Pazuello anunciou que, a partir de agora, as orientações vão ser diferentes para cada região do país. Já o ministro Nelson Teich disse que a saída do isolamento social não vai ocorrer de uma hora para outra..** G1, [S. l.], 24 abr. 2020. Jornal Nacional, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/04/27/ministro-nelson-teich-diz-que-na-o-havera-medida-intempestiva-contra-o-isolamento-social.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2020.

UOL (São Paulo). **Com renúncia de Nelson Teich, governo brasileiro entra em combustão, afirma El País...** - Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/16/com-renuncia-de-nelson-teichgoverno-brasileiro-entra-em-combustao-afirma-el-pais.htm?cmpid=copiaecola>. Uol, São Paulo, 15 maio 2020. coronavírus, p. 1-1. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/16/com-renuncia-de-nelson-teichgoverno-brasileiro-entra-em-combustao-afirma-el-pais.htm>. Acesso em: 16 set. 2020.

ARAÚJO, Carla; ANDRADE, Hanrrikson de; OLIVEIRA, Marcelo. General Pazuello: **Saiba quem é o novo ministro interino da Saúde...** - Veja mais em <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/15/saiba-quem-e-ge-neral-pazuello-o-novo-ministro-interino-da-saude.htm?cmpid=copiaecola>. Uol, São Paulo e Brasília, p. 1-1, 15 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/15/saiba-quem-e-ge-neral-pazuello-o-novo-ministro-interino-da-saude.htm>. Acesso em: 16 set. 2020.

SILVEIRA, Daniel; COELHO, Henrique. **Após 100 mil mortes por Covid-19, ministro interino da Saúde diz que Brasil precisa entender como parar o sangramento: Ministro diz que apoia apoia ‘todas as medidas de municípios e estados contra o novo coronavírus, citando inclusive o afastamento. Declaração de Pazuello diverge de portaria assinada por ele em que orientou a abertura das atividades econômicas..** G1, [S. l.], 10 ago. 2020. Rio de Janeiro, p. 1-1. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/10/fiocruz->

inaugura-no-rio-unidade -para-processar-15-mil-testes-de-covid-19-por-dia.ghml. Acesso em: 16 set. 2020.

YURK. **Ética Aristotélica. Formação Solidária.** Disponível em: <https://www.formacaosolidaria.org.br/2013/06/03/eticaaristotelica/#:~:text=A%20%C3%A9tica%2C%20nas%20obras%20Aristot%C3%A9licas,utiliza%C3%A7%C3%A3o%20dos%20prazeres%2C%20a%C3%A7%C3%A3o%20virtuosa>. Acesso em 3 de junho de 2013.

FERREIRA, Adriano Rodrigues. **Reflexões: da ética Aristotélica para a ética na sociedade brasileira atual.** Administradores.com. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/reflexoes-da-etica-aristotelica-para-a-etica-na-sociedadebrasileiraatual#:~:text=Da%20%C3%A9tica%20Aristot%C3%A9lica%20para%20a,profissional%20ou%20do%20senso%20comum.&text=Objetiva%20transparente%20as%20mudan%C3%A7as%20vistas,em%20dois%20momentos%20da%20hist%C3%B3ria>. Acesso em 22 de junho de 2008.

ARISTÓTELES, **Política**, Tradução de Antônio Campelo de Amaral e Carlos Gomes. Editora Vega, 1998.

ALVES, Rafael. **Tudo sobre o coronavírus – Covid-19: da origem à chegada ao Brasil.** ESTADO DE MINAS INTERNACIONAL. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/02/27/interna_nacional,1124795/tudo-sobre-o-coronavirus-covid-19-da-origem-a-chegada-ao-brasil.shtml. Acesso em 27 de fevereiro de 2020.

TEIXEIRA, Lucas Borges. **100 mil vidas perdidas.** UOL NOTÍCIAS. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/brasil-tem-100-mil-mortes-para-covidespecialistas-temem-efeito-bumerangue/#cover>. Data de acesso indisponível.

LIMA, Deborah. COURI, Leandro. **Dia dos pais: BH tem domingo ‘normal’ após 100 mil mortos.** ESTADO DE MINAS GERAIS. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/09/interna_gerais,1174533/dia-dos-pais-bh-tem-domingo-normal-apos-100-mil-mortos.shtml. Acesso em 09 de agosto de 2020.

MOURA, Vanessa. **Itália: Imagens com fila de caminhões militares para remover corpos de vítimas do coronavírus comovem internautas.** UOL. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/mundo/2020/03/5602785-italia--imagens-com-fila-de-caminhoes-militares-para-remover-corpos-de-vitimas-do-coronavirus-comovem-internautas.html>. Acesso em 19 de março de 2020.

AMES, José Luiz. **Aristóteles: por que vivemos coletivamente?** Tribuna. Disponível em: <https://www.tribunapr.com.br/noticias/aristoteles-por-que-vivemos-coletivamente/>. Acesso em 23 de abril de 2006.

BRAGON, Ranier. CARVALHO, Daniel. **Nos últimos 14 dias, Bolsonaro se aglomerou e interagiu, sem máscara, com centenas de pessoas.** UOL, Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/07/nos-ultimos-14-dias-bolsonaro-se-a-glomerou-e-interagiu-sem-mascara-com-centenas-de-pessoas.shtml>. Acesso em 7 de julho de 2020.

Autor desconhecido. **COVID-19: OMS atualiza guia com recomendações sobre uso de máscaras.** OPAS Brasil. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6138:covid-19-oms-atualiza-guia-com-recomendacoes-sobre-uso-de-mascaras&Itemid=812. Acesso em 8 de abril de 2020.

Jornal independente Made for Minds. **Bolsonaro e a ideologia.** 19 de janeiro de 2020. Conteúdo disponível em : < <https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-e-a-ideologia/a-47053263>>. Visualizado em 13 de setembro de 2020.

Correio Brasileiro. **Após 14 anos no poder governo do PT é interrompido pelo impeachment.** Conteúdo disponível em: Conteúdo disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/05/12/interna_politica,531510/apos-14-anos-no-poder-governo-do-pt-e-interrompido-pelo-impeachment.shtml>. Visualizado em 12 de maio de 2016.

CENSO de 1872. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.



CAPÍTULO 5

ENSINO REMOTO DESENVOLVIDO EM ESCOLAS INDÍGENAS POTIGUARA DA PARAÍBA

Leonardo Cinésio Gomes

Iranilda Cinésio Gomes

Ivanilza Cinésio Gomes

Tainá de Moura Santos

Vagner Santos da Silva

ENSINO REMOTO DESENVOLVIDO EM ESCOLAS INDÍGENAS POTIGUARA DA PARAÍBA

Leonardo Cinésio Gomes.

*Centro de informática- Universidade Federal da Paraíba (UFPB) / João Pessoa – PB
leocinesio@gmail.com. Mestrando em Modelagem Matemática e Computacional (UFPB)*

Iranilda Cinésio Gomes.

*Uniassevi- Centro Universitário Leonardo Da Vinci / Mamanguape – PB iranildacinesio@gmail.com.
Graduanda em Biologia (Uniassevi)*

Ivanilza Cinésio Gomes.

*Departamento de Letras - Universidade Federal da Paraíba (UFPB) / Mamanguape – PB
ivannilzacinesio@gmail.com. Graduada em Letras (UFPB)*

Tainá de Moura Santos.

*Departamento de Letras - Universidade Federal da Paraíba (UFPB) / Mamanguape – PB
tainasantos159@gmail.com. Graduada em Letras (UFPB)*

Vagner Santos da Silva.

*Especialista em EJA no Instituto Federal de Rorônia – IFRO/ Polo Mari-PB,
vagner.silva@dcx.ufpb.br. Especialista em EJA (IFRO)*

RESUMO

Com foco nos povos Potiguara da Paraíba, as escolas indígenas atuam com ensino diferenciado e lutam por sua autonomia. Esta pesquisa tem como finalidade socializar para a comunidade acadêmica a importância da educação diferenciada para os povos indígenas e os impactos sofridos nesta educação com o isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19. No que se refere à perspectiva metodológica que norteia este trabalho, optou-se pelo estudo de caso e pela pesquisa de abordagem qualitativa,

de procedimento bibliográfico. Após nossas reflexões, ficou evidente todo o esforço dos profissionais da educação escolar indígena, para que as lacunas no ensino-aprendizagem sejam as menores possíveis. Além disso, compreende-se que é preciso investir o mais rápido possível nas escolas, nos professores e alunos, principalmente no que diz respeito às tecnologias educacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Escolar Indígena. Ensino remoto. Etnia Potiguara.

ABSTRACT: With a focus on the Potiguara peoples of Paraíba, indigenous schools operate with differentiated education and fight for their autonomy. This research aims to socialize for the academic community the importance of differentiated education for indigenous peoples and the impacts suffered in this education with the social isolation resulting from the pandemic of COVID-19. With regard to the methodological perspective that guides this work, we opted for the case study and for the research of a qualitative approach, of bibliographic procedure. After our reflections, it was evident all the effort of professionals in indigenous school education, so that the gaps in teaching and learning are as small as possible. In addition, it is understood that it is necessary to invest as soon as possible in schools, teachers and students, especially with regard to educational technologies.

KEYWORDS: Indigenous School Education. Remote teaching. Potiguara ethnic

1. Introdução

A situação de emergência instaurada no mundo decorrente da pandemia do novo Coronavírus foi a responsável por fazer com que muitas escolas tivessem que migrar às pressas para o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Essa falta de tempo, discussão e preparação para a adoção do Ensino Remoto fez com que essa nova realidade da educação fosse um processo difícil, tanto para professores quanto para os alunos. De acordo com o parecer do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação do Brasil, a longa duração da suspensão das aulas presenciais por conta da pandemia pode acarretar sérios danos na educação, dentre eles:

- dificuldade para reposição de forma presencial da integralidade das aulas suspensas ao final do período de emergência, com o comprometimento ainda do calendário escolar de 2021 e, eventualmente, também de 2022;
- retrocessos do processo educacional e da aprendizagem aos estudantes submetidos a longo período sem atividades educacionais regulares, tendo em vista a indefinição do tempo de isolamento;
- danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda, como stress familiar e aumento da violência doméstica para as famílias, de modo geral; e

- abandono e aumento da evasão escolar. (BRASIL, 2020, p. 3).

Além desse quadro, quando tratamos especificamente da educação escolar indígena percebemos que ele pode se agravar ainda mais. De acordo com o PIB (Povos Indígenas no Brasil), existem aproximadamente 256 povos indígenas em solo brasileiro e, dentro dessa diversidade cultural, há diferenças nos processos de educação que não estão sendo supridas em decorrência da maior crise sanitária da nossa época, marcada pela pandemia da Covid-19. Além disso, se tratando da realidade das aldeias, problemas como má conexão com a internet, falta de aparelhos celulares, computadores, um ambiente propício para os estudos e dificuldade de acesso a material didático são algumas das barreiras enfrentadas na educação escolar indígena atualmente.

Dadas as considerações, esta pesquisa tem como objetivo socializar para a comunidade acadêmica sobre a importância da educação diferenciada para os povos indígenas e os impactos sofridos nesta educação com o isolamento social e a adoção do ensino remoto causado pela pandemia decorrente do Covid-19. Para tanto, realizou-se um questionário envolvendo docentes de uma Escola Estadual Indígena sobre a atual situação da educação, além de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de procedimento bibliográfico abrangendo literaturas que abordam questões referentes à Educação Escolar Indígena.

2. Fundamentação teórica

2.2 Educação escolar indígena e Tecnologias na Educação

Podemos dizer que a educação escolar indígena é tão antiga quanto à história do Brasil. Segundo Marta Valéria Capacla (1995), a educação escolar indígena no país tem seu início desde os primeiros tempos da colonização. Não apenas pela ação educativa dos jesuítas, com seus internatos, catequeses, “mas principalmente porque a necessidade da escolarização surge a partir da realidade de contato das sociedades indígenas com os colonizadores, ou com o que hoje representa a sociedade nacional.” (CAPACLA, 1995, p. 14). De acordo com a pesquisadora, desde o tempo da colonização até os dias atuais muita coisa mudou, contudo, ainda permanece uma

questão básica: “a relação entre culturas diferentes, à relação entre o eu e o outro, entre igualdade e diferença.” (CAPACLA, 1995, p. 14).

De acordo com Nascimento (2016), as lutas por reinvidicação de um modelo educativo que reconhecesse a diversidade e especificidades étnico-culturais da população, surgiram a partir dos movimentos sociais reivindicatórios desencadeados pelo multiculturalismo nos Estados Unidos no final de década de 1960. Tais reinvidicações surgiram como forma de atender às demandas da população afro-americana e de outros migrantes. Assim, foram desenvolvidos programas de ações afirmativas e, no campo educativo, estratégias de reconhecimento da diversidade por meio da educação multicultural. Tal debate ganhou grande visibilidade e expandiu-se para outros continentes. (NASCIMENTO, 2016).

No Brasil, segundo Nascimento, os debates críticos sobre os modelos educacionais direcionados às populações indígenas iniciaram nos anos de 1970, quando uma série de organizações não governamentais passaram a desenvolver experiências inovadoras com educação escolar junto a estas coletividades. “Estas experiências educativas foram marcadas pelo compromisso político com a causa indígena e buscavam oferecer uma educação formal que fosse compatível com seus projetos.” (NASCIMENTO, 2014, p. 15). Deste modo, a partir destas experiências, se iniciou a formulação de materiais didáticos específicos e de propostas curriculares diferenciadas para as diferentes escolas indígenas.

Percebe-se, pois, que as escolas indígenas sempre lutaram e lutam por sua autonomia. O estado da Paraíba, atualmente, conta com 11 escolas estaduais indígenas com ensino diferenciado, essas escolas têm seu público alvo alunos, corpo docente e pessoal de apoio também indígenas da etnia potiguara. Além disso, essas escolas possuem um calendário diferenciado, levando em consideração as especificidades deste povo. As aulas são lecionadas em um viés cultural e espiritual, buscando a autonomia cultural dos estudantes.

De acordo com Gonçalves e Mello (2009), a educação indígena se caracteriza pelos procedimentos tradicionais de aprendizagem de saberes, costumes e ritos característicos de cada povo, de cada etnia. Estes conhecimentos são ensinados de forma oral no dia-a-dia, nos rituais e nos mitos passados de geração em geração. Entretanto, várias etnias indígenas têm buscado a educação escolar como um instrumento de redução da desigualdade, como é o caso dos Povos Potiguara da

Paraíba, que veem a educação como uma forma de afirmação de direitos, conquistas e de promoção do diálogo intercultural entre diferentes agentes sociais.

Além de todo componente curricular obrigatório das escolas não indígenas, nas escolas de ensino diferenciado são ofertadas as disciplinas obrigatórias: Língua Tupi Antigo, Artes-Cultura e Etno-História (legislação e antropologia indígena). Além dessas disciplinas, são realizadas frequentemente aulas de campo mostrando as matas, os mangues e mares, com o intuito de destacar a importância da sua preservação, como também mostrar a relação que o povo tem com esses espaços, que são ambientes sagrados para o povo Potiguara. Ademais, são realizadas palestras com os anciões, cacique e pajés, como forma de assimilar e partilhar conhecimentos. Nas palavras de Bello (1996):

Educação indígena, no seu sentido mais amplo, tem como objetivo a transmissão e a consequente partilha dos costumes, das tradições, da língua e de tudo o que for próprio de uma comunidade indígena em particular. Porém, se através da educação própria do índio, compartilham-se saberes, fazeres, também compartilham-se abandono, desvalorização cultural e, consequentemente, perda da língua, da cultura e da identidade. (BELLO, 1996, p.104).

Nesse sentido, entendemos a educação escolar indígena em toda sua amplitude, pois ela é feita a partir de partilhas das tradições e da língua de um povo que compartilham seus saberes, mantendo vivos seus costumes, e não apenas com o conhecimento pedagógico, como defende Silva (1999):

Entendo educação como todo conhecimento que uma comunidade ou povo possui [...]Essa aprendizagem se dá na família, na comunidade e no povo. Assim, o conceito de educação está intimamente ligado ao de cultura, como aprendizado social de determinadas estruturas, mecanismos e modelos exemplares, no contexto de cada sociedade. Há, então, uma grande confluência dos dois conceitos: cultura e ação pedagógica. Nesse processo, a educação escolar, ao surgir e se desenvolver como um novo espaço e tempo educativo, necessariamente deve basear-se nos princípios educativos e métodos próprios de aprendizagem dos povos indígenas, conforme garante, inclusive, a Constituição do Brasil, para então acrescentar outros conhecimentos, necessários para a vida atual.(SILVA, 1999, p. 71)

No que concerne à tecnologia, sabemos que ela está em todo lugar, sendo de extrema importância nas mais variadas instâncias sociais. No contexto escolar não é diferente, o uso da tecnologia é indispensável, estando ligada diretamente com a parte burocrática e gerencial da escola facilitando seus serviços, na realização e renovação de matrículas, registro de avaliações, aula e frequência, através dos diários online dos professores, auxiliando no ensino-aprendizagem dos alunos, seja ele com o uso de

softwares educacionais, TV, computador, ou no uso de aplicativos nos celulares dos alunos e plataformas que auxiliam na aprendizagem.

Em consonância com a cultura indígena, os professores tentam ao máximo introduzir a cultura digital de forma consciente para sua comunidade estudantil, fazendo uso, sempre que possível, de tecnologias voltadas para os métodos educacionais. No entanto, a transição abrupta do ensino presencial para o ensino remoto devido à pandemia trouxe uma série de novos desafios. Dentre eles destaca-se a falta de experiência dos professores com as novas tecnologias voltadas para a educação. De acordo com a pesquisa do Instituto Península¹sobre o sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do Coronavírus no Brasil, realizada em Junho de 2020, constatou que 88% dos professores antes da paralisação das aulas presenciais, nunca tinham dado aula à distância de forma remota, e 83% dos professores se sentiam despreparados para o ensino remoto. Essa pesquisa revela que esse novo formato de ensino é ainda mais prejudicial para a saúde mental dos professores, principalmente quando não há apoio emocional e treinamento por parte das instituições de ensino. Além disso, manter o engajamento dos alunos nas aulas remotas é outra grande adversidade, uma vez que o distanciamento social gera uma perda de vínculo com os alunos, que era mantido e trabalhado no dia-a-dia do cotidiano escolar.

Aliado a essas questões, a educação escolar indígena de forma remota se configura como um grande desafio na medida em que as aldeias estão situadas na zona rural, assim, nem todos os alunos têm acesso à internet, ou possui esse acesso de forma limitada.

2.3 Povo Potiguara da Paraíba

De acordo com Nascimento e Barcellos (2012), a palavra Potiguara, tem origem do tupi antigo, em português significa “povo comedor de camarão”. São aqueles que habitam as terras de Akajutibiró, palavra de origem do tupi antigo (“caju azedo ou bravo”), refere-se ao antigo nome da cidade da Baía da Traição/PB. Hoje, Akajutibiró é o nome de umas das aldeias pertencentes ao município da Baía da Traição/PB. O povo Potiguara resiste desde 1501, eles ocupavam um território amplo que abrangia

¹ Pesquisa disponível em: https://institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Sentimentos_-fase-3.pdf.

a costa do Nordeste, entre as cidades de Fortaleza/CE até João Pessoa/PB. Povos conhecidos como guerreiros e temidos pelos seus inimigos portugueses. No estado da Paraíba, os Potiguaras ocupavam todo o vale do rio Mamanguape, litoral Norte, desde a Baía da Traição até a atual Serra da Raiz (na época Serra da Cupaoba). (BARCELLOS, 2012).

Segundo Barcellos, os Potiguaras têm uma população de aproximadamente 20.000 mil indígenas, último levantamento realizado em 2012. Atualmente os Potiguaras estão distribuídos em um território de 33.757 hectares, subdivididos em três áreas contíguas em apenas três municípios, são eles: Marcação, Baía da Traição e Rio Tinto, municípios situados no Litoral Norte do Estado da Paraíba.

De acordo com Nascimento e Barcellos (2012) cada aldeia indígena Potiguara, também chamada de comunidade indígena, possui vida, autonomia e convenções próprias. São lideradas por um cacique (liderança) local e um cacique geral, sem restrição de sexo podendo ser do sexo masculino ou feminino que representa a aldeia diante da sociedade indígena e não indígena.

3. Metodologia

Sob o ponto de vista metodológico, a pesquisa consistiu, primeiramente, no levantamento de literaturas que abordam questões referentes à educação escolar indígena, a fim de compreender como ela se deu desde o nascimento da história do Brasil, com a imposição dessa educação pelos jesuítas, até a contemporaneidade, após diversas lutas de movimentos sociais reivindicatórios. Posteriormente, foi aplicado um questionário online para oito professores da Escola da Aldeia Brejinho, localizada na zona rural do município de Marcação-PB, com o propósito de compreender o ponto de vista dos educadores sobre a adoção das aulas remotas decorrentes da pandemia do COVID-19. A referida escola é estadual indígena e atua com ensino diferenciado utilizando uma metodologia voltada para a autonomia e cultura do povo Potiguara. A escola é um polo sede no município, uma vez que acolhe alunos de todas as 15 aldeias existentes no município, além de acolher alunos do centro da cidade.

Devido ao distanciamento social, a pesquisa foi aplicada de forma online, enviada via E-mail e WhatsApp para os docentes no dia 20 de junho de 2020. Na referente data, as aulas remotas já tinham sido adotadas na maior parte do território nacional e o vírus aterrorizava a população, apresentando números alarmantes.

Segundo o site da Sanar², no dia 20 de junho o Brasil tinha um total de **1.067.579** casos confirmados de Covid-19 e **49.976** óbitos, de acordo com os registros do Ministério da Saúde.

Tendo em vista o exposto, o questionário baseou-se em 10 perguntas, entre abertas e fechadas, sobre o cotidiano, as perspectivas, experiências e dificuldades enfrentadas por esses docentes com relação a aulas online:

1. Você imaginava que um dia estaria lecionando fora da sala de aula?
Sim () Não ()
2. Você utilizava ferramentas digitais em sala de aula, se sim quais?
3. Qual a principal plataforma utilizada para a realização das atividades para os alunos durante o Ensino Remoto?
4. Você recebeu algum treinamento/formação para atuar em regime especial com aulas online, se sim, essa formação foi suficiente?
5. Você se sente confortável em ministrar aulas online?
6. Você já gravou vídeo aula para seus alunos?
Sim () Não ()
7. Sua internet tem uma conexão boa suficiente para realização de suas atividades?
8. Na sua concepção, os assuntos ministrados durante o Ensino Remoto Emergencial são compreendidos pelos alunos?
Sim () Não ()
9. Todos os seus alunos interagem durante a realização das atividades?
Sim () Não ()
10. Quais seus principais desafios em ministrar aulas online?

4. Inclusão digital na escola investigada

Sobre sua infraestrutura, a escola investigada possui sete salas de aulas, uma sala de professor, uma biblioteca, uma sala da direção, um laboratório de computação e um espaço destinado ao laboratório de matemática, física, química e robótica. A escola oferece desde o Ensino Infantil ao Ensino Médio, atuando no horário matutino, vespertino e noturno, contando com uma média de 400 alunos regularmente matriculados.

² Disponível em: <https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>

O laboratório de informática possui dez computadores, dos quais apenas seis funcionam, um projetor de imagem, uma TV de 50 polegadas, e acesso a internet, contudo, a internet possui um sinal muito baixo, o que impossibilita seu acesso.

Com um grande número de alunos e com um pequeno número de computadores, os professores dividem sua turma para utilização do laboratório de informática, fazendo com que a realização das atividades sejam mais longas que o normal. Além de utilizar aplicativo nos *smartphone* pessoais dos alunos.



Figura 01- Realização de atividade da disciplina de Matemática, 1ª Serie do Ensino Médio (2019) no Laboratório de Informática.

Na imagem é possível observar os alunos do Ensino Médio utilizando as ferramentas digitais, neste caso em uma aula de matemática manuseando o *software* livre “Geogebra”.

O *Software* “GeoGebra” é um aplicativo matemático dinâmico que combina conceitos de geometria e álgebra empregando uma interfase em três dimensões-3D.

Assim como o professor de matemática, outros professores vêm se esforçando ao máximo para a inserção das novas tecnologias nas aulas, mesmo diante dos empecilhos encontrados na realização dessas metodologias.

As possibilidades que os professores têm para levarem a tecnologia para suas aulas é usar o projetor de imagem, reproduzir vídeos pela TV ou *smartphone* pessoais, caso os alunos disponham desse aparelho ou, ainda, dividir a turma para uso dos computadores.

5. Ensino Remoto em tempos de pandemia do Covid-19

No estado da Paraíba as aulas na rede estadual de ensino, assim como nas demais redes de ensino tanto pública como privada, foram suspensas desde o dia 19 de abril de 2020, em decreto publicado em diário oficial no dia 18 de abril.

Na rede estadual de ensino foi feita a antecipação de um mês de férias escolares. No dia 27 de maio são iniciadas as aulas em regime especial de forma remota em todas as escolas estaduais da Paraíba.

De acordo com a coleta de dados os professores fizeram um curso a distância de gestão de atividades remotas no regime especial com carga horária de 20 horas, no Google *Classroom*, plataforma disponibilizada para as realizações de atividades com os estudantes de todos os níveis de ensino ofertados na escola estadual.

A escola alvo de nossa pesquisa pertence à rede estadual de ensino, e localiza-se na aldeia Brejinho, município de Marcação, também está funcionando com o ensino remoto.

Para conseguir desenvolver as atividades e alcançar o maior número de alunos possíveis, os professores estão fazendo uso de diversas ferramentas digitais como *Google Classroom*, *YouTube*, *e-mail*, entre outras, tais como o *WhatsApp*, que se torna uma das ferramentas mais utilizadas pelos alunos, devido a sua praticidade, velocidade e por ser um recurso mais presente no dia-a-dia dos discentes, o que facilita seu uso. As atividades estão sendo auxiliadas pelos professores das disciplinas para que os alunos tirem suas dúvidas. Além disso, os materiais estão sendo entregues impressos aos alunos do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais, assim como entregue as atividades impressas dos alunos do Ensino Infantil. Essas são algumas das estratégias utilizadas pelos professores da escola da Aldeia Brejinho.

6. Análise dos dados

6.1 Perfil dos professores entrevistados

Foram entrevistados oito professores indígenas, da etnia potiguara, cinco do sexo feminino e três do sexo masculino, todos formados na área de atuação, as experiências em sala de aula variam de 4 a 15 anos. A faixa etária varia entre 27 e 47 anos. Nenhum dos professores tinha experiência em ministrar aulas online, e apenas um teve sua licenciatura de forma virtual.

Todos os professores entrevistados pertencem à etnia Potiguara e residem em aldeias, um na aldeia Alto do Tambá, na cidade Baía da Traição, uma na aldeia Três

Rios e seis residem na aldeia Brejinho, as duas últimas aldeias situadas na cidade Marcação- PB.

6.2 Concepções dos professores sobre as atividades remotas realizadas durante o período de isolamento social

Dos professores entrevistados, apenas dois responderam que já haviam se imaginado lecionando fora da sala de aula, de forma remota, e seis afirmaram que não haviam cogitado essa possibilidade. Essa resposta evidencia a forma abrupta com que os professores foram inseridos nessa nova realidade, pois a maioria se quer havia pensando em lecionar em um ambiente virtual.

Na segunda pergunta, sobre quais as ferramentas digitais que os professores utilizavam em sala de aula antes da pandemia, a maioria respondeu que fazia uso de Datashow, mas nenhum citou alguma ferramenta online de comunicação síncrona ou assíncrona, como as que estão sendo mais utilizadas atualmente no âmbito educacional, como o *Google Classroom*, *E-mail*, *Google meet*, entre outros. Na questão sobre qual a principal plataforma utiliza para a realização das atividades durante o Ensino Remoto, todos os professores responderam que utilizavam o *Google Classroom*. Assim, em consonância com a pergunta anterior, percebe-se que os recursos tecnológicos operados nas aulas presenciais tiveram que se adequar, uma vez que o Datashow não é utilizado em aulas remotas.

Na quarta pergunta, que abordava questões sobre o treinamento dos professores para atuar nas aulas online, cinco dos entrevistados responderam que receberam treinamento na plataforma do *Google Classroom*, e quatro afirmaram que este não foi suficiente para gerenciar a ferramenta; três professores responderam que não receberam nenhum tipo de formação.

Sobre se sentir confortável em ministrar aulas online, 50% dos professores respondeu que não, e a outra metade respondeu que não se sentia confortável no início, mas que aos poucos estão se adaptando.

Todos os oito professores alegaram que não gravaram vídeos explicativos para os alunos, a maioria faz uso de vídeo aulas retiradas de plataformas de *streaming* ou de compartilhamento de vídeos, como o YouTube. Além disso, nenhum realizou até o momento da aplicação do questionário nenhuma vídeoconferência. Por saberem da má qualidade da internet dos alunos, os docentes acham melhor evitar aulas

síncronas, embora considerem pertinente essa comunicação, uma vez que fortaleceria o vínculo com a turma neste momento difícil em que o Brasil e o mundo estão passando.

Sobre a qualidade do acesso a internet dos professores, cinco responderam que não possuem uma internet de qualidade para a realização das atividades, e três afirmaram que tem acesso a uma boa rede. Novamente entramos em um dos maiores dilemas do ensino remoto, a qualidade do acesso à internet no Brasil, principalmente nas zonas rurais. Aliado a essas questões, alguns professores relataram que os alunos sentem dificuldades em assistir às vídeos aulas disponibilizadas. Sendo assim, como fazer um ensino remoto de qualidade se os alunos não têm como assistir as aulas síncronas e também não conseguem ter acesso aos vídeos explicativos disponibilizados? Consequentemente, surgem muitas dúvidas referentes ao assunto ministrado, que são sanadas, em grande parte, pelo WhatsApp.

No que se refere à compreensão e assimilação do conteúdo por parte dos alunos, quatro professores responderam que os alunos não compreendem bem, três responderam que os alunos compreenderam em parte e um respondeu que a turma está assimilando o conteúdo da disciplina.

No que concerne à interação dos alunos nas aulas online, tema da nona pergunta, os professores responderam que cerca de 10% dos alunos estão entregando as atividades de forma online. Sobre a entrega, alguns discentes a fazem pela plataforma do *Google Classroom*. Contudo, a grande maioria entrega os exercícios através de aplicativos de mensagem ou rede sociais como o *WhatsApp*, pois alegam que o telefone celular não suporta o *Classroom*, ou que não possuem internet suficiente para acessar a plataforma. Esse fato ocorre nas turmas do Ensino Médio, uma vez que o Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais o material é entregue impresso para os alunos.

Na décima e última pergunta os professores foram indagados a escrever alguns dos principais desafios enfrentados durante o ensino remoto. Observou-se que os relatos coincidiam entre si, pois assuntos já tratados aqui, como a precariedade de recursos, a má conexão com a internet e a falta de familiaridade com as ferramentas digitais apareceram na maioria dos relatos. Vejamos algumas respostas dos entrevistados:

Entrevistado 1: O principal desafio para mim é a internet, principalmente a dos alunos, eles moram em aldeias na zona rural e nem todos tem internet em casa, pois

os pais não tem condições. Por conta disso grande parte não consegue realizar as atividades.

Entrevistado 2: No início a maior dificuldade era os programas, na época em que me formei não se tinha essas ferramentas na universidade. Demorei um pouco para conseguir usar, ainda estou me adaptando, mas tem ficado mais fácil [...].

Entrevistado 3: Não apenas para mim, mas venho percebendo com meus colegas as mesmas dificuldades, a falta de interesse das turmas, a grande maioria não dá retorno nas atividades, coisa que não acontecia na sala de aula, vemos alunos que antes eram dedicados deixando de fazer exercícios e grande parte dizendo que não consegue responder. A internet deles também um problema.

Através desses relatos é possível constatar a fragilidade do ensino remoto. Não havia por parte do governo um plano de contingência educacional administrativo para situações como essas, deste modo, a maioria das instituições não estavam preparadas seja tecnologicamente, seja teoricamente para enfrentar as atuais circunstâncias.

Quando falamos especificamente dos estudantes indígenas da rede pública, que em sua grande maioria residem em aldeias na zona rural, como os estudantes da escola da Aldeia de Brejinho, percebemos que o quadro se agrava ainda mais. Pois estudantes de baixa renda são menos propensos a terem acesso a aprendizado remoto de alta qualidade, uma vez que não dispõem de um ambiente de aprendizado propício, como um espaço silencioso para os estudos, dispositivos eletrônicos que não precisem compartilhar com o resto da família, internet de alta velocidade e até mesmo supervisão dos pais para auxílio em alguma atividade.

Sendo assim, é inegável o contexto de desigualdade social em que vivemos e a pandemia desvelou ainda mais essas desigualdades, como alegou Janete Palú:

A pandemia revela um cenário de graves problemas sociais que a antecedem e que a partir dela são agravados. Esses atingem principalmente as minorias, as populações menos assistidas pelo Estado neoliberal. Portanto, a pandemia não atinge a todos da mesma forma. (PALÚ, 2020, p.89)

Há realidades sociais, econômicas, étnicas e culturais brasileiras diferentes, principalmente quando falamos da educação escolar indígena, que além de apresentar os problemas de infraestrutura já mencionados, tem uma educação escolar que vai além do conhecimento pedagógico, dado que só pode ser construída efetivamente

com a participação de todos: professores, lideranças, alunos e comunidade indígena, levando em consideração aspectos culturais do povo.

Mediante o que foi exposto, reconhecemos os esforços de todos que fazem a educação para que os danos e lacunas no ensino/aprendizagem deixados pelo COVID-19 sejam os menores possíveis. A pandemia evidenciou um enorme compromisso profissional dos professores brasileiros, após meses da adoção das medidas de distanciamento social e da interrupção das aulas presenciais, os professores não pararam de se reinventar. Com isso, a atual crise do COVID-19 nos mostrou que o ensino brasileiro é carente em diversas instâncias, e que é preciso investir o mais rápido possível nas escolas, nos professores e alunos, principalmente no que diz respeito às tecnologias educacionais, com ênfase nos laboratórios de informática, em uma boa conexão com a internet e na formação dos professores e alunos para usar essas ferramentas.

7 Considerações Finais

Após nossas pesquisas e a colaboração dos professores indígenas em compartilhar suas experiências sobre as aulas remotas, constatamos que os desafios da inclusão digital nas escolas públicas são grandes, das escolas indígenas são ainda maiores. A pandemia do COVID-19 ocasionou uma rápida mudança no cenário educacional e na forma com que as escolas e a própria comunidade indígena veem a educação.

Em um curto período de tempo, em função da urgência e necessidade da adoção de medidas protetivas, os professores e estudantes indígenas tiveram que imergir abruptamente em meio as plataformas digitais. Plataformas essas que antes não faziam parte da sua rotina ou do seu cotidiano escolar. A pandemia avançou precipitadamente alguns anos da educação brasileira, em um ritmo normal tais mudanças levariam mais tempo, uma vez que as escolas não estavam preparadas e os professores e alunos não estavam capacitados para agir em situações tão atípicas.

Por fim, a partir dos relatos dos professores e após nossas reflexões sobre os Potiguaras e a escola investigada, compreendemos que em tempos de pandemia, quando o isolamento social e o ensino remoto se fazem necessários, é preciso, além de se adequar a nova realidade, se reinventar a cada aula para que o ensino-

aprendizagem flua da melhor maneira possível. Não obstante, é fundamental políticas públicas que enxerguem as especificidades do povo Potiguara e assegurem às escolas, professores e estudantes indígenas, a formação e os recursos digitais necessários para a realização do ensino remoto de forma eficaz.

Referências

BARCELLOS, L. **Práticas educativo-religiosas dos indígenas Potiguara da Paraíba**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional da Educação. Parecer CNE/CP Nº 5/2020. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Diário Oficial da União, Brasília, DF. 2020.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Com as alterações adotadas pelas emendas constitucionais nº. 1/92 a 56/2007 e pelas emendas constitucionais nº 1 a 6/94

BELLO, S. **A pesquisa em etnomatemática e a educação indígena**. 4 Ed. Capinas, São Pulo: zetetike, 1996.

CAPACLA, Marta Valéria. **O debate sobre a educação indígena no Brasil (1975-1995)**. Brasília; São Paulo: MEC/Mari-USP, 1995.

FAUSTINO, R. C. **Política educacional no ano de 1990**: multiculturalismo e interculturalidade na educação escolar indígena. Tese de Doutorado. UFSC. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006, p. 330.

GONÇALVES, E; MELLO, F. **Educação Indígena**. 2009. Disponível em: <http://estagiocewk.pbworks.com/f/emily+e+fernanda.pdf>. Acesso em: abr. 2020.

MERCADO, L. P. L. **Novas tecnologias na educação**: reflexões sobre a prática. Maceió, AL: EDUFAL, 2002.

NASCIMENTO, A. N. F. **Interculturalidade e educação escolar indígena em Roraima**: da normatização à prática cotidiana. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2014.

NASCIMENTO, J. M; BARCELLOS, L. O povo Potiguara e a luta pela etnicidade. In: NASCIMENTO, J.M. (Org.). **Etnoeducação Potiguara Pedagogia da Existência e das Tradições**. João Pessoa: Ideia, 2012, p. 11-25.

PALÚ, J. A crise do capitalismo, a pandemia e a educação pública brasileira: reflexões e percepções. *In*: PALÚ, Janete; SCHÜTZ, JenertonArlan; MAYER, Leandro (Org). **Educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

SILVA, A. M. **O Vídeo como Recurso Didático no Ensino de matemática**. Dissertação de Mestrado Em Educação Em Ciências E Matemática – MECM. Goiânia, 2011.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Pesquisa e suas classificações**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, R. H. D. **A autonomia como valor e articulação de possibilidades**: o movimento dos professores indígenas do Amazonas, de Roraima e do Acre e a construção de uma política de educação escolar indígena. Cad. CEDES, Campinas, v. 19, n. 49, p. 62-75, 1999. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0101-32621999000200006> >. Acesso em: dez. 2020.

TEIXEIRA, V. C. G.; LANA, E. S. C. **Interculturalidade e direito indígena à educação** - a política pública de formação intercultural de professores indígenas no Brasil. Educ. foco, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 119-150, 2012.



CAPÍTULO 6

DESIGUALDADE NO ENSINO MÉDIO E O DESEMPENHO DO ESTUDANTE NO ENEM

Aline Cristina Pinto

Maria Cecília Figueiredo Lopes

Renan Junio Gomes Machado

Sofia Moreira de Aguiar

DESIGUALDADE NO ENSINO MÉDIO E O DESEMPENHO DO ESTUDANTE NO ENEM

Aline Cristina Pinto

Graduanda em Estatística na UFMG, formada como Técnica em Informática pelo CEFET-MG. Atualmente, atua como desenvolvedora de software na DTI Digital. Possui interesse nas áreas de Ciência de Dados e Ciência da Computação. Contato em alinecristina3.14nto@gmail.com

Maria Cecília Figueiredo Lopes

Graduanda em Estatística na UFMG, contato em maria.cecilia962@gmail.com

Renan Junio Gomes Machado

Graduando em Estatística na UFMG. Formado como Técnico em Estradas pelo CEFET-MG, atua na empresa Bom Retiro Empreendimentos e Participações LTDA desde junho de 2020 como estagiário. Tem interesse na área de Ciência de Dados, Big Data e Programação. Contato em renanjgm38@gmail.com

Sofia Moreira de Aguiar

Graduanda em Estatística na UFMG. Formada como Técnica em Mecatrônica pelo CEFET-MG, atuou como técnica de laboratório em uma instituição particular de Ensino Superior em 2019. Possui interesse em Ciência de Dados, econometria e sociometria. Contato em sofia.aguiar42@gmail.com

Resumo

O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) abrange seis milhões de brasileiros ao ano. Os seus principais objetivos são ser o meio de acesso a grande parte das universidades públicas e ser um indicador para a comparação das escolas brasileiras. Há, contudo, críticas ao ENEM como indicador da qualidade escolar e do desempenho individual dos estudantes, visto que o formato do exame requer habilidades dos vestibulandos que não são necessariamente aprendidas no ensino médio, principalmente quando trata-se das escolas públicas.

Palavras-chave: ENEM, Qualidade da Educação, Desempenho Educacional, Desigualdade.

Abstract

The Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), National High School Exam in english, is taken by six million Brazilians a year. Its main objectives are to be the means of access to most public universities and to be an indicator for comparing Brazilian schools. However, there are criticisms of ENEM as an indicator of school quality and individual performance of students, since the exam requires skills from the students that are not necessarily learned in high school, especially when it comes to public schools.

Key words: ENEM, Quality of Education, Educational Performance, Inequality.

1. Introdução

O principal método para o ingresso no Ensino Superior no Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), foi criado em 1998 a fim de medir o desempenho dos alunos e avaliar a qualidade do ensino médio brasileiro. Em 2009, uma mudança drástica no exame ocorreu e o mesmo passou a ser o vestibular nacional para ingresso no ensino superior, sendo o único aceito pela maioria das universidades públicas brasileiras.

Esta unificação do exame trouxe diversos avanços para o acesso da população a Instituições de Ensino Superior, ao padronizar os métodos de avaliação e possibilitar que pessoas geograficamente distantes da universidade desejada pudessem também se candidatar. Contudo, também aumentou disparidades existentes entre escolas com mais e menos recursos, mostrando que as diferenças socioeconômicas são fatores determinantes para o bom desempenho do aluno em sua trajetória educacional. Entretanto, o que é necessário não é a igualdade de aprendizado de todos indivíduos, o que deseja-se é a igualdade dos diferentes grupos.

Desta forma, para analisar com sucesso a políticas educacionais e o acesso da população ao ensino superior, é necessário que as disparidade de condições seja colocada no cerne da discussão. Neste trabalho, iremos discutir esses impactos negativos do exame no acesso ao ensino superior no Brasil, sendo um exame que não reflete a realidade da maioria das escolas de ensino médio brasileiras. O ENEM, em seu modelo atual, requer do vestibulando habilidades que, sem o preparo específico, prejudicam muito seu desempenho, como a capacidade de conseguir

realizar uma prova extremamente longa com um método de correção e pontuação sofisticado, o TRI, e escrever uma redação de formato quase exclusivo do exame, mesmo que exista o domínio do conteúdo requerido pelo edital.

2. Dos Fatos

O ENEM, diferente de vestibulares locais, permite que alunos de diferentes regiões e estados do Brasil possam concorrer a vagas em universidades de todo o país. Desta forma, permite que alunos de regiões remotas e menos desenvolvidas possam ter acesso às melhores instituições de ensino superior, que, de acordo com o Ranking Universitário Folha, estão concentradas nas regiões Sudeste e Sul. Entretanto, essa característica do ENEM, normalmente vista como um ganho na democratização do acesso ao ensino universitário, tem um efeito geral contrário de acordo com Silveira, Barbosa, Silva (2015).

Utilizando PIB como principal medidor de riqueza, a mobilidade entre estados é maior de estados mais ricos para os mais pobres. Além disso, as vagas nas universidades dos seis estados com mais ricos (SP, RJ, MG, RS, PR e BA, em ordem decrescente de PIB) são ocupadas majoritariamente por pessoas desses mesmos estados mais ricos. Ainda de acordo com Silveira, Barbosa, Silva (2015), é possível também relacionar o grau de riqueza dos estados com o nível socioeconômico dos vestibulandos analisados, demonstrando que a possibilidade de mobilidade entre estados pelo ENEM beneficia vestibulandos de maior grau socioeconômico, dificultando que alunos de regiões mais pobres ocupem as vagas de ensino superior do próprio estado.

Pode-se concluir, portanto, que tal característica do ENEM agrava desigualdades econômicas e regionais no acesso ao ensino superior. Em seu artigo, Barros (2014) analisa os vestibulares através da história do Brasil, salientando como no início do século XX estes eram utilizados para barrar o crescimento do número de alunos de ensino superior no Brasil e também como um exame “de habilitação”, a fim de verificar se o indivíduo possui os conhecimentos necessários para cursar o ensino superior. Nos anos posteriores até hoje, a ideia de “habilitação” se manteve e moldou a maneira que os vestibulares são feitos para selecionar alunos. O ENEM, atual principal método de ingresso no ensino superior, contudo, não foi idealizado pensando

em assumir este papel, tendo desta maneira muitas falhas. Estas são de acordo com Barros (2014 apud MACHADO, 2012):

- Prova excessivamente longa, com 45 questões em cada área do conhecimento; Enunciados extensos, requerendo muita leitura durante a prova;
- Uso do sofisticado TRI, cujas limitações impossibilitam o sucesso do método.
- As falhas apresentadas por Barros são fundamentalmente relacionadas à Base Nacional Curricular Comum (BNCC), que não prevê que o estudante durante sua trajetória curricular treine tais habilidades para que tenha sucesso no exame.

3. Metodologia

Foi utilizado para este artigo uma coletânea de artigos publicados e dados publicados pelo INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) com a finalidade de analisar os aspectos gerais do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), através de um estudo sobre a desigualdade dentro do ensino brasileiro, partindo de uma revisão bibliográfica composta por estudiosos do tema. A finalidade é explicitar o papel da desigualdade nos resultados do exame. Para isso, a pesquisa será baseada em estudos de autores, como Barros (2014), Silveira, Barbosa, Silva (2015) e em pesquisas publicadas pelo coletivo Todos pela Educação (2018), entre outros pensadores que elaboraram artigos pertinentes ao assunto.

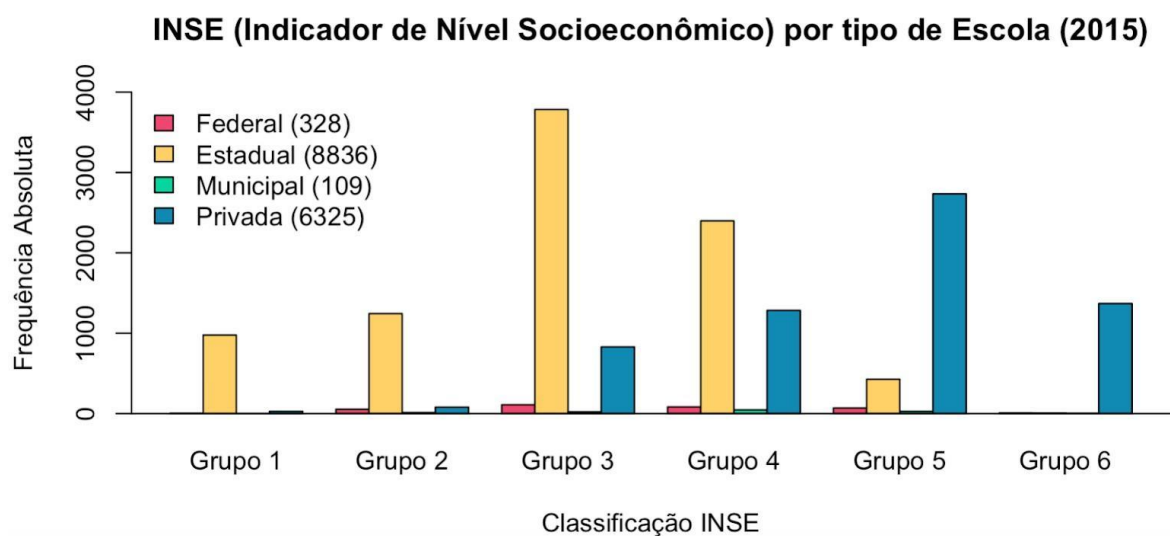
Assim sendo, o presente artigo transcorreu a partir do método conceitual-analítico, visto que utilizaremos conceitos e ideias de outros autores, que também analisaram as desigualdades no ensino brasileiro e o acesso ao ensino superior, para a construção de uma análise científica sobre o nosso objeto de estudo. O método de pesquisa escolhido favorece uma liberdade na análise para se mover por diversos caminhos do conhecimento, possibilitando assumir várias posições no decorrer do percurso, não obrigando a atribuir uma resposta única e universal a respeito do objeto.

4. Análise e Interpretação dos Dados

Afim de acompanhar a qualidade de ensino no Brasil, o INEP, em 2015, desenvolveu o Indicador de Nível Socioeconômico (INSE), com a finalidade de contextualizar o desempenho das redes de ensino em exames realizados pelo mesmo, visto que, analisando produções como as de Bourdieu, o desempenho escolar está relacionado, também, a fatores sociais, econômicos e culturais.

Partindo disso, o INSE foi calculado através de dados dos questionários contextuais respondidos pelos estudantes nos exames do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e disponibilizado, pelo INEP, nos microdados do ENEM por Escola (Edição 2015) em 6 categorias, sendo o Grupo 1 contemplando as escolas com INSE médio mais baixo enquanto o Grupo 6 o mais alto.

Gráfico 1 - INSE por dependência administrativa (ENEM 2015)



O Gráfico 1 apresenta o INSE das escolas de acordo com o seu tipo (dependência administrativa). Pode-se observar que, de forma geral, as escolas privadas situam-se nos grupos de maior INSE médio enquanto as escolas públicas (Estaduais e Municipais) nos menores, evidenciando a realidade brasileira quanto à qualidade de ensino. No ENEM, o resultado desta disparidade pode ser observado pela nota média das escolas nas competências da prova. Para os dados a seguir, foi considerada a média por dependência administrativa das notas médias por escola,

disponibilizadas pelo INEP para as escolas do Sudeste que possuíam o número de participantes entre 90 e 400 alunos.

Para o cálculo de proficiência média da Redação por escola, foi utilizada a média simples dos estudantes participantes da escola.

$$M = \sum_{i=0}^N Mi / N$$

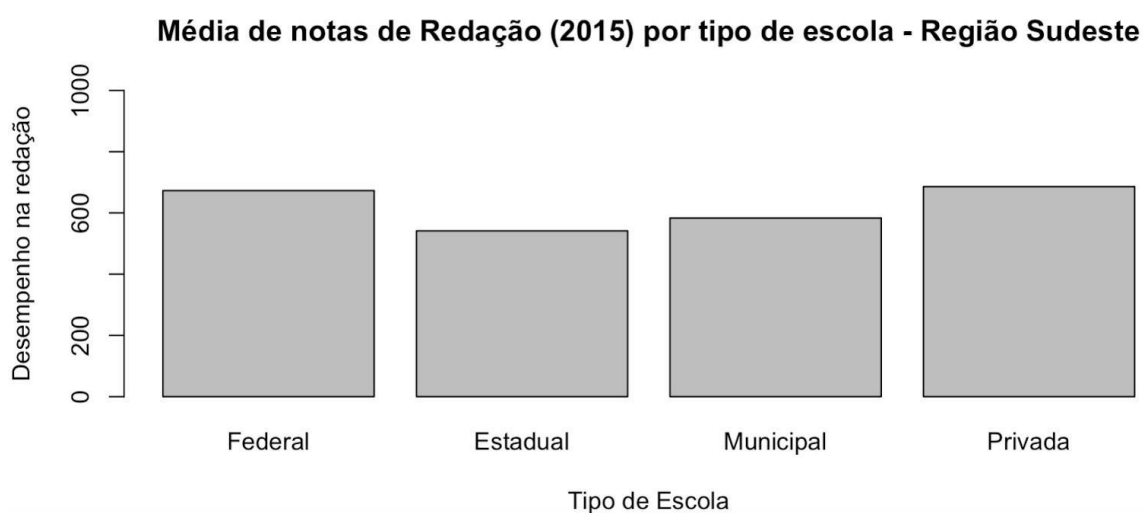
Onde:

M é a proficiência média da Redação;

Mi é o desempenho do i-ésimo estudante na Redação;

N é o número de estudantes que fizeram a Redação, obtendo proficiências superiores a 0 (zero).

Gráfico 2 - Média de Redação por dependência administrativa – Sudeste



O Gráfico 2 apresenta a média de notas da Redação por cada tipo de escola. Mais uma vez, como esperado, escolas privadas possuem uma média maior

comparadas a escolas públicas estaduais e municipais. Relacionando essas médias ao INSE, podemos visualizar com mais precisão como as condições socioeconômicas são fatores decisivos no desempenho do aluno no exame. Ademais, é importante salientar que o jovem que recebe uma educação pública, além de não conseguir ingressar na faculdade pública cuja principal forma de ingresso é pelo Enem, que possui altos níveis de exigência, também tem uma deficiência no aprendizado do que é previsto pela base curricular nacional.

Os dados apresentados pelo site Todos pela Educação (2018), embasados em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 2012 a 2018 (Pnad-C/IBGE), revela que somente 63,5% dos jovens de 19 anos já concluíram o Ensino Médio. Essa taxa é muito baixa e tem crescido pouco (impulsionada pela diminuição da população em idade escolar), revelando as dificuldades presentes nesta etapa. E mais: o Inaf (2018) mostra que 13% das pessoas que concluem o Ensino Médio são analfabetas funcionais.

Com essa breve análise, vê-se que o Enem não é o único culpado por fomentar a desigualdade no ingresso ao Ensino Superior e sim a falta de estrutura da educação pública brasileira. Muitas vezes, é necessário que seus estudantes procurem outros métodos de ensino complementar para conseguir acesso ao Ensino Superior, pois o ensino do currículo regular pela rede pública de ensino geralmente não cumpre seu objetivo principal, e seus usuários acabam não aprendendo o que se deve aprender, virando cidadãos de “segunda classe”. Outro fator é que, se o outro grupo aprendeu mais que outro, na sociedade esse vai possuir melhores oportunidades.

5. Conclusão

Durante este artigo, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi analisado criticamente a fim de correlacionar o ENEM e as desigualdades existentes ao acesso ao ensino superior, a fim de contribuir com a evolução e melhora do exame e maior democratização ao acesso às Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). A partir desta análise, foi exposta a forte correlação entre o grau socioeconômico do vestibulando e seu desempenho no ENEM, como pode ser visto na análise de dados deste trabalho.

Esta correlação é especialmente perversa, pois alunos de baixo grau socioeconômico terão maiores dificuldades para competir com seus pares com mais recursos, dificultando a mobilidade e ascensão social. Portanto, o sistema de cotas estabelecido para o ingresso nas IFES em 2012 é de extrema importância e não deve ser a única ferramenta para amenizar tais desigualdades.

Várias habilidades exigidas pelo ENEM, citadas pelo presente artigo, ainda são extremamente específicas e requerem treinamento que não é parte da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, o INEP deve, junto com a comunidade científica, realizar constantes melhorias no ENEM e buscar primordialmente a democratização do acesso ao ensino superior.

Referências

BARROS, Aparecida da Silva Xavier. Vestibular e Enem: um debate contemporâneo. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 22, n. 85, p. 1057-1090, 2014.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ranking de universidades. 2019. Disponível em: <https://ruf.folha.uol.com.br/2019/ranking-de-universidades/principal/>. Acesso em: 20 set. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Microdados do Enem por Escola. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/microdados>>. Acesso em: 04 out. 2020.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC) (Brasil). Base Nacional Comum Curricular. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em 01 set. 2020.

O INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP) (Brasil). Ministério da Educação. O que é TRI? 2011. Elaborado pela Assessoria de comunicação do Inep/MEC. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/o-que-e-tri/21206. Acesso em: 20 set. 2020.

O INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO

TEIXEIRA (INEP) (Brasil). Ministério da Educação. Enem Historico. 2019. Elaborado pela Assessoria de comunicação do Inep/MEC. Disponível em: <http://inep.gov.br/enem/historico>. Acesso em: 20 set. 2020.

PEM. Instituto Paulo Montenegro: ação social do IBOPE. Indicador de Analfabetismo Funcional: INAF Brasil 2018 –resultados preliminares. INAF Brasil, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1ez6jrlrRRUm9JJ3MkwxEUffltjCTEI6/view>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVEIRA, Fernando Lang da; BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes; SILVA, Roberto da. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): uma análise crítica. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 37, n. 1, p. 1101, 2015.

SEVERINO, Antônio J. Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 2, p. 65-71, 2000.

TODOS PELA EDUCAÇÃO (org.). 4 MONITORAMENTO: meta: todo jovem de 19 anos com o ensino médio concluído. Brasil: Todos Pela Educação, 2018. 20 slides, color. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/_uploads/_posts/128.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.



CAPÍTULO 7

O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS COMO FERRAMENTA CAPAZ DE POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fernanda Marcelle Miranda

Viviane Lima Martins

O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS COMO FERRAMENTA CAPAZ DE POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Fernanda Marcelle Miranda

Professora de Matemática do Ensino Médio Integrado do IFMG Bambuí. Técnica em Administração pela Escola Técnica de Formação Gerencial. Bacharel em Engenharia Química pelo Centro Universitário de Formiga. Licenciada em Matemática pela Universidade de Franca. Licenciada em Química pela Faculdade FAVENI
fernanda.prof.exatas@gmail.com
fernanda.miranda@ifmg.edu.br

Viviane Lima Martins

Doutora em Comunicação e Semiótica, licenciada em Letras, docente do curso de Pós-graduação lato sensu em Docência (IFMG - Campus Arcos). E-mail: viviane.martins@ifmg.edu.br

Resumo: A educação à distância (EAD) é um ensino remoto no qual há o distanciamento físico e a utilização de plataformas online. A EAD é centrada na autoaprendizagem do aluno, enquanto o professor acompanha as atividades e fornece apenas o suporte necessário. Devido ao cenário atual, muitas instituições foram forçadas a aderir ao ensino remoto devido ao isolamento social imposto. O artigo teve como objetivo a avaliação do uso das metodologias ativas como forma de potencializar a aprendizagem na educação à distância em tempos de pandemia. A pesquisa bibliográfica foi realizada através da utilização de livros, artigos científicos, dissertações e teses, disponibilizados pela plataforma do Google Acadêmico, avaliando fontes secundárias de documentações já analisadas e publicadas, atingindo o objetivo da pesquisa. Levando em consideração a pandemia do COVID-19, as instituições de ensino têm aderido de forma consciente a educação a distância adaptando-se às suas vantagens e desvantagens. Algumas das vantagens do EAD são a flexibilização dos locais e horários de estudo, a diminuição dos gastos e o ritmo de estudo próprio de cada aluno. As desvantagens sobrepõem-se, como a falta de adaptação às tecnologias digitais, a limitação da socialização, a falta de preparo dos professores e a dependência da *internet*, visto que muitos alunos não possuem acesso a computadores com internet. As metodologias ativas facilitam o processo de ensino-aprendizagem e estimulam a autoaprendizagem do aluno, sendo o professor apenas o facilitador do processo. Dentre as metodologias ativas utilizadas na EAD, destaca-se a aprendizagem baseada em problemas e a sala de aula invertida, responsáveis pela promoção de uma aprendizagem mais significativa.

Palavras-chave: Educação a distância. COVID-19. Metodologias ativas. Aprendizagem significativa.

Abstract: Distance education (EAD) is a remote education in which there is physical distance and the use of online platforms. EAD is centered on the student's self-learning, while the teacher monitors the activities and provides only the necessary support. Due to the current scenario, many institutions have been forced to join remote education due to the imposed social isolation. The article aimed to evaluate the use of active methodologies as a way to enhance learning in distance education in times of pandemic. The bibliographic research was carried out through the use of books, scientific articles, dissertations and theses, made available by the Google Scholar platform, evaluating secondary sources of documentation already analyzed and published, reaching the research objective. Taking into account the COVID-19 pandemic, educational institutions have consciously adhered to distance education adapting to its advantages and disadvantages. Some of the advantages of EAD are the flexibility of study locations and times, the reduction of expenses and the pace of study for each student. The disadvantages overlap, such as the lack of adaptation to digital technologies, the limitation of socialization, the lack of preparation of teachers and the dependence on the internet, since many students do not have access to computers with internet. Active methodologies facilitate the teaching-learning process and encourage student self-learning, with the teacher being only the facilitator of the process. Among the active methodologies used in distance learning, problem-based learning and the inverted classroom stand out, responsible for promoting more meaningful learning.

Keywords: Distance education. COVID-19. Active methodologies. Meaningful learning.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a maior parte das instituições de ensino adotou a educação a distância na década de 90, mas a primeira legislação específica foi a Lei de Diretrizes e Bases na Educação Nacional, de 1961. Apesar de não ser uma modalidade de ensino recente, a educação a distância tem conquistado seu espaço na sociedade, principalmente com a introdução das tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino básico.

A pandemia causada pelo novo coronavírus afetou várias áreas sociais, inclusive a área da educação. A necessidade do distanciamento social generalizado forçou o fechamento das escolas e suspendeu as atividades presenciais por tempo indeterminado, obrigando as instituições de ensino a adotarem o ensino remoto, do

ensino básico ao ensino superior, para que os alunos não perdessem o ano letivo. Porém, a maioria dos professores se sentem despreparados para ministrar aulas online, e nem todos os alunos possuem acesso a computadores e internet, reforçando a desigualdade social.

Para manter a motivação dos alunos durante a pandemia e facilitar o processo de ensino e aprendizagem na educação à distância, os professores têm utilizado as metodologias ativas em substituição aos métodos tradicionais de ensino, garantindo uma aprendizagem efetiva e significativa.

A estrutura do artigo é composta pela introdução, fundamentação teórica, metodologia da pesquisa, análise de dados, considerações finais e referências bibliográficas. A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de avaliar o uso das metodologias ativas como ferramenta potencializadora da aprendizagem significativa na educação à distância em tempos de pandemia.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Educação à distância

A primeira tecnologia que permitiu a educação à distância (EAD) foi a escrita. A invenção da escrita possibilitou a primeira forma de EAD, o ensino por correspondência. Posteriormente surgiu o livro, a tecnologia de maior contribuição na área da EAD, democratizando o conhecimento. Tardamente, o surgimento do rádio, da televisão, e das tecnologias computacionais possibilitou uma nova dinâmica ao EAD. Cada evolução tecnológica introduziu novos elementos à relação ensino-aprendizagem (SOEK; GOMES, 2008).

A EAD é uma modalidade de ensino na qual ocorre uma separação física entre o docente e o discente, rompendo as fronteiras da sala de aula. Por meio dela, o ensino é mediado através das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) (ROSA, 2017; SILVA, 2019).

O conceito de EAD é definido oficialmente no Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005:

Art. 1º Caracteriza-se a Educação a Distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos

de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2005).

A introdução da EAD na legislação educacional originou-se em 20 de dezembro de 1961, com a Lei Federal nº 4.024/61 (BRASIL, 1961).

Na EAD, o processo de aprendizagem é centrado no aluno, e o professor tutor acompanha as atividades fornecendo o suporte necessário.

A EAD expandiu-se, sendo autorizada no nível superior, graduação e pós-graduação; e na educação básica, ensino fundamental e médio (GAMBARRA, 2015).

Educação a distância durante a pandemia

Devido a pandemia do COVID-19, medidas de isolamento social foram adotadas para prevenir e reduzir a propagação da doença, determinando-se o fechamento das instituições de ensino com suspensão das aulas e atividades presenciais, viabilizando o ensino remoto (CAMACHO *et al.*, 2020).

O distanciamento social, tem sido utilizado como forma de prevenir a expansão do vírus, decretando o fechamento dos comércios considerados não essenciais, como as escolas, porém, o isolamento reforça a exclusão, a injustiça e o aumento das desigualdades (SANTOS, 2020; PAZ, 2020).

Na educação básica, crianças e adolescentes tiveram as atividades escolares suspensas por tempo indeterminado. Universitários, pós-graduandos e estudantes da educação tecnológica, também tiveram as atividades acadêmicas suspensas. Os professores foram dispensados de suas atividades presenciais para trabalhar remotamente (JOYE; MOREIRA; ROCHA, 2020).

A educação está sendo modificada pela adaptação dos alunos e professores. Diversos ambientes digitais de aprendizagem gratuita estão disponíveis para uso no ensino remoto, como: Sistema Moodle, Google Classroom, Youtube, Facebook, StreamYard, OBS Estúdio, Google Drive, Google Meet e Jitsi Meet (PASINI; CARVALHO; ALMEIDA, 2020).

O isolamento social surpreendeu alunos e professores com essa mudança repentina no sistema de ensino. Os professores não estavam preparados para as tecnologias do ensino remoto, e a maioria deles não possuem formação inicial ou

continuada para ministrar aulas online. Nem todos os alunos possuem acesso a computadores e internet de qualidade, aumentando, assim, a desigualdade social.

Para que o ensino remoto seja eficaz durante a pandemia, é necessário que as escolas se adaptem e desenvolvam estratégias didáticas que proporcionem o ensino e a aprendizagem de forma igualitária.

A educação à distância redefine os papéis do professor e do aluno

Conforme Chermann e Bonini (2000):

No ensino a distância o aluno é o cento do processo de aprendizagem e deve ser levado a desenvolver habilidades para o trabalho independente, para a tomada de decisões e esforço auto responsável; o professor nada mais é que um tutor, um agente facilitador da aprendizagem. Ele deve desenvolver no aluno a capacidade de selecionar informações, de refletir e decidir por si mesmo. É preciso lembrar que o professor deve ser, antes de mais nada, um eterno estudante, pois não é o dono do conhecimento; ele é, sim, melhor conhecedor dos caminhos que levam a esse conhecimento (CHERMANN; BONINI, 2000, p. 26).

Na relação professor-aluno na EAD, o professor-tutor deve incentivar a autonomia dos alunos, para que eles superarem as dificuldades e formulem seu próprio conhecimento (IVASHITA; COELHO, 2009).

Na educação presencial, os professores utilizam recursos tradicionais, como quadro e giz. Já na educação a distância o ensino depende da informática, utilizando-se recursos como webconferências, vídeo-aulas, fóruns de discussão e chats (ZAMUDIO, 1997).

A EAD é um cenário de autoformação, que permite ao aluno a autonomia e a autoaprendizagem, sendo o próprio aluno o gestor da sua aprendizagem (TEODORO, 2015).

O professor da EAD diferencia-se dos professores do ensino presencial, não em relação pedagógica, mas institucional.

Metodologias ativas para o ensino-aprendizagem na educação à distância

A metodologia ativa visa estimular a autoaprendizagem e a curiosidade do estudante, sendo o professor apenas o facilitador do processo. O uso das metodologias ativas estabelece autonomia e liberdade ao educando, de modo que ele participe ativamente do processo de ensino-aprendizagem, como indivíduo crítico, reflexivo e construtor do conhecimento (FREIRE, 1997).

As metodologias ativas baseiam-se na resolução de problemas, de modo que os alunos encontrem caminhos, alternativas, possibilidades e escolhas adequadas perante contextos complexos. Favorecem o desenvolvimento de competências, problematizando e ressignificando saberes em busca da construção de novos conhecimentos (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Conforme Christofolettiet *et al.* (2014), a internet e as TDIC's contribuíram para a expansão e disseminação das metodologias ativas.

As metodologias ativas são capazes de promover um processo de ensino-aprendizagem satisfatório na EAD, destacando-se a aprendizagem baseada em problemas, a sala de aula invertida, a aprendizagem entre pares, e a gamificação.

A aprendizagem baseada em problemas (ABP) consiste no ensino por meio da solução de problemas reais ou simulados, desenvolvendo no aluno hábitos de raciocínio, pesquisa e habilidades de resolução. A ABP promove uma aprendizagem centrada no aluno, sendo os professores meros facilitadores do processo de produção do conhecimento (BARROWS, 1986).

Segundo Sardo (2007):

O problema é utilizado para: ajudar os alunos a identificarem suas próprias necessidades de aprendizagem, enquanto tentam compreender o problema; pensar em conjunto; sintetizar a aplicar informação ao problema e começar a trabalhar efetivamente para aprender com os membros do grupo e com os tutores (SARDO, 2007, p. 79-80).

A sala de aula invertida, derivada do ensino híbrido, é uma metodologia ativa que prepara os alunos para as aulas através de recursos a distância, ampliando a absorção do conhecimento por meio da EAD. A ideia da sala de aula invertida é oferecer aos alunos aulas menos expositivas e promover o engajamento, em oposição ao tradicional modelo de ensino (YAMAMOTO, 2016).

Na sala de aula invertida o aluno torna-se sujeito de sua própria aprendizagem, e o professor mantém seu papel de mediador entre o conhecimento elaborado e o aluno (SCHNEIDER *et al.*, 2013).

A aprendizagem entre pares tem como objetivo tornar as aulas mais interativas, fazendo com que os alunos interajam entre si, explicando uns aos outros os conceitos estudados e aplicando-os nas soluções das questões propostas (PINTO *et al.*, 2013).

Por fim, a gamificação traz uma proposta inovadora na EAD, que consiste na aplicação de jogos como facilitador no processo de aprendizagem, auxiliando na resolução de problemas diversos (KAPP, 2012).

A aprendizagem significativa é consequência das metodologias ativas e realiza-se quando os novos conhecimentos adquiridos, as ideias e as informações que apresentam uma estrutura lógica, interagem com os conhecimentos prévios do aluno, disponíveis na estrutura cognitiva (MOREIRA, 1982).

Para uma aprendizagem significativa na EAD é necessário que o professor incentive o educando na busca de um amadurecimento intelectual, social, interpessoal e intrapessoal utilizando a participação como metodologia no processo de ensino-aprendizagem (SILVA; RIBAS; KANUT, 2014).

METODOLOGIA DA PESQUISA

O artigo caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, descritivo e qualitativo, na qual adotou-se um levantamento bibliográfico fundamentado em livros, artigos científicos, dissertações e teses, disponibilizadas pela plataforma do Google Acadêmico.

Executou-se a busca nas bases de dados por meio dos seguintes descritores: “metodologias ativas”; “aprendizagem significativa”, “educação à distância”; “metodologias ativas na educação à distância”; e “educação à distância durante a pandemia do COVID-19”.

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, caracteriza-se pela utilização de fontes secundárias, de documentações já analisadas e publicadas que permitiram atingir o objetivo da pesquisa. Futuramente, essa base de dados será ampliada considerando o ano de 2020 como marco inicial do isolamento social e a introdução do ensino remoto na educação básica, do ensino fundamental ao médio.

ANÁLISE DE DADOS

A EAD tornou-se necessária devido ao isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19, decretando o fechamento de todos os comércios não-essenciais e a suspensão das aulas presenciais em todas as modalidades de ensino.

A EAD apresenta vantagens e desvantagens quando comparada ao ensino presencial:

- Vantagens: flexibilização dos locais e horários de estudo; diminuição do gasto com deslocamento; alternativa aos alunos de áreas distantes que tem dificuldade de se deslocar até a escola do ensino básico; possibilidade de equilíbrio entre a vida pessoal e a vida profissional; abrangência de uma maior quantidade de alunos; o aluno adota seu próprio ritmo de estudo; as aulas ficam salvas e podem ser reprisadas.
- Desvantagens: o ensino online não é democrático; nem todos os alunos possuem acesso à computadores e redes de internet; professores despreparados para o ensino remoto; dificuldade de adaptação às ferramentas digitais; limitação da socialização do aluno; maior disciplina e organização por parte dos alunos; maiores custos de implantação; alto nível de desistência; jornadas de trabalho mais extensas para os professores; pais e responsáveis assumiram o papel dos professores; escola básica presencial garante a alimentação dos alunos carentes; qualidade inferior ao ensino presencial (MUSSIO, 2020).

O COVID-19 forçou a criatividade dos professores para a transmissão de uma educação de qualidade, através da utilização das metodologias ativas. As metodologias aplicadas na EAD promovem uma aprendizagem significativa, tornando o aluno sujeito de sua própria aprendizagem, enquanto o professor age apenas como orientador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o isolamento social provocado pela pandemia, os professores têm enfrentado o desafio de disponibilizar atividades remotas aos estudantes, garantindo o acesso as atividades pedagógicas através de plataformas digitais, como medida de prevenção e combate ao contágio do novo coronavírus.

Devido ao isolamento social repentino, professores e alunos sofrem com a necessidade da utilização de ferramentas digitais em substituição as aulas presenciais. Os professores não estavam preparados para ensinar online e não receberam o suporte necessário para atuar no ensino a distância, e nem todos os alunos conseguem participar ativamente do ensino remoto pela falta de acesso a computadores, celulares ou redes de internet.

A utilização das metodologias ativas transforma o processo de ensino e aprendizagem, onde os alunos deixam de ser agentes passivos e se tornam protagonistas do processo de aprendizagem. No ensino a distância as metodologias constituem estratégias, métodos e técnicas promotoras de aprendizagem significativa, aumentando a qualidade do ensino e da aprendizagem, mesmo que remotamente.

REFERÊNCIAS

BARROWS, H. S. A Taxonomy of Problem-Based Learning methods. **Medical Education**, v. 20, p. 481-486, 1986.

BRASIL. **Lei nº 4.024**, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília: 1961.

BRASIL. Leis e Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Decreto n. 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei 9.394/96, 20 dez. 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, ano 134, n. 248, p. 27833-27841, dez. 2005.

CAMACHO, A. C. L. F. *et al.* Alunos em vulnerabilidade social em disciplinas de educação à distância em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

CHERMANN, M.; BONINI, L. M. **Educação a distância**: novas tecnologias em ambientes de aprendizagem pela Internet. Universidade Braz Cubas, 2000.

CHRISTOFOLETTI, G. *et al.* Grau de satisfação discente frente à utilização de métodos ativos de aprendizagem em uma disciplina de Ética em saúde. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 2, p.188–197, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

GAMBARRA, J. R. A. **O professor que ensina matemática formado em ambientes virtuais de aprendizagem à distância**. Tese de Doutorado em Educação Matemática apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2015, 207 p.

IVASHITA, S. B.; COELHO, M. P. **EAD**: o importante papel do professor-tutor. *In*: IX Congresso Nacional de Educação, EDUCERE; III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009.

JOYE, C. R.; MOREIRA, M. M.; ROCHA, S. S. D. Educação a distância ou atividade educacional remota emergencial: em busca do elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

KAPP, K. **The Gamification of Learning and Instruction**: Game-based Methods and Strategies for Training and Education. Pfeiffer, 2012.

MOREIRA, M. A. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo, 1982.

MUSSIO, S. C. Reflexões sobre as modalidades de estudo na educação a distância: benefícios e limitações. **Revista Educação a Distância e Práticas Educativas Comunicacionais e Interculturais**, v. 20, n. 1, p. 119-129, 2020.

OLIVEIRA, L. R. *et al.* Metodologias ativas de ensino-aprendizagem e suas convergências com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação. *In*: ENCUESTRO IBÉRICO EDICIC, 7, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2015. **Desafíos y oportunidades de las Ciencias de la Información y la Documentación en la era digital**: actas del VII Encuentro Ibérico EDICIC 2015.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações. **Observatório Socioeconômico da COVID-19**, 2020.

PAZ, H. **As desigualdades sociais que a pandemia da covid-19 nos mostra**. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/04/04/artigo-as-desigualdades-sociais-que-a-pandemia-da-covid-19-nos-mostra>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PINTO, A. S. S. *et al.* O Laboratório de Metodologias Inovadoras e sua pesquisa sobre o uso de metodologias ativas pelos cursos de licenciatura do UNISAL, Lorena: estendendo o conhecimento para além da sala de aula. **Revista Ciências da Educação**, ano XV, v. 2, n. 29, p.67–79, 2013.

ROSA, A. A. C. As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) e o ensino a distância: reflexões para estudos de currículo. **The Specialist**: Descrição, Ensino e Aprendizagem, v.38, n.2, p.1-23, 2017.

SANTOS, A. M. Educação a distância: análise dos desafios futuros. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 45341-45354, 2020.

SARDO, P. M. G. **Aprendizagem baseada em problemas em reanimação cardiopulmonar no ambiente virtual de aprendizagem Moodle**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007, 226 p.

SCHNEIDER, E. I. *et al.* Sala de aula invertida em EAD: uma proposta de Blended Learning. **Revista Intersaberes**, v. 8, n. 16, p. 68-81, 2013.

SILVA, E. V. Educação a distância: uma realidade na formação docente inicial. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 5, n. 7, p. 9854-9866, 2019.
SOEK, A. M.; GOMES, D. L. As relações de ensino/aprendizagem na educação a distância e o trabalho do tutor como mediador do conhecimento. **Revista Intersaberes**, ano 3, n. 6, p. 166-176, 2008.

SILVA, J. M.; RIBAS, C. C. C.; KNAUT, M. C. J. A relação professor/aluno na EAD e a promoção da aprendizagem significativa. **Ensaio Pedagógicos**, 2014.

TEODORO, R. A. P. Perspectivas da educação a distância no ensino da matemática. **Revista Multitexto**, v. 3, n. 2, 2015.

YAMAMOTO, I. **Metodologias ativas de aprendizagem interferem no desempenho de estudantes**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração do Departamento de Administração da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, 2016, 101 p.

ZAMUDIO, J. A. Uma experiencia puntual de Educación a Distancia: multimedia UPN, educación para los medios. *In*: CAFIERO, M; MARAFIOTI, R; TAGLIABUE, N. **Atracción Mediática**: El fin de Siglo en la Educación y la Cultura. Buenos Aires, Biblos, 1997.



CAPÍTULO 8

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DO ENSINO TÉCNICO EM MOMENTO DE PANDEMIA

Vanessa Ribeiro Duella
Deyse Almeida Dos Reis

COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DO ENSINO TÉCNICO EM MOMENTO DE PANDEMIA

Vanessa Ribeiro Duella

Licenciada em Letras pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal; Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Alvorada Plus; Pós-Graduada em Direito Educacional e Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal; Docente dos ensinios: fundamental 2, médio e técnico. E-mail: vanessa.silva@etecbebedouro.com.br

Deyse Almeida Dos Reis

Pesquisadora graduada em Gestão da Qualidade e Ciências Biológicas, mestra e doutora em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Desde 2013, colabora em pesquisas científicas relacionadas à bacia hidrográfica do rio Doce. Atua como docente na educação especial, no ensino fundamental e técnico nas modalidades presencial e à distância. Atualmente leciona em programas de pós-graduação nas temáticas meio ambiente e educação. Também realiza projetos voltados à Contabilidade ambiental na identificação de custos e riscos ambientais.

RESUMO

O presente estudo destaca como objeto de análise as competências socioemocionais, as quais, deveriam ser desenvolvidas durante o ensino técnico, mas que devido ao momento turbulento atual em que uma pandemia virótica estabeleceu-se por todo o mundo ameaçando a vida dos cidadãos, fez-se necessário modificar a maneira pela qual os indivíduos se relacionavam cotidianamente, dificultando assim, o estabelecimento de vínculos e o aprimoramentos das aprendizagens. Desta forma, por meio de um breve histórico será possível compreender as atitudes tomadas por órgãos competentes durante esta e outras pandemias existentes no passado. Em seguida, serão apresentadas as competências socioemocionais presentes no ensino técnico e para finalizar haverá uma verificação sobre a situação atual referente a ação desse vírus, além de uma investigação sobre como as escolas técnicas vêm se ambientando para realizar as aulas remotas com qualidade. Portanto, a pesquisa representará uma reflexão sobre o momento atual de pandemia, no qual, as pessoas que cursam o ensino técnico necessitam desenvolver competências socioemocionais, mesmo mentalmente afetadas.

PALAVRAS-CHAVE: Competências Socioemocionais. Pandemia. Ensino Técnico.

ABSTRACT

The present study highlights socio-emotional competences as an object of analysis, which should be developed during technical education, but due to the current turbulent moment in which a viral pandemic has established itself around the world, threatening the lives of citizens, if necessary, modify the way in which individuals related to each

other on a daily basis, thus making it difficult to establish bonds and improve learning. In this way, through a brief history it will be possible to understand the attitudes taken by competent bodies during this and other pandemics existing in the past. Then, the socio-emotional skills present in technical education will be presented and, finally, there will be a check on the current situation regarding the action of this virus, in addition to an investigation on how technical schools have been getting used to conduct remote classes with quality. Therefore, the research will represent a reflection on the current pandemic moment, in which, people who attend technical education need to develop socio-emotional competences, even mentally affected.

KEYWORDS: Socioemotional skills. Pandemic. Technical education.

INTRODUÇÃO

As políticas públicas educacionais, constantemente, criam planos de ações de modo a melhorar a qualidade do ensino brasileiro, por isso, desde a Constituição Federal de 1988 até os dias atuais várias metas foram traçadas, sendo que a partir de 2015 houve a idealização e a inserção aos meios educacionais de uma nova base curricular unificada, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Neste documento estabeleceu-se competências e habilidades, as quais os alunos da educação básica deveriam adquirir durante suas aprendizagens e definiu-se que além de aprimorar os conhecimentos dos estudantes, seria necessário desenvolver valores e atitudes, os quais proporcionariam aos alunos um ensino integral, de modo a formar cidadãos éticos e preparados para lidarem com diversas situações em seus cotidianos.

Apesar da BNCC, ter sido formulada para contemplar os níveis da educação infantil ao ensino médio, suas competências podem e devem ser inseridas a vida de qualquer indivíduo para que este consiga viver em sociedade pacificamente, por este motivo é de suma importância inserir as competências socioemocionais no ensino técnico. Assim, por meio de um breve histórico será possível compreender as atitudes tomadas, hoje e no passado, por órgãos competentes para amenizar o alastramento das pandemias. Em seguida, serão explicitadas as competências socioemocionais, as quais, pretende-se que sejam desenvolvidas pelos alunos de cursos técnicos. Finalizando com a apresentação dos desafios de cumprir as metas impostas pelo governo e a adequação de todos os envolvidos para que as aulas remotas aconteçam e sejam de qualidade, proporcionando o aprimoramento das habilidades discentes.

Logo, com essa pesquisa pretendeu-se, por meio de análises bibliográficas e estudo de caso, mostrar o quanto a ação de um vírus modificou o modo como as pessoas se

relacionam no ambiente escolar, atrapalhando, por vezes, a construção das competências socioemocionais dos estudantes.

1 PANDEMIAS

Na história da humanidade, juntamente ao crescimento populacional nos continentes, surgiram diversas doenças, as quais, necessitaram de medidas higiênicas e do avanço da ciência de modo a intervir nos sintomas e proporcionar a cura. Algumas enfermidades tiveram seus tratamentos realizados por meio da utilização de medicamentos ou vacinas, outras, porém, devido a seu alto poder destrutivo e de contaminação causaram nas populações medo e incertezas, cobrando de órgãos competentes como a Organização Mundial da Saúde (OMS), medidas radicais e investimentos em pesquisas para a criação de fármacos capazes de minimizar as pandemias destas moléstias.

Nos dias atuais, o termo pandemia se popularizou em todo o território mundial, fato este relaciona-se ao alastramento de uma doença causada por um vírus do tipo Corona – o Covid 19 - que vem contaminando muitas pessoas e modificando a maneira como seres humanos estão acostumados viver. Segundo Freitas (2020), a palavra pandemia refere-se a: “uma patologia se espalha dentro de quadros epidêmicos por diversos países e continentes. [...] deve ser infecciosa e atingir um grande número de pessoas simultaneamente, além de possuir uma transmissão inicial local fixada”.

1.1 PRAGA DE ATENAS, O CONTÁGIO POR FEBRE TIFOIDE

Apesar da população considerar essa palavra um neologismo, as pandemias têm sua primeira notificação no período 430 antes de Cristo, durante a guerra de Peloponeso.

Dizem que a doença começou na Etiópia, e depois desceu para o Egito e para a Líbia, alastrando-se pelos outros territórios do Rei (Pérsia). Subitamente ela caiu sobre a cidade de Atenas, atacando primeiro os habitantes do Pireu, de tal forma que a população local chegou a acusar os peloponésios de haverem posto veneno em suas cisternas. Depois atingiu também a cidade alta e a partir daí a mortandade se tornou muito maior (JR, 2020).

Provavelmente, a enfermidade, a qual assolou os gregos, desconfia-se pelos sintomas que se tratava de febre tifoide, pois segundo relatos de Tucídides em seu livro “História da Guerra de Peloponeso” o quadro clínico apresentava as mesmas características do Tifo, “febre alta, mal-estar em um modo geral, diarreia, fortes dores de cabeça, falta de apetite, aumento do baço, manchas rosadas no tronco,

retardamento do ritmo cardíaco e tosse seca” (NEVES e SILVA, 2016, p. 17) aliados a falta de higiene, possibilitou que a doença se alastrasse rapidamente causando mortes em grande escala. Essa moléstia atacou os gregos duas vezes e somente foi possível contê-la pelo fato daqueles, os quais o mal já havia atingido terem adquirido imunidade, ajudando os enfermos na recuperação.

Desta maneira, acredita-se que naquele momento a febre tifoide tenha sido contida, introduzida mais tardiamente, em 1489, ao velho continente por soldados espanhóis em busca de conquistas pelos territórios. Continuando a fazer vítimas no século XVII em uma colônia americana, Jamestown, na qual, dizimou os cidadãos daquele local.

Passados esses episódios o tifo recebeu maiores atenções somente no século XIX, quando esta mazela eliminou 560.000 soldados franceses, os quais lutavam juntamente com Napoleão. Assim, estudiosos da época aprofundaram suas pesquisas para localizarem o agente causador e no início do século XX descobriu-se que a enfermidade era transmitida pela picada de piolhos infectados:

A febre tifoide é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Salmonella entérica typhi*, que possui uma morfologia microbiana Gram-negativa, pertencente à família *Enterobacteriaceae*. Doença essa que está associada à ingestão de alimentos ou bebidas contaminados, tais contaminações deve-se a situações precárias de saneamento básico ou a má higienização desses produtos (NEVES e SILVA, 2016, p. 17).

Entretanto, mesmo a medicina tendo encontrado a forma de transmissão causadora da doença, devido as constantes guerras e condições higiênicas precárias, as quais os seres humanos eram expostos durante as batalhas, a febre tifoide alastrou-se, chegando a matar três milhões de pessoas na Europa Ocidental e na Rússia entre os anos de 1918 e 1922, atacando, inclusive os campos de concentrações, na Alemanha.

Hoje, o tratamento para a tifoide é realizado por meio da utilização de antibióticos prescritos pelos médicos, repouso e reidratação. Existe uma vacina, porém não é tão eficaz quanto às medidas higiênicas e preventivas da doença.

1.2 VARÍOLA – A PESTE ANTONINA

O primeiro relato de doença pandêmica depois de Cristo (D.C.), foi por volta do século II, a denominada Peste Antonina que espalhou-se pela Roma e por outros países devido a chegada de tropas vindas da Mesopotâmia. Esta moléstia matou mais ou menos

5 milhões de pessoas, tendo sintomas assemelhados aos da varíola, os doentes apresentavam vômito, febre e erupções cutâneas.

Penetrando no corpo, o patógeno se espalha pela corrente sanguínea e se instala, principalmente, na região cutânea, provocando febre alta, mal estar, dores no corpo e problemas gástricos. Logo depois destas manifestações surgem, em todo o corpo, numerosas protuberâncias cheias de pus, que dificilmente cessam sem deixar cicatrizes, e conferem coceira intensa e dor. O risco de cegueira pelo acometimento da córnea, e morte por broncopneumonia ou doenças oportunistas, já que tais manifestações comprometem o sistema imunitário [...]. (SÓ BIOLOGIA, 2020)

Atualmente, a varíola é conhecida popularmente pela denominação de bexiga, devido às feridas que aparecem no corpo dos enfermos. Sendo acometida pelo vírus *“Orthopoxvirus variolae”* *pode transmitir-se por meio do contato de objetos infectados pelo doente ou mesmo por secreções expelidas pelas lesões as quais são características da enfermidade.*

Historicamente, com o passar dos séculos, a falta de informações fez com que essa virulência se espalhasse pelos continentes e atingisse países como Egito, Japão, Islândia e Brasil, causando a mortalidade de grande maioria da população. Inclusive quando esta virulência aportou em terras brasileiras, levou diversos indígenas a óbito, pelo fato de que, “além da baixa imunidade, os hábitos coletivos e a falta de tratamentos tornavam a população nativa especialmente vulnerável a doenças trazidas por estrangeiros” (NEIVA, 2020).

Desta maneira, os surtos causados pelas contaminações apenas diminuiram após a descoberta da vacina, “em 26 de outubro de 1977, foi anunciado o último caso de infecção natural pelo vírus da varíola no mundo, na área de Merka, Somália” (Schatzmayr, 2001, p. 1525)”. Portanto, a varíola, até o momento é considerada uma moléstia eliminada, não oferecendo perigo de contágio aos cidadãos, desde que estes sejam imunizados conforme o calendário de vacinação.

1.3 PESTE NEGRA – A PRAGA DE JUSTINIANO

No ano 541 D.C. surgiu a Praga de Justiniano, transmitida durante a guerra pela restauração do Império Romano, causou a morte de 25 milhões de pessoas, além de ser considerada como o primeiro surto mundial da peste bubônica.

Esta enfermidade se espalhou facilmente entre os indivíduos, pois as tropas do

imperador eram transportadas de um continente a outro por meio de embarcações, assim os ratos, os quais viviam no convés e estavam infectados transmitiam a doença para os seres humanos através da picada de carrapatos.

Ademais, essa mazela não teve casos isolados apenas nessa época, pois mesmo com o passar do tempo não parou de se proliferar e ressurgiu em 1346, provavelmente na Ásia, alastrando-se pelos diversos países do mundo por meio de navios mercantis. Neste caso o número de mortes foi maior, uma média de 200 milhões.

Logo, esta patologia causadora de sintomas tão característicos quanto impressionantes recebeu o nome de Peste Negra, pois necrosava as extremidades do corpo, causava febre, além de inflar e produzir pus nos linfonodos dos enfermos.

Outros surtos da Peste ocorreram em diversas partes do mundo, a última notificação de pandemia desta mazela foi na China, século XIX, local, no qual, o tratamento tornou-se possível quando o pesquisador Alexandre Yersin, descobriu a bactéria *Yersinia Pestis* como sendo causadora dos sintomas. A partir de então, antibióticos foram utilizados e a Peste Negra passou a ser considerada um agente com baixo risco de contaminação.

Desta forma, segundo Pinheiro (2020) “a taxa de mortalidade da peste, que era de 60 a 90%, caiu para apenas 10% a 20%, o que quebrou o ciclo de transmissão da bactéria”.

1.4 CÓLERA

Posteriormente a Peste Negra, identificou-se a cólera, “uma diarreia infecciosa grave causada por sorogrupos da bactéria *Vibrio cholerae* produtores de enterotoxinas” (CÂMARA, 2020), foi relatada pela primeira vez em 1817, provavelmente advinda da Índia e proliferou-se:

[...]“ao longo do século XIX, que testemunhou seis pandemias durante 60 de seus cem anos. [...] a cólera foi se espalhando pelo mundo durante anos em cada um dos ciclos pandêmicos. [...] demorando anos para ir de um canto ao outro do globo terrestre, a disseminação da cólera também foi, em grande parte, devido à modalidade da globalização na época: a colonização direta e, portanto, o crescente trânsito entre colonizadores e colonizados (SHULZ, 2020).

Apenas após o acometimento na Inglaterra, em 1849, começaram os estudos para tentar descobrir as causas de proliferação da doença. Nesta época o médico John Snow pressupôs que a infecção ocorreria por meio da água contaminada devido ao saneamento básico quase inexistente e a coleta de água originada dos esgotos ou fossas.

As primeiras pesquisas de Snow foram rejeitadas e necessitou-se que ocorresse

novo adoecimento da população nos anos subsequentes para que autoridades acreditassem nas descobertas do médico. Destarte, conforme os estudos em relação a doença avançaram descobriu-se que:

A infecção se dá pela rota fecal-oral, por ingestão de água e alimentos contaminados em um ambiente de saneamento deficiente. Cerca de 90% dos infectados são assintomáticos, e entre os sintomáticos apenas 10% apresentam diarreias profusas com risco de morte devido à rápida e intensa desidratação seguida de hipotensão e choque. A taxa de ataque secundário da cólera, mesmo em grandes epidemias, raramente excede a 2% (CÂMARA, 2020).

Por conseguinte, John Snow não tornou-se o único a investigar os possíveis motivos pelos quais a bactéria se disseminava. No passado ocorreram muitas especulações, as quais permeavam em torno da forma de contágio e cura desta mazela, assim a cólera foi comparada a Peste Negra, porque ocorreram fases em que a “ferocidade da doença, que matou a maioria dos doentes em apenas um dia” (CÂMARA, 2020).

Então, em conformidade com o avanço das averiguações, percebeu-se que para cessar a infestação pela bactéria seria necessário adotar medidas higiênicas diárias, implantar saneamento básico nas regiões afetadas, além de tratar os doentes com antibióticos.

Nos dias atuais, a cólera ainda pode ser uma realidade em locais carentes de cuidados sanitários, no entanto, há uma vacina, que foi criada por volta de 1990, a qual imuniza pessoas que mantêm contato aos ambientes propícios de proliferação.

1.5 TUBERCULOSE

A tuberculose (TB) ou tísica é outra enfermidade, a qual caracteriza-se como pandêmica, pois desde antes da era de Cristo vêm ocorrendo contaminações da mesma ao entorno do mundo. “Existem relatos de evidência de TB em ossos humanos pré-históricos encontrados na Alemanha e datados de 8.000 antes de Cristo (AC)” (CONDE, 2002).

O bacilo de Koch, como também pode ser denominada esta moléstia, dissemina-se por meio do ar, em locais miseráveis e com grandes aglomerados de pessoas.

Enquanto os povos aumentavam seus domínios com as guerras, levavam ou entravam em contato com o bacilo da TB. Assim, a doença prosseguiu se espalhando mundo afora, mercê consequência das conquistas e da miséria

que a guerra trazia (CONDE, 2002).

*A investigação das características da tuberculose, sua proliferação e possíveis antídotos para a cura surgiram apenas a partir do século XVII quando estudos da anatomia em indivíduos infectados identificaram “estruturas, principalmente no pulmão dos doentes, com aspecto de tubérculos nas vísceras” (CONDE, 2002). Desta forma, em 1882, Robert Koch descobriu o bacilo *Mycobacterium tuberculosis*, fato este que causou grandes esperanças referentes a erradicação da mazela.*

Contudo, apesar de se obterem dados sobre o agente causador apareceram muitas suposições de como acabar com a doença, por exemplo: “necessidade absoluta do isolamento dos pacientes em sanatórios, com repouso total e os climas de montanha e marítimos, além de exposição ao sol, bem como a boa alimentação” (CONDE, 2002). Os tratamentos “a base de quinino, creosoto, enxofre, cálcio e preparados de ouro e bismuto” (CONDE, 2002), também foram constantemente indicados, recorrendo-se em alguns casos a cirurgias de retirada das partes afetadas pela enfermidade e a pneumotórax, injeção de ar no espaço entre o tórax e o pulmão, sendo este o método que por vezes trazia resultados mais satisfatórios.

Assim, efetivamente, décadas se passaram e com a descoberta dos medicamentos realizaram-se diversos testes, elencando nos anos de 1960 um “esquema definitivo, usando três antibióticos ao mesmo tempo, [...] diariamente por 18 a 24 meses” (CONDE, 2002), curando, desta forma, 95% dos infectados.

Atualmente, a tuberculose tem tratamento, porém não conseguiu-se eliminar por completo a doença, pelo fato de que os fluxos migratórios ainda ocorrem, a miséria e a falta de saneamento básico são realidades em diversas partes do mundo, além do crescimento da enfermidade ocorrer principalmente em portadores do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), porque eles têm a imunidade corporal prejudicada como sintoma desta doença.

1.6 GRIPE ESPANHOLA

No século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, a Gripe Espanhola, um vírus do tipo Influenza espalhou-se pelo mundo, de 1918 a 1920. Inicialmente parecia-se com os sintomas de um resfriado, porém apresentava um alto poder de contágio e de mortalidade, desta maneira informações sobre a propagação introdutória do vírus são incertas,

estudiosos pressupõem que o primeiro contato com a doença ocorreu na China ou nos Estados Unidos quando o soldado Albert Gitchell, apresentou os primeiros indícios da enfermidade.

A disseminação desta gripe foi global e ocorreu com rapidez, as tecnologias existentes na época não conseguiam detectar o agente causador, por isso, orientou-se as populações a cumprirem medidas higiênicas, o uso obrigatório de máscaras e o isolamento social, igualmente, está ocorrendo no momento atual. Previdelli apud Miranda (2020) relata que em 1918, as pessoas rapidamente assimilaram que as multidões poderiam causar transmissões. "Os bloqueios foram implementados e houve progresso na aplicação de medidas preventivas que historicamente se mostraram eficazes". A vacina para essa moléstia foi criada apenas em 1944, logo, possivelmente a proliferação da Gripe Espanhola conteve-se devido às populações terem desenvolvido imunidade a doença.

1.7 SÍNDROME DA IMUNODEFICIÊNCIA ADQUIRIDA (AIDS)³

Na década de 80, uma nova moléstia passou a fazer vítimas, relata-se que os primeiros casos apareceram nos Estados Unidos e na África, por isso “acredita-se que a infecção tenha surgido nas regiões africana central e oriental, uma vez que ali teve início sua maior frequência e onde a infecção de primatas ocorre na natureza” (FORATTINI, 1993).

Não há afirmativas de uma data específica quanto ao início da manifestação desta doença, no entanto, pressupõe-se que as primeiras ocorrências aconteceram entre os anos de 1930 a 1950, em tribos africanas afastadas da civilização, nas quais realizavam-se a caça de chimpanzés ou a domesticação dos mesmos.

Desta maneira, a descoberta da AIDS ocorreu somente após 1981, pelo fato de que vários homens americanos usuários de drogas ou homossexuais foram diagnosticados com “sarcoma de Kaposi, pneumonia por *Pneumocystis carinii* e comprometimento do sistema imune” (TREVISOL, 2020).

Então, a partir dos dados coletados sobre a nova patologia, investigações foram feitas em doentes, os quais apresentavam essas características e descobriu-se o agente causador, o Vírus da Imunodeficiência Humana, originário, provavelmente, dos

³ AIDS é a sigla em inglês para *Acquired Immunodeficiency Syndrome* e foi traduzida para a língua portuguesa como Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

macacos verde-africanos e tendo como formas de transmissão “por via sexual, sanguínea, acidental e de mãe para filho (vertical)” (TREVISOL, 2020).

Com o passar das décadas, constatou-se que as pessoas infectadas faleciam pelo enfraquecimento da imunidade corporal e pelo ataque de outras doenças oportunistas, além da modificação constante do HIV, um dos aspectos pelos quais pesquisadores ainda não encontraram a cura para esta doença.

O auge da mortalidade causada pelo vírus foi em 2004, vindo a diminuir constantemente com o passar dos anos. Na atualidade, os indivíduos infectados caso realizem os tratamentos adequadamente conseguem manter “boa qualidade de vida e expectativa de vida similar a pessoas não infectadas” (TREVISOL, 2020). Portanto, o mecanismo mais eficaz para a luta contra a doença é a conscientização das formas de transmissão e os cuidados necessários para não adquirir a AIDS.

1.8 COVID 19

Dezembro de 2019, uma data, a qual historicamente será lembrada como o marco inicial de uma pandemia, que começou em Wuhan, na China e multiplicou-se rapidamente por todo o território terrestre. As primeiras pessoas infectadas tinham contato com um Mercado de Frutos do Mar, por este motivo pesquisadores desconfiaram que possivelmente o hospedeiro do vírus fosse um animal, porém não encontravam relações entre os vírus já pesquisado e o novo exemplar encontrado nos seres humanos doentes, SARS-CoV-2 ou Covid-19 como denominaram os americanos.

Diante disso, a hipótese mais favorável partiu do pressuposto de ter ocorrido uma mutação genética em morcegos ou pangolins, os quais modificaram o agente causador da doença e possibilitou a transmissão para os homens, fato que geralmente acontece com os vírus do tipo Corona:

De cada vez que há uma pandemia, o subtipo dos vírus que circulava anteriormente desaparece. É como que substituído pelo novo subtipo, o da pandemia. Assim, entre 1918 e 1957 estiveram em circulação vírus pertencentes ao subtipo H1N1, entre 1957 e 1968 ao subtipo H2N2 e desde 1968 até ao presente o subtipo H3N2. A única exceção foi a reintrodução do subtipo H1N1 em 1977, ano em que não houve substituição do subtipo H3N2 (ZARAMELA, 2020).

Características desse tipo de virulência, as insuficiências respiratórias podem

ser assintomáticas para alguns pacientes, leves para outros, não passando de simples resfriados ou graves, a Sars-Cov e o Mers-Cov, como tem ocorrido com a maioria dos infectados e as quais causaram muitas mortes no passado e nos dias atuais. Logo, os sintomas apresentados pelos portadores da Covid-19 demoram em torno de 14 dias para aparecerem.

Ao entrar no corpo humano, o vírus se multiplica dentro do nosso nariz e outras partes do sistema respiratório de forma despercebida. Essa fase é chamada de pré-sintomática ou de incubação. Nela, apesar de ainda não haver sintomas, indivíduos contaminados são capazes de infectar outras pessoas (ALDERETE et al, 2020).

Os primeiros sinais da doença são inicialmente semelhantes aos de uma gripe: febre, dor no corpo, tosse e prostração, podendo evoluir para dificuldade respiratória, dor no peito, perda de movimentos ou da fala, além de em alguns casos apresentar indícios inespecíficos, por exemplo, cefaleia, diarreia, erupções cutâneas, conjuntivite, entre outras. Desta forma,

O novo coronavírus viaja, principalmente, em gotículas eliminadas na fala, espirros ou tosse. O contato com elas pode ocorrer de forma direta de pessoa para pessoa, — quando beijamos, abraçamos, apertamos as mãos ou ficamos muito perto de pessoas infectadas —, ou de forma indireta, quando encostamos em superfícies e objetos contaminados (ALDERETE et al, 2020).

Assim, caso ocorra a presença de sinais semelhantes ao da Covid, faz-se necessário a realização de testes comprobatórios e em situações, nas quais a avaliação seja positiva, nos casos leves e moderados os médicos orientam ao isolamento social em casa, mantendo-se distante dos familiares, os quais residem no ambiente, separação dos objetos pessoais, repouso, uso de máscara e utilização de remédios específicos. Já nos indivíduos com sintomas críticos, indica-se a internação em Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) para a inserção de ventilação mecânica.

Assim sendo, o ano de 2020 começou com um novo desafio para a ciência, descobrir a origem do SARS-CoV-2, diminuir ou cessar as transmissões e achar um antídoto eficaz para eliminar o agente causador. Contudo, as contaminações apenas aumentaram rapidamente e com o passar dos meses as mortes também se alastraram, atingindo, principalmente, idosos e indivíduos, os quais continham alguma comorbidade, por isso em 11 de março de 2020 a OMS decidiu emitir um alerta sobre a periculosidade de se adquirir esse tipo de vírus e declarou o “*status*” de pandemia mundial.

Segundo o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, a demora para a definição como pandemia se deu por ser uma palavra perigosa pelas interpretações que pode gerar, mas que o aumento em mais de 13 vezes do número de casos externos à China e as mais de 4 mil mortes justificam a nova classificação.

Os dados apresentados pela organização apontam mais de 118 mil casos em 114 países, com 4.291 mortes (BARRETO, 2020).

Governantes criaram planos de ações para que seus cidadãos não fossem severamente afetados por essa moléstia, anúncios foram feitos às populações de modo a propagar esclarecimentos sobre prevenção e possíveis causas de contaminação. A OMS divulgou as medidas protetivas: isolamento social, uso de máscaras, higienização de objetos pessoais e ambientes, em geral, além da limpeza das mãos, lavando-as ou utilizando álcool em gel na concentração de 70%.

No Brasil, em 21 de março o governador do estado de São Paulo, João Dória anunciou quarentena de 15 dias, iniciando em 24 de março. As exigências impostas estruturaram o decreto 64.881/20, neste determinou-se que lugares, os quais pudessem ocorrer aglomerações deveriam ser fechados:

Artigo 2º - Para o fim de que cuida o artigo 1º deste decreto, fica suspenso:
I - o atendimento presencial ao público em estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços, especialmente em casas noturnas, “shopping centers”, galerias e estabelecimentos congêneres, academias e centros de ginástica, ressalvadas as atividades internas;
II – o consumo local em bares, restaurantes, padarias e supermercados, sem prejuízo dos serviços de entrega (“*delivery*”) e “*drive thru*” (BRASIL, 2020).

E enfatizou-se que apenas serviços essenciais poderiam continuar abertos, desde que cumprissem as novas regras:

§ 1º - O disposto no “caput” deste artigo não se aplica a estabelecimentos que tenham por objeto atividades essenciais, na seguinte conformidade:
1. saúde: hospitais, clínicas, farmácias, lavanderias e serviços de limpeza e hotéis;
2. alimentação: supermercados e congêneres, bem como os serviços de entrega (“*delivery*”) e “*drive thru*” de bares, restaurantes e padarias;
3. abastecimento: transportadoras, postos de combustíveis e derivados, armazéns, oficinas de veículos automotores e bancas de jornal;
4. segurança: serviços de segurança privada;

Destarte, as escolas, tanto privadas, quanto públicas, a princípio afastaram funcionários pertencentes ao grupo de risco: idosos, grávidas e aqueles, aos quais apresentavam algum problema de saúde. Depois, decretou-se férias a maioria da equipe escolar, alunos, professores, gestão, permanecendo no ambiente apenas

alguns colaboradores do setor de segurança e da limpeza, aos quais foram orientados a trabalharem cumprindo as exigências impostas pelo governo.

Condutas foram estudadas para se obter o melhor retorno as atividades institucionais, assim, devido aos casos de pessoas doentes serem confirmadas e relatadas, diariamente, em toda parte do mundo, decidiu-se pela realização de aulas remotas, isto é, pelo desenvolvimento do trabalho docente no ambiente virtual.

O Centro Paula Souza, autarquia responsável por monitorar o ensino médio e técnico das Escolas Técnicas Estaduais (Etec) e o tecnólogo das Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatec) optou pela utilização de um programa computacional, o “*Microsoft Teams*”, que possibilita reunir os estudantes e realizar as aulas de modo síncrono, podendo disponibilizar materiais, vídeos e até mesmo dar o comando aos alunos para que eles apresentem seminários, teatros, entre outros, por isso a instituição resolveu trabalhar de maneira online até o final do ano letivo de 2020.

Portanto, a pandemia da Covid-19 demonstrou ao mundo que seria necessário empregar medidas rápidas e precisas, modificar hábitos diários para proteger a si mesmo e àqueles, os quais fazem parte do convívio tanto social quanto familiar. Além disso, sentimentos afloraram e enquanto algumas pessoas aprimoraram suas competências socioemocionais propagando resiliência, união e cooperação, outras demonstraram dificuldades para aceitar as situações impostas, deste modo, manifestou medo, raiva, desgosto, sentimento de solidão e não adaptação para trabalhar ou estudar em “*home office*”.

2 COMPETÊNCIAS

O termo competência surgiu no mercado empresarial, em 1973, nos Estados Unidos, por meio de uma publicação de David McClelland, o qual estava em “busca de uma abordagem mais efetiva que os testes de inteligência nos processos de escolha de pessoas para as organizações” (DUTRA et al., 2006, p.2), esta terminologia gerou debates sobre quais saberes psicólogos e administradores deveriam ter para desempenharem uma tarefa imposta pelo ambiente corporativo, assim “o conceito foi rapidamente ampliado para dar suporte a processos de avaliação e para orientar ações de desenvolvimento profissional.”(DUTRA et al., 2006, p.2).

Depois, por volta da década de 80, o estudioso Rychard Boyatzis, reclassificou competências “a partir da caracterização das demandas de determinado cargo na

organização” (DUTRA et al., 2006, p.2), procurando “fixar ações ou comportamentos efetivos esperados” (DUTRA et al., 2006, p.2), como um conjunto de conhecimentos, atitudes e habilidades que nós, seres humanos utilizamos para realizar as atividades em nosso ambiente de trabalho apoiando-se em conhecimentos que já estão dispostos em nossa mente sobre determinado assunto e aprimorando-os para conclusões mais complexas.

Na área educacional, a palavra competência incorporou-se às teorias pedagógicas na década de 90, tendo Philippe Perrenoud como pensador que idealizou o ensino em três ciclos para que os conhecimentos fossem adquiridos pelos alunos. Deste modo, a justificativa utilizada por ele expôs o fato pelo qual o ser humano interage com o meio em que vive, produz experiências as quais, se aprimoram e se tornam habilidades.

Desse modo, cada pessoa, de maneira diferente, desenvolveria competências voltadas para a resolução de problemas relativos à superação de uma situação, como, por exemplo, saber guiar-se no caminho de volta para casa a partir de um ponto de referência, o que mobiliza competências de reconhecimento ou mapeamento espacial; saber lidar com as dificuldades infantis, o que aciona competências pedagógicas; saber construir ferramentas, o que estimula competências matemáticas e lógicas, entre outras (PERRENOUD, 1999, p. 151).

As competências podem ser conquistadas nos meios de vivências do indivíduo, familiar, social e estudantil, assim no ambiente escolar para que o desenvolvimento destas capacidades ocorra deve-se buscar estratégias de modo a construir as habilidades que ainda não foram estruturadas, além de aprimorar aquelas, as quais em algum momento da vida foram edificadas. Logo, necessita-se considerar “competências não escolares que desenvolvemos a partir das relações sociais que estabelecemos e as nossas condições de existência” (PERRENOUD, 1999, p. 151).

Desta maneira, duas décadas se passaram após as considerações de Perrenoud. No Brasil, as propostas educacionais se transformaram e foram inseridas ao currículo formal orientações, as quais o ensino deveria ter uma única proposta pedagógica, ser pautado na cidadania, considerando questões sociais e socioemocionais. Posto isto, em 2017 e 2018 homologou-se a Base Comum Curricular (BNCC) para a Educação Básica:

Prevista na Lei de Diretrizes e Bases (1996) e no Plano Nacional de Educação (2014), a BNCC é fruto de amplo processo de debate e negociação com diferentes atores do campo educacional e com a sociedade brasileira. Desde 2015, foram produzidas três versões do documento, que contaram com a participação de diversos especialistas [...] (BRASIL, 2017, p.1).

Assim, dez competências gerais foram consideradas para estabelecer “um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que buscam promover o desenvolvimento dos estudantes em todas as suas dimensões: intelectual, física, social, emocional e cultural” (FERNANDES, p.1). Dentre as qualificações a serem moldadas nas aprendizagens dos alunos acrescentou-se as habilidades para a formulação do projeto de vida, a capacitação para o mercado de trabalho, além da formação socioemocional que apresentou a função de emoldurar as capacidades mentais dos estudantes, preparando-os para os lidarem com sentimentos e desafios da vida adulta.

O ensino técnico profissionalizante, por sua vez, anteriormente às especificação sobre aprendizagens por competências determinadas pela BNCC, já havia estabelecido desde o ano de 1999, no parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) 16/99 “modelo de educação profissional centrado em competências por área” (BRASIL, p. 13) e mantém, até os dias atuais o ensino pautado na construção de competências e habilidades técnicas juntamente a utilização de bases tecnológicas, conteúdo relacionado a grade curricular de cada curso. Desta forma a estruturação dos planos de curso do ensino técnico profissionalizante:

São instrumentos que contém todas as bases tecnológicas para formar as competências e habilidades necessárias para a formação do Perfil Profissional de cada módulo e de conclusão de curso, detalhando onde e como exercer a atividade profissional de cada curso, consta ainda as metodologias de ensino, referências bibliográficas, entre outras (CENTRO PAULA SOUZA, ca. 2010).

À vista disso, as aprendizagens desenvolvidas nos cursos profissionalizantes capacitam:

O cidadão que busca uma oportunidade de se qualificar por meio de um curso técnico está, na realidade, em busca do conhecimento para a vida produtiva. Esse conhecimento deve se alicerçar em sólida educação básica que prepare o cidadão para o trabalho com competências mais abrangentes e mais adequadas às demandas de um mercado em constante mutação.

Portanto, o ensino técnico proporcionará ao indivíduo obter conhecimentos

profissionais específicos, além de desenvolver competências relacionadas à área escolhida, preparando-o, desta forma para construir seu projeto de vida, tendo no histórico estudantil uma formação qualitativa e possibilitando o desempenho de funções específicas exigidas no ambiente de trabalho.

2.1 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DESENVOLVIDAS NO ENSINO TÉCNICO

Diferentemente das aprendizagens cognitivas que priorizam adquirir o conhecimento dos diversos conteúdos escolares, as competências socioemocionais são capacidades, as quais os indivíduos moldam suas emoções por meio do desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores, assim:

As práticas cognitivas são aquelas que dizem respeito ao desenvolvimento de habilidades para a compreensão de conteúdos, conceitos e processos dentro dos diferentes objetos de conhecimento. As competências socioemocionais são aquelas que visam o desenvolvimento das dimensões comportamental (atitudinal) e relacional dos indivíduos (SAEDIGITAL, 2020).

Deste modo, apesar, do desenvolvimento das competências socioemocionais terem ganhado atenção do sistema educacional brasileiro apenas em 2020, devido a inserção de parâmetros estabelecidos pela BNCC. O termo já é utilizado nos Estados Unidos a cerca de vinte anos e define a educação pautada na evolução das emoções, as quais proporcionarão a formação de um indivíduo capaz de conviver e estabelecer relações nos ambientes familiar, sociais e de trabalho, além de evitar frustrações, entre outras sensações negativas, aos quais um cidadão despreparado possa a vir desenvolver. Logo:

A Educação Socioemocional (em inglês, *SEL – Social Emotional Learning*) é o processo através do qual os alunos aprendem, dentro do currículo escolar, a refletir e efetivamente aplicar conhecimentos e atitudes necessários ao longo da vida escolar, educando os corações, inspirando mentes, materializando projetos e contribuindo para a transformação desses estudantes pela educação.

À vista disto, atualmente a inserção de competências e habilidades sociemocionais ao currículo tornou-se de suma importância, pois estas demonstraram ser “essenciais em qualquer aspecto da vida humana, inclusive para o desenvolvimento de competências com viés acadêmico, cognitivo e científico”

(SAEDIGITAL, 2020).

Destarte, na educação técnica profissional, a demanda por desenvolver as competências socioemocionais também ocorreu, pelo fato de que no mercado de trabalho empresas estão em busca de profissionais capacitados, os quais desempenham as funções técnicas com qualidade e aplicam suas emoções para lidar com os desafios da profissão, por isso, as vezes aparecem em “anúncios de vagas os termos “empatia”, “autonomia”, “resiliência” e “capacidade de trabalhar em equipe” como atributos desejáveis” (SAEDIGITAL, 2020).

Assim sendo, o Centro Paula Souza é uma instituição de ensino profissionalizante, que foi fundada em 1969 pelo decreto-lei de 06 de outubro do mesmo ano, começando a atuar em 1970 contendo três cursos técnicos na área da Construção Civil. Desde aquela época a autarquia priorizou desenvolver cursos os quais atendessem “às necessidades e características dos mercados de trabalho nacional e regional” (BRASIL, São Paulo, p.1), além de possibilitar o “contínuo aperfeiçoamento profissional e o aprimoramento de sua formação cultural, moral e cívica” (BRASIL, São Paulo, p.1).

Por este motivo Etec e Fatec apresentam missões, as quais possibilitam a promoção da “educação pública profissional e tecnológica dentro de referenciais de excelência, visando o desenvolvimento tecnológico, econômico e social” (CENTRO PAULA SOUZA, São Paulo), visões que estimulam a “produtividade e competitividade da economia paulista” (CENTRO PAULA SOUZA, São Paulo) e valores, os quais viabilizam fatores como:

- Valorização e desenvolvimento humano
- Postura ética e comprometimento
- Respeito a diversidade e a pluralidade
- Compromisso com a gestão democrática e transparente
- Cordialidade nas relações de trabalho
- Responsabilidade e sustentabilidade
- Criatividade e inovação (CENTRO PAULA SOUZA, São Paulo).

Consequentemente, às exigências da inserção deste tipo de competência ao currículo formativo, em 2019 a Administração Geral do Centro Paula Souza atualizou

o perfil das competências socioemocionais aos quais devem ser aprofundadas no ensino propedêutico, elencou valores e atitudes as quais necessitam estimular o estudante de nível técnico ao “interesse pela realidade; [...] na resolução de situações-problema; e [...] a pesquisa, a utilização e a produção de conhecimento (CENTRO PAULA SOUZA, São Paulo, 2019, p.1).

Desta maneira as competências socioemocionais direcionam-se de modo a proporcionar ao estudante dos cursos técnicos:

- aprendizagem baseada em projetos;
- comunicação profissional/ argumentação;
- contextos do trabalho;
- trabalho por projetos;
- ética profissional;
- pensamento crítico;
- resolução de situações-problema;
- análise e tomada de decisão;
- flexibilidade comportamental;
- trabalho conjunto-colaborativo para alcance de objetivos comuns;
- empatia;
- desinibição;
- trato com pessoas em diversas posições hierárquicas;
- autonomia intelectual e de ação;
- estruturação de plano de carreira;
- empreendedorismo, inovação e novas tecnologias;
- continuidade de estudos;
- projeto de vida;
- reflexão sobre o próprio conhecimento, potencialidade e possibilidades.

(CENTRO PAULA SOUZA, São Paulo, 2019, p.1)

Por consequência, os planos de curso das instituições técnicas devem fornecer ao estudante a capacidade de ter autonomia intelectual, para que este crie estratégias de modo a estabelecer no ambiente de trabalho relacionamentos interpessoais empáticos, éticos, e que interpretem as competências socioemocionais manifestadas pelos diversos membros da empresa, sabendo ouvi-los e compreendendo o ponto de

vista de cada um.

Outras características a serem construídas pelo aluno do curso técnico são, a flexibilidade para tomar decisões em momentos repentinos, a adaptação para trabalhar em equipe, demonstrando espírito de liderança e sendo capaz compreender os vários tipos de situações, as quais podem-se estabelecer acordos. Por este motivo requer-se a ampliação das argumentações coerentes, além do encorajamento para as tomadas de decisões pautadas em análises e na aplicação do pensamento crítico para a resolução de situações-problemas.

Além disso, o discente precisa entender a importância de se manter com os gestores e colaboradores participação, planejamento, exposição de ideias, propósitos em comum, demonstrando a eles ter capacidade para a gestão do tempo hábil, comprovando também habilidades para manusear as diversas ferramentas digitais (TIC's) e competência para desenvolver projetos, por isso é necessário à assimilação do que são o histórico e a cultura organizacional, em adição a percepção de que no espaço corporativo é preciso conhecer os termos técnicos/ científicos, os quais têm que se empregar nas documentações exigidas a cada área.

Portanto, o ensino técnico profissionalizante é estruturado instituindo-se não somente a aprendizagem técnica, mas também a aprendizagem socioemocional, a qual ao final da formação proporcionam condições para que o indivíduo se autoconheça, identificando suas potencialidades e estruture seu projeto de vida de maneira autônoma e ética.

3 A ADAPTAÇÃO DO ENSINO TÉCNICO EM RELAÇÃO AO COVID-19 E O ISOLAMENTO SOCIAL

Oito meses se passaram e a pandemia provocada pela Covid-19 ainda persiste, houve o afrouxamento de algumas medidas preventivas conforme o monitoramento da proliferação do vírus e realmente por alguns dias as infecções e as mortes diminuíram.

Entretanto, há poucos dias alguns países da Europa e dos Estados Unidos relataram as ocorrências de reinfestações em mamíferos pelo novo Corona vírus, atribuindo o agravamento do problema a uma nova mutação bem mais potente.

Identificada oficialmente pelo nome de 20A.EU1, essa cepa foi descrita em um artigo ainda não revisado por pares e publicado na plataforma online *medRxiv*.

Mais especificamente, os cientistas rastrearam o aparecimento dessa cepa do coronavírus entre trabalhadores no nordeste da Espanha e ela teria se espalhado, de forma rápida, por grande parte da Europa desde o verão. O estudo ainda sugere que pessoas que voltaram de férias na Espanha tiveram um papel fundamental na disseminação dessa variante pela Europa (FORATO, 2020).

Na Dinamarca, os visons se contaminaram por meio da aproximação com seres humanos e a partir da incubação do vírus houve uma mutação, a qual retornou aos homens de maneira mais agressiva, necessitando que as autoridades locais determinassem o extermínio de muitos animais da espécie.

Já no Brasil, pesquisadores da Universidade de Oxford descobriram por meio da sequenciação do genoma da Covid que desde o início da propagação aconteceram infecções causadas por três tipos de cepas modificadas, isto é, “pequenas mutações quase insignificantes que ocorreram no vírus” (BIERNATH, 2020) e se alastraram por todo o país, sendo que se diferenciaram dependendo do estado ou região onde manifestaram-se as contaminações.

Segundo esse mesmo grupo de estudiosos, enquanto não há remédios ou vacinas específicas, a possibilidade de uma reinfecção com características mais devastadoras podem acontecer em breve e as medidas preventivas, como isolamento social, distanciamento, utilização de máscaras, cuidados com a higiene e fechamento de locais que proporcionam aglomeração, as quais ajudaram na contenção da disseminação do vírus até o momento precisam ser mantidas. Assim, em uma visão otimista, a situação poderia ter sido bem pior [...] se comércio, escolas e demais estabelecimentos continuassem funcionando como antes (BIERNATH, 2020).

Desta maneira, o Centro Paula Souza, desde o início da pandemia respeitou as medidas de isolamento social, primeiramente estabelecendo um período de férias de modo a proteger seus colaboradores e compreender a manifestação virótica. Ademais, orientou os funcionários sobre o trabalho realizado em “*home office*” e realizou “uma série de capacitações, workshops e seminários online para aperfeiçoamento pedagógico dos professores” (SÃO PAULO, 2020). Assim tornou-se possível o aprimoramento da utilização de as ferramentas digitais, inclusive o *Microsoft Teams*, plataforma que possibilita a abertura de reuniões e os compartilhamentos de conteúdos.

Logo, no mês de abril houve o retorno das atividades escolares, entretanto, diferentemente, do modo tradicional, desta vez, devido a manifestação da Covid-19 as aulas voltaram de modo remoto, necessitando ser ministradas pela plataforma digital, o que causou grande estranhamento entre os estudantes, os quais também necessitaram ter acesso a internet e ao aplicativo do programa.

3.1 ESTUDO DE CASO: AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS, O ENSINO TÉCNICO E A PANDEMIA

Este estudo de caso foi estruturado por meio da observação de aulas remotas realizadas pela plataforma “*Microsoft Teams*”, conversa com os estudantes, além da análise de redações redigidas por alguns alunos sobre o momento de pandemia e a nova forma de estudar. Assim, a pesquisa apresentará os resultados obtidos através da investigação sobre as competências socioemocionais desenvolvidas durante os estudos neste momento de pandemia.

Dois mil e vinte tornou-se um ano atípico, diferente de todos os outros aos quais já havia vivido, ocorreram diversas adaptações a uma nova realidade que sair de casa transformou-se em algo perigoso, desta maneira foi preciso ambientação de vários setores sociais, inclusive das escolas as quais fecharam suas portas e necessitaram de planejamento rápido para poderem desenvolver um trabalho de qualidade, não deixando os alunos sem aulas. Logo, em referência ao assunto q diretora-superintendente do Centro Paula Souza (CPS) Laura Laganá explanou:

Este ano será lembrado pela força de superação de nossos estudantes, professores, servidores administrativos e gestores. Todos entenderam a gravidade da situação atual e buscaram alternativas para que o modelo da nossa instituição continue servindo de referência, tanto na qualidade de ensino quanto em exemplo de solidariedade (SÃO PAULO, 2020).

Desta maneira, o ensino técnico supervisionado pelo CPS optou pelo uso da ferramenta “*Teams*”, sendo “criadas quase 100 mil salas de aula síncronas online” (SÃO PAULO, 2020).

A Etec Professor Idio Zucchi, foi a escola escolhida para realizar-se as observações do estudo de caso, esta unidade escolar fica localizada na cidade de Bebedouro, no estado de São Paulo, por este fato e pela denominação antiga

estruturada em decreto, às vezes esta instituição técnica é conhecida pelos cidadãos da região como Etec Bebedouro.

Estando em funcionamento desde 2006, foi primeiramente utilizada como polo de extensão da cidade de Taquaritinga, tendo seu funcionamento junto a Escola Estadual Dr. Paraíso Cavalcanti. Após, em 2011, recebeu o nome atual e em 2014 mudou-se para um novo prédio, amplo, arejado e que atende às necessidades, as quais os estudantes precisam para adquirirem diversas aprendizagens, tanto práticas, quanto teóricas.

Atualmente essa escola técnica, possui quatro extensões que funcionam nas cidades de Jaboticabal, Pitangueiras, Viradouro e Bebedouro, na Estação Experimental de Citricultura. Assim, esta instituição oferece aos estudantes cursos técnicos profissionalizantes, ensino médio integrado e projetos realizados junto à comunidade.

Destarte, para que o trabalho desenvolvido por essa Etec continuasse sendo qualitativo mesmo após a chegada da Covid – 19 capacitaram-se o corpo docente e orientaram-se os alunos sobre o novo jeito de estudar “foram produzidos diversos tutoriais, cartilhas, vídeos e *masterclasses* para acolhimento dos jovens (SÃO PAULO, 2020) e os materiais necessários para a realização das aulas remotas.

Primeiramente, ao contato inicial com o estudo de modo virtual, sensações apresentadas pelos discentes foram de estranhamento, muitos não conseguiam conectar-se a plataforma por dificuldade de acesso, por problemas no e-mail institucional ou mesmo pelo fato do celular não comportar o aplicativo do programa. Já aqueles, que obtiveram a entrada na sala de reunião sentiram-se perdidos, alguns não compreenderam diversos comandos como o fechamento do microfone para que cada um se manifestasse em momentos diferentes, outros sentiram vergonha e não quiseram participar da conversa sobre como eram as experiências vividas nesse momento de pandemia.

Assim, a semana introdutória das aulas foi pautada em disponibilizar condições favoráveis de ingresso, além de disponibilizar explicações sobre como manusear a ferramenta digital, inclusive alguns alunos do ensino médio integrado ao técnico se sentiram sensibilizados pelos estudantes do ensino profissionalizante os quais tiveram dificuldades para compreender a execução do aplicativo e gravaram vídeos explicativos para ajudá-los.

Além disso, questões filantrópicas surgiram fazendo com que “paralelamente às aulas virtuais, estudantes e professores de diversas unidades se mobilizaram em iniciativas solidárias para ajudar suas comunidades locais” (SÃO PAULO, 2020)

Logo, a maioria dos discentes se acostumou com a nova maneira de estudar no ambiente digital, sendo que o “Índice de aprovação do formato chegou a 85%” (SÃO PAULO, 2020). No entanto, ocorreram vários trancamentos de cursos e as justificativas enumeradas relacionavam-se as dificuldades de se adaptar ao estudo virtual.

No mês de julho aconteceu a divulgação do vestibulinho, avaliação para adquirir acesso ao curso técnico na segunda metade de 2020, mas neste momento pandêmico “foi organizado um novo modelo de avaliação sem a realização de provas presenciais. Por meio da análise do histórico escolar” (SÃO PAULO, 2020).

Assim, considerando a situação de alastramento da doença e aumento dos casos de pessoas infectadas, o número de inscritos não alcançou o patamar desejável, houve dificuldades para conseguir pessoas interessadas em prestar o vestibulinho para o ensino técnico, fato este provavelmente referente às dificuldades de acesso, incredulidade para reconhecer a eficácia do ensino virtual ou por medo de não conseguirem utilizar as ferramentas digitais durante as aulas remotas.

Consequentemente, após o início do segundo semestre foram realizadas algumas redações, as quais não eram obrigatórias de serem respondidas, Porém, o aluno que se sentisse a vontade poderia escrevê-la e entregar no ícone de tarefas da plataforma, assim trinta e seis estudantes de cursos diferentes estruturaram os textos e enviaram.

Na produção textual pedia-se para que fizessem um relato sobre quais foram os motivos que os levaram a escolha de estudar em uma escola técnica e como haviam reagido após saberem que haviam passado no vestibulinho. Depois eles deviam falar sobre as experiências de participarem das aulas de modo remoto e durante esse momento de pandemia quais competências socioemocionais estavam sendo desenvolvidas.

Assim sendo, os estudantes os quais desenvolveram as produções textuais disseram estar em busca de uma colocação no mercado de trabalho. Alguns já haviam prestado o vestibulinho para o ensino técnico quando as provas eram realizadas presencialmente e de maneira escrita, no entanto, não tinham conseguido obter notas favoráveis para a inserção ao curso, então a análise do histórico escolar facilitou a

realização do objetivo de estudar na Etec e proporcionou a eles sensações como felicidade, medo por dar continuidade aos estudos, apoio familiar, possibilidade de planos futuros, entusiasmo pelas novas experiências, entre outras competências socioemocionais positivas.

Dentre os estudantes, os quais fizeram os seus relatos havia discentes graduados que priorizaram a formação técnica para adquirirem conhecimentos e qualificação, além de aumentarem a possibilidade de conseguirem um bom trabalho, fato este que os deixava frustrados perante as possibilidades apresentadas pelo mercado de trabalho.

Quanto a utilização da plataforma educacional a maioria deles achou esse tipo de aprendizagem cansativa, complicada, estressante pelo fato de, às vezes, não conseguirem manter interação com os outros membros do grupo, acumularem muitas atividades e terem dificuldades de utilizar o “*Teams*”. Do mesmo modo, afirmaram que no início da formação demonstraram desânimo e dificuldade para lidar com a situação, assim chegaram a possibilitar a desistência do curso, porém tiveram de ser persistentes, determinados e estarem em busca do crescimento pessoal, além de tentarem diariamente se acostumar com a nova realidade. Desta forma, concordaram que nos dias atuais faz-se necessário ter competência digital para atuar no mercado de trabalho.

Apesar da adaptação com as ferramentas digitais, muitos alunos, os quais haviam começado os cursos técnicos anteriormente às exigências de isolamento social e também aqueles que não se adequaram às aulas remotas sentiam-se estressados, com vergonha e manifestaram implicitamente saudades da escola e das interações interpessoais, além de interesse pelo retorno presencial, mesmo sentindo insegurança por causa da pandemia, pois perante a qualquer dúvidas tinham a orientação dos professores e o apoio dos gestores para a realização de atividades extra-classe no ambiente escolar.

Para finalizar, grande parte dos estudantes, aos quais expuseram suas angústias e perspectivas por meio desta redação entenderam que realizar uma autoavaliação é um método importante de se conhecer e concordaram que o ensino remoto pela plataforma, no início, causou dificuldades, nervosismo, desânimo e perda do foco, além terem levado em consideração o trancamento da matrícula. Contudo, segundo eles as reflexões foram constantes durante esse momento pandêmico, então

perceberam que para enfrentar alguns obstáculos, seria preciso atingir metas e concluir objetivos.

Portanto, a partir da análise dos textos, da conversa virtual com alguns estudante e pela observação comportamental dos mesmos no ambiente remoto tornou-se possível perceber que os estudantes, independente do curso escolhido, sentiram-se satisfeitos, felizes por ingressarem ao ensino técnico e que a escolha por esse tipo de aprendizagem proporcionaria a eles melhores chances de ingressar e evoluírem no mercado de trabalho. Entretanto, com o início da pandemia as perspectivas mudaram, pelo fato deles terem que utilizar o estudo de modo remoto e o uso da plataforma educacional, isso gerou desconfortos, angústias, medos, vergonha, entre outros sentimentos negativos na maioria dos alunos, os quais necessitaram de assimilação para que se acostumassem com as aulas *online* e voltassem a criar perspectivas presentes e futuras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acesso ao ensino técnico tornou-se uma realidade na vida de muitos cidadãos, pois possibilita de forma rápida e eficaz aprendizagens qualitativas profissionais, além de proporcionar maiores chances de acesso ao mercado de trabalho.

Por este motivo muitos jovens optam pela formação técnicas e as Etecs são escolas qualificadas muito requisitadas para o ingresso ao ensino propedeutico. Fato este que ocorre não somente pela excelência dos conteúdos ministrados serem estruturados por meio da construção de competências e habilidades, voltados a base tecnologia relacionada a profissão escolhida, mas também por receber presencialmente o aluno de modo acolhedor, se preocupando com as aprendizagens e posturas as quais o mercado de trabalho exigirá dele durante o desempenho de suas funções.

Assim, esta pesquisa baseou-se na intenção de demonstrar que as pandemias podem modificar hábitos e competências socioemocionais dos estudantes. Além de cobrar medidas rápidas e exigir mudanças de comportamentos, os quais geram estranhamentos e desconforto, levando o ser humano, por vezes a pensamentos negativos e atitudes impensadas.

Portanto, com o fechamento das escolas e a inserção de aulas virtuais os paradigmas educacionais de aprendizagem mudaram rapidamente e os discentes necessitaram ingressar em um ambiente desconhecido sem ao menos terem chance de se adaptar anteriormente. Desta forma, muitos desistiram e outros necessitaram de apoio para continuar e se sentirem novamente capazes de estruturarem suas competências e habilidades para o desempenho das funções no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS:

ALDERETE et al. **Afinal, como o coronavírus age no organismo?** Secretaria do Estado de Saúde de Minas Gerais, 2020. Disponível em: <http://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/102-como-o-coronavirus-age-no-organismo>. Acesso em 30 out 2020.

BARRETO, Clara. **OMS declara doença pelo novo coronavírus como pandemia.** Disponível em: <https://pebmed.com.br/oms-declara-doenca-pelo-novo-coronavirus-como-pandemia/>. Acesso em: 26 out 2020.

BIERNATH, André. **'Pandemia no Brasil começou com três linhagens do Coronavírus', diz pesquisador de Oxford**. Correio Braziliense. BBC News Brasil. São Paulo. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/11/4888930-pandemia-no-brasil-comecou-com-tres-linhagens-do-coronavirus-diz-pesquisador-de-oxford.html>. Acesso em: 14 nov 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 08 nov 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de Implementação da Base Nacional Comum Curricular**. Orientações para o processo de implementação da BNCC. Um Guia feito por gestores, para gestores. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Decreto-lei de 06 de outubro de 1969. Atos Legislativos**. São Paulo. 1969. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1969/decreto.lei-0-06.10.1969.html>. Acesso em: 01 nov 2020.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 16/99**- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília: MEC, 1999. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_tecnico_parecer1699.pdf. Acesso em: 01 nov 2020.

CÂMARA, Fernando Portela. A pandemia esquecida. A cólera no Brasil. Pandemias, Virulência e Catástrofes. Vol. 25, nº 5. Disponível em:

<https://www.polbr.med.br/2020/05/01/a-pandemia-esquecida-a-colera-no-brasil/>.

Acesso em: 15 out 2020.

CENTRO PAULA SOUZA. Missão, Visão, Valores, Objetivos e Diretrizes. São Paulo.

Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/missao-visao-objetivos-e-diretrizes/>.

Acesso em: 02 nov 2020.

CENTRO PAULA SOUZA. Planos de Cursos e Propostas Curricular. Etec Professor Alcídio de Souza Prado. Orlândia, São Paulo, ca 2010. Disponível em:

<https://etecalcidio.com.br/planos-de-cursos-e-proposta-curricular/>. Acesso em: 12

nov 2020.

CENTRO PAULA SOUZA. Rol de Competências Socioemocionais. Administração Geral. Unidade do Ensino Médio e Técnico Grupo de Formulação e Análises

Curriculares – Gfac, São Paulo, 2019. Disponível em:

<http://cpscetek.com.br/cpscetek/arquivos/2019/socioemocionais.pdf>. Acesso em 05

nov 2020.

CONDE, MB et al. Tuberculose sem medo. Editora Atheneu. 1ª ed. São Paulo: 2002.

História da tuberculose no mundo – REDETB. Disponível em:

<https://redetb.org.br/historia-da-tuberculose/>. Acesso em: 20 out 2020.

DUTRA et al. **Absorção do Conceito de Competência em Gestão de Pessoas: A Percepção dos Profissionais e as Orientações Adotadas pelas Empresas.**

Enanpad, 2006. Salvador, Bahia.

FERNANDES, Sarah. **O que acontece na sua escola com as novas competências?. Saiba como as propostas vão transformar gestão, formação de professores, avaliação e PPP.** Revista Nova Escola Digital. Disponível em:

<https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/3/o-que-acontece-na-sua-escola-com-as-novas-competencias>. Acesso em: 02 nov 2020.

FORATINI, Oswaldo Paulo. **AIDS e sua origem.** Artigo Scielo, v.27, nº 3, p. 153-156. Departamento de Epidemiologia Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, jun 1993.

FORATO, Fidel. **Segunda onda da COVID-19 já começou lá fora; o Brasil está preparado?** Disponível em: <https://canaltech.com.br/saude/segunda-onda-da-covid-19-ja-comecou-la-fora-o-brasil-esta-preparado-174209/>. Acesso em 09 nov 2020.

FREITAS, Keila. **Surto, Pandemia, Epidemia E Endemia: Compreenda A Diferença.** Disponível em: <https://www.drakeillafreitas.com.br/surto-pandemia-epidemia-e-endemia/>. Acesso em: 10 ago 2020.

G1 Educação. **Fatecs e Etecs eliminam prova de vestibular e passam a considerar histórico escolar dos candidatos por causa da pandemia em SP.** São Paulo, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/educacao/noticia/2020/06/30/fatecs-e-etecs-eliminam-prova-de-vestibular-e-passam-a-considerar-historico-escolar-dos-candidatos-por-causa-da-pandemia.ghtml>. Acesso em 15 nov 2020.

JR, Carlos Russo. **Peste de Atenas: primeira emergência sanitária narrada é um retrato do presente.** Diálogos do Sul. São Paulo. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/64467/peste-de-atenas-primeira-emergencia-sanitaria-narrada-e-um-retrato-do-presente>. Acesso em: 10 ago 2020
NEIVA, Leonardo. **Como colonizadores infectaram milhares de índios no Brasil com presentes e promessas falsas.** BBC News Brasil. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53452614>. Acesso em: 20 nov 2020.

NEVES, Arthur Iago Lira; SILVA. Luiz Gabriel e. **Aspectos gerais da febre tifoide.** Seminários de Biomedicina do Univag 2016/2. Disponível em: periodicos.univag.com.br. Acesso em: 25 out 2020.

PINHEIRO, Pedro. **Peste negra – história, sintomas e tratamento.** Disponível em: <https://www.mdsau.de.com/doencas-infecciosas/peste-negra/>. Acesso em: 20 ago 2020.

PREVIDELLI, Fábio. **A gripe espanhola acabou?** Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/como-a-gripe-espanhola-acabou.phtml>. Acesso em: 07 set 2020.

SOBIOLOGIA. **Varíola.** Disponível em: <https://www.sobiologia.com.br/conteudos/Seresvivos/Ciencias/biovirus9.php>. Acesso em: 10 set 2020.

SAEDIGITAL. **Competências Socioemocionais: o que são e como trabalhar em sala de aula.** 2020. Disponível em: <https://sae.digital/competencias-socioemocionais/>. Acesso em: 05 nov 2020.

SÃO PAULO. **Centro Paula Souza celebra 51 anos e vira exemplo de reinvenção na pandemia.** Portal do Governo. 2020. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/centro-paula-souza-celebra-51-anos-e-vira-exemplo-de-reinvencao-na-pandemia/>. Acesso em: 14 nov 2020.

SCHATZMAYR, Hermann G. A varíola, uma antiga inimiga. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 1525-1530, nov-dez, 2001.

SHULZ, Peter. Apontamentos do século XIX em tempos de cólera para a Covid-19. Jornal da Unicamp versão web. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/peter-schulz/apontamentos-do-seculo-xix-em-tempos-de-colera-para-covid-19>. Acesso em: 20 set 2020.

TESINI, Brenda L. **Varíola.** MD, University of Rochester School of Medicine and Dentistry. Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt/casa/infec%C3%A7%C3%B5es/poxv%C3%ADrus/var%C3%ADola>. Acesso em: 18 set 2020.

TREVISOL, Fabiana Schuelter. **A história da Aids: uma pandemia com 40 anos de existência.** Agetec. Centro de Pesquisas Clínicas HNSC/UNISUL. 2020. Disponível em: <https://notisul.com.br/colunistas/agencia-de-inovacao-e-empreendedorismo-da-unisul-agetec/a-historia-da-aids-uma-pandemia-com-40-anos-de-existencia/>. Acesso em: 24 out 2020

ZARAMELA, Luciana. **As piores pandemias da história.** Ciência Saúde. Disponível em: <https://canaltech.com.br/saude/as-piores-pandemias-da-historia>. Acesso em: 26 out 2020.



CAPÍTULO 9

RELATO ETNOGRÁFICO DISCENTE: OLHAR DE MINHA JANELA DURANTE A PANDEMIA

Kleberson Almeida de Albuquerque

RELATO ETNOGRÁFICO DISCENTE: OLHAR DE MINHA JANELA DURANTE A PANDEMIA

Kleberson Almeida de Albuquerque

Professor efetivo de anos iniciais do ensino fundamental, licenciado em Pedagogia e graduando em Ciências Sociais da UFPA

RESUMO

O ano de 2020 iniciou de forma totalmente atípica, com a notícia de uma pandemia global impondo medidas restritivas que suscitaram o distanciamento social e novas configurações nos relacionamentos sociais, implicando em nosso trabalho, estudos e demais tarefas diárias. No presente trabalho, apresento um relato etnográfico, produzido em uma oficina de pesquisa de campo e etnografia, ministrada de forma remota nos meses de março a julho de 2020. O método aplicado consiste na observação participante e história de vida autobiográfica, onde levanto uma discussão sobre as relações sociais em áreas comuns de um condomínio, mais especificamente em ambientes de práticas de atividades físicas, dialogando com resultado de pesquisas com posicionamentos que se relacionam em conflitos de poder diante do Neofacismo no atual governo. Por fim, aponto que as medidas de combate ao Coronavírus ainda são indispensáveis em todas as atividades cotidianas, sendo preferível que se pratique exercícios dentro de sua residência, porém se houver a necessidade de que essas atividades sejam realizadas ao ar livre, torna-se importantíssimo lembrar o que está em jogo não é algo irrelevante, mas sim sua saúde e vida. Juntar nossa esperança a uma prática que apoie nosso discurso em favor da vida, é não apenas sobreviver em meio ao caos, e sim superar nossos limites, para então termos um futuro, muito melhor do que havíamos planejado no passado.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência discente, Etnografia, Pandemia, Atividades físicas.

ABSTRACT

The year 2020 started in a totally atypical way, with the news of a global pandemic imposing restrictive measures that caused social distance and new configurations in social services, implying in our work, studies and other daily tasks. In the present work, I present an ethnographic report, produced in a field research and ethnography workshop, given remotely from March to July 2020. The method provides consists of observation and autobiographical life history, where I raise a discussion about social relations in common areas of a condominium, more specifically in physical activity environments, dialoguing with the results of research with positions that relate to conflicts of power in the face of Neofacism in the current government. Finally, I point

out that measures to combat Coronavirus are still indispensable in all daily activities, and it is preferable to practice exercises inside your home, but if there is a need for these activities to be carried out outdoors, it becomes important to remember what is at stake is not irrelevant, but your health and life. Adding our hope to a practice that supports our discourse in favor of life, is not only to survive in the midst of chaos, but to overcome our limits, so that we can have a future, much better than we had planned in the past.

KEYWORDS: Student experience, Ethnography, Pandemic, Physical activities.

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 iniciou de forma totalmente atípica. Ainda em janeiro, fomos alertados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) acerca do surto da COVID-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, em decorrência deste, em menos de dois meses foi decretada uma pandemia em escala global. A partir de então começaram a ser estabelecidas medidas de enfrentamento a proliferação deste novo vírus. A diretora da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), Carissa F. Etienne, afirma ainda no mês de abril que as medidas de distanciamento social, continuam “sendo nossa melhor aposta para reduzir a transmissão e retardar a propagação do vírus em nossas comunidades”.

Hoje, quase três meses após a declaração deste grave embate sanitário internacional, ainda nos é orientado pelos Pelas organizações internacionais de saúde, que devemos manter o distanciamento social. Em consequência desta medida de prevenção, o governador do Estado Pará estabeleceu o decreto de nº 609 no dia 16 de março, determinando o fechamento de academias, bares, restaurantes, entre outros estabelecimentos de esporte e lazer.

Posto isto, o Ministério da Saúde alertou sobre o perigo do sedentarismo durante a quarentena, apontando que a prática de exercícios físicos são benéficos para o aumento da imunidade contra o novo Coronavírus e outras doenças, por esta razão, apresentaram dicas de atividades físicas para serem feitas dentro de suas casas, excluindo apenas em casos de suspeitas da contaminação com a COVID-19.

Existe uma grande diversidade de moradias, apresentando realidades singulares de acordo com seu contexto socioeconômico (PEREIRA DA COSTA, OLIVEIRA, 2007; LEITÃO, 2012; FREITAS, FAZZAN, PEREIRA, 2015). Assim também, cada

indivíduo, família ou comunidade, pode agir de diferentes formas diante das orientações do Ministério da Saúde e demais órgãos competentes. Diante da pluralidade de respostas às medidas de combate ao Coronavírus, busco apresentar neste relato, minhas percepções sobre a prática de atividades físicas no durante a pandemia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi elaborado como proposta de exercício prático de relato etnográfico discente dentro de uma oficina de pesquisa de campo e etnografia, ministrada por uma docente da Universidade Federal do Pará, onde atualmente curso o sétimo semestre da graduação em Ciências Sociais. Além da pesquisa participante, utilizei como método a história de vida de forma autobiográfica, onde levanto uma discussão sobre as relações sociais em áreas comuns de um condomínio, mais especificamente em ambientes de práticas de atividades físicas, dialogando com resultado de pesquisas com posicionamentos que se relacionam em conflitos de poder.

A inquietação para realização da pesquisa, parte do descaso do atual presidente com a situação da crise sanitária em que vive o país diante deste surto pandêmico, do qual não estávamos preparados para enfrentar. Além do mais, seu posicionamento ao tentar deslegitimar a ciência e não levar em consideração o número de mortos até o momento, aponta para o sentenciamento a morte de milhares de brasileiros (KRENAK, 2020), essa necropolítica está associada de forma intencional a forma de governar deste (des)governo. Com Sua política Neoliberal tenta desmantelar o Sistema Único de Saúde (SUS), recusando medidas sanitárias mínimas, se colocando acima da ciência, assumindo seu governo neofacista, onde se intitula salvador da pátria (LOWY, 2020).

Rosário (2020) apresenta a incoerência existente na postura do atual presidente da república, ao ter a segurança pública como uma das principais propostas de campanha, no entanto tentou minimizar a gravidade da pandemia causada pela Covid19, contrariando os órgãos internacionais de saúde. Esse discurso negacionista é valorizado principalmente por empresários e pessoas pertencentes a classe média, que se veem como privilegiados ao ter acesso a

condições para comprar medicamentos e podem se confinar em suas residências, sabendo que terão o que comer no dia seguinte. A lógica política do atual governo se posiciona com a proposta de minimizar a intervenção do governo na economia, propondo um novo liberalismo que mesmo tendo poder para tomar medidas para a contenção do vírus, negligenciou tal oportunidade, demonstrando a real face da proposta desta gestão, uma política neoliberal, pois “para o neoliberalismo, as vidas são descartáveis” (ROSARIO, 2020, p.14).

DaMatta (1990) já apontava a força que a instituição igreja possui no Brasil, esta assim como as forças armadas, atua em escala nacional como verdadeira instituição total. Da mesma forma, o presidente tem feito alianças com apoiadores evangélicos neopentecostais, tentando propor orações e jejuns como medidas estatais diante da pandemia (LOWY, 2020). Além de meio, outro tem sido usado para propagar desinformações aos bolsonaristas, as FakeNews, se contrapondo a isto, Harari (2020) defende a necessidade de líderes que combatam a pandemia, com informações, pois a troca de conhecimentos científicos confiáveis serão nossas melhores armas.

Para derrotar uma epidemia, as pessoas precisam confiar nos especialistas, os cidadãos precisam confiar nos poderes públicos e os países precisam confiar uns nos outros. Nos últimos anos, políticos irresponsáveis solaparam deliberadamente a confiança na ciência, nas instituições e na cooperação internacional. Como resultado, enfrentamos a crise atual sem líderes que possam inspirar, organizar e financiar uma resposta global coordenada (HARARI, 2020, p. 9).

Esta epidemia não foi a primeira e com certeza não será a última na história da humanidade, sendo assim, é necessário o desenvolvimento de confiança e solidariedade global, pois sem isto o vírus sempre sairá vitorioso (HARARI, 2020). Nesta perspectiva, busco apresentar a seguir percepções subjetivas que discutem com as discussões apresentadas anteriormente. Iniciando pela localização e apresentação do espaço, onde a experiência discente foi produzida, posteriormente discorrerei sobre a prática de exercícios, em seguida, acerca das observações no condomínio e por fim farei as últimas considerações, esperando dias melhores.

LOCALIZAÇÃO NO TEMPO E ESPAÇO

Ao observar o céu da janela do meu quarto, imagino a imensidão do universo, e compartilho do mesmo sentimento de Neil Armstrong ao afirmar que “não me senti um gigante. Senti-me muito, muito pequeno.”, mas ao mesmo tempo, penso no quão bom é ter algo infinito lá fora. Diante de tantas incertezas, tantos planos e sonhos adiados, em decorrência do atual cenário mundial, pensar que não estou enfrentando isso sozinho, que assim como eu e minha família, outras pessoas neste estado, país e mundo como um todo, têm vivido esses dias. Deixando-me assim, menos aflito, me fazendo desejar que a solução para este problema seja encontrada o quanto antes.

O planeta Terra, nossa casa, que ao ser observado da janela de uma espaçonave pelo astronauta soviético Yuri Gagarin em 1961, pode ser contemplado por um olhar distante, que abismado, ao retornar exclamou que “A Terra é azul”. Neste planeta azul que contém vastos territórios divididos geográfica e ideologicamente, encontro-me na porção de terra localizada abaixo da linha do equador na América do sul, no país denominado Brasil, mais especificamente na Região Norte, no estado do Pará, em um município com pouco mais de 150 mil habitantes, na região metropolitana de Belém, no Município de Marituba.

Nasci em Belém, mas cresci em Marituba, esse município que teve sua emancipação pouco tempo depois de meu nascimento, por meio da Lei Estadual nº 5.857 de 22 de setembro de 1994. No ano de 2010 a construtora Direcional Engenharia S/A iniciou a construção de habitações populares no município, porém, atrelado a isto, construíram também três condomínios privativos, para as classes sociais D, C e B ao lado do conjunto habitacional popular denominado de Viver Melhor Marituba. Vivi com minha família em um bairro da periferia de Marituba, por 26 anos. Após ter passado em um concurso público de um município vizinho, consegui ter uma renda mais estável para auxiliar nas despesas de casa.

No final do ano de 2019 conseguimos financiar um apartamento, com auxílio do programa “Minha casa minha vida”, no condomínio Salinas, uma das três etapas do projeto Bella Città – Total Ville, construído pela Direcional. A comodidade, conforto e segurança são valores perseguidos e que fazem crescer cada vez mais a vontade das pessoas de se isolarem das cidades dentro das próprias cidades (NETO, MOURA, LOPES, 2018). Assim também, entrar no condomínio pude ver suas torres e casas que compõe as habitações do lugar, todas elas de cores de tons amarelo e bege claro.

Cada torre possui quatro andares, tendo dois lances de escada para ter acesso a cada andar. As casas possuem dois pavimentos e duas garagens.

Existe um projeto paisagístico que ornamenta as frentes de cada casa e torre. Há também duas grandes praças de convivência e outras quatro menores com bancos de concreto e poltronas de Pneus. Existe um salão de eventos no centro do condomínio, ao lado dele há um playground com casinha de madeira, gangorra e balanços. Além, de também apresentar um campo de futebol que um dia teve gramado, mas em decorrência de seu uso contínuo e terreno alagado, ficou muito deteriorado, em contra partida a quadra de futsal acabou de ser reformada, passou por uma ampliação e pintura.

Existem piscinas de adultos e de crianças, a primeira possui um declínio iniciando com um metro de profundidade e findando com um metro e meio, a segunda possui meio metro de profundidade, porém nunca deixam encher completamente. Estas ficam ao lado de duas das quatro, churrasqueiras que aqui existem. As outras duas churrasqueiras ficam ao lado da praça de atividades físicas, praça esta que possui aparelhos de madeira e aço, para alongamento, abdominal, musculação, entre outras práticas.

Mudamo-nos no início do ano de 2020, demoramos a nos adequar com o tamanho do apartamento, pois morávamos em uma casa simples, mas ampla. Agora estamos tendo que aprender a viver e nos organizar em pequenos espaços. Nosso apartamento possui dois quartos, um banheiro, sala e cozinha. O apartamento não sofreu modificações após sua construção, ainda apresenta paredes brancas, piso de cerâmica bege, tendo uma janela em cada compartimento.

Acredito que uma das principais vantagens de se viver um condomínio fechado é justamente a sensação de segurança que temos ao entramos nele, por termos vivido por muito tempo ouvindo e vendo várias cenas de assaltos e homicídios, algo que desejávamos muito era nos sentir seguros. Outro fator importante foi a variedade de opções de lazer e recreação dentro do condomínio. Imaginávamo-nos, caminhando, nadando, praticando esportes nas quadras de futebol, nos exercitando nas praças de atividades físicas, levando as crianças para brincar no playground, convidando amigos para fazer um churrasco, entre várias outras opções.

No entanto, algo mudou totalmente os planos, perspectivas e prioridades. O medo voltou a cercar minha família, não mais por questão de segurança e sim por nossa saúde. Seguindo orientações dos órgãos competentes em resposta a chegada da pandemia de COVID-19, medidas foram tomadas pelo Síndico, visando preservar a coletividade, garantindo assim o uso da propriedade sem interferências prejudiciais a Saúde dos que o habitam, conforme os art. 1348 e art. 1277 do Código Civil. Proibiu a utilização de todos os espaços de convivência, impedindo a entradas visitantes com seus automóveis, proibindo agrupamento de pessoas em casas ou apartamentos. Limitando a aplicação de algumas liberdades individuais do direito privado, no entanto a inviolabilidade das residências tem sido burlada por um inimigo sutil e invisível. Desta forma, penso ser válida todas as medidas possíveis contra o enfrentamento deste vírus. Visando o bem coletivo acima dos interesses individuais.

SAÚDE E PANDEMIA

Ao olhar por minha janela, vejo a BR 316, principal rodovia que dá acesso a capital do estado em seu fluxo contínuo de automóveis. Em decorrência disto, lembro-me das vezes que peguei a estrada com minha família e amigos, buscávamos conhecer todos os igarapés da região, lembro-me das vezes em que saíamos para o centro de Belém em busca de alguma lanchonete diferente. Por enquanto são apenas lembranças, mas que em breve nos veremos mais uma vez, para que possamos criar juntos novas lembranças que serão eternizadas em nossas memórias.

O fato de comer muitas refeições em *fast foods* nesses últimos anos, acarretou um acúmulo de gordura que nunca antes havia alcançado, atrelado ao meu sedentarismo decorrente do uso frequente de motocicleta, até mesmo para ir a luars próximos. Tudo isso, me fez ficar fadigado rapidamente em qualquer atividade física que pudesse praticar, como, subir degraus de uma escada ou caminhadas rápidas. Desta forma, decidi voltar a me exercitar em uma academia, que há mais de um ano não frequentava.

Comecei a malhar no final de dezembro de 2019, já neste ano ao ter mudado de endereço, passei a associar a musculação a caminhadas e corridas na área do condomínio, pois “na sociedade atual a prática de ações para saúde preventiva se torna instrumento essencial na promoção do bem-estar físico, mental e social, além

da prevenção de doenças decorrentes do sedentarismo” (NETO, MOURA, LOPES, 2018, p.102). Além disso, Convidava amigos para tomarmos banho de piscina e comermos algo na churrasqueira ou na praça de alimentação. No entanto, essa realidade foi alterada a partir da efetivação do decreto estadual que determinava a quarentena e o distanciamento social no estado.

A Secretaria de Educação (SEMED) do município de Ananindeua, onde trabalho, atendeu ao decreto estadual dispensando todos os professores para trabalho em home office, os cursos que fazia tiveram aulas suspensas, assim como o de minha mãe, então eu e ela podemos ficar em casa nesse período, porém meu pai não teve o mesmo direito, a empresa, em que ele é encarregado de logística, não liberou os funcionários. Onde acreditamos que ele foi contaminado e trouxe o vírus aqui para nossa casa.

Não imaginávamos que nos contaminaríamos com o novo Coronavírus, pois tentávamos ao máximo nos resguardar em casa e quando saíamos para comprar suprimentos, sempre tomávamos todas as precauções possíveis. No entanto, certa manhã do mês de abril, enquanto tomávamos café, minha mãe me pergunta se eu estava me sentindo bem, afirmei positivamente e questionei o porque do questionamento não rotineiro. Então, meus pais afirmam sentir os indicativos do Coronavírus, tentei intensificar o isolamento e ficar no meu quarto, porém no mesmo dia já senti os mesmos sintomas.

Buscamos nos resguardar em casa, tomando medicamento apenas para febre e chá de alho com limão. Eu e meu pai começamos a melhorar logo, minha mãe ficou até o final do mês com fadiga e falta de ar. Levamos minha mãe ao médico, contudo, como ela não apresentava um quadro grave, ele apenas pediu exames e receitou medicamentos, determinando que ela deveria voltar para casa. Por fim, minha mãe se recuperou ao ser medicada a tempo. Fico feliz de vê-la bem, assim como meu pai. Planejamos passar alguns dias em Bragança ou Barcarena no mês de maio, contudo este foi mais um dos planos que precisarão ser reagendados. Mas como afirmei no princípio, Isso tudo vai passar, poderemos viajar, sair para comer, conversar com os amigos, porém, para tudo isso, precisamos primeiramente ficar vivos, ver agora a importância de nossa saúde e da nossa família.

JÁ ACABOU?

Hoje, dia dois de junho, olho pela janela e vejo pessoas correndo. O que motiva essas pessoas? A curva das estatísticas de mortes por Covid19 só aumentam a cada instante, passando agora de 30 mil óbitos em decorrência desta doença (G1, 2020). Particularmente, correr renova meu ânimo, quando corro, acabo conseguindo alinhar melhor meus pensamentos, desta forma, para mim, a prática de exercícios físicos não se restringe apenas a saúde física, mas psicológica também.

Após este longo período dentro de casa, resolvi voltar a correr, não apenas com objetivo de saúde e bem estar, mas também, em buscar entender por meio da observação, como as pessoas se portam dentro do condomínio na prática de exercícios físicos e o que poderia motivá-las a ir contra o distanciamento social durante tais atividades.

Moro no terceiro andar da última torre antes da quadra de esportes. Assim que terminei de me arrumar. Coloquei minha máscara, o mais novo item essencial da vida de qualquer pessoa do mundo. Desci as escadas. Fiz um alongamento e comecei a caminhar. No percurso pude observar que meninas, sem máscaras, brincavam de boneca ao lado do salão de eventos. Alguns pais, com o uso devido da máscara, ficavam escorados no corrimão que dá acesso ao salão e outros estavam sentados em cadeiras do condomínio, feitas de pneu. Eles observavam seus filhos brincando, além disso, também aparentavam estar com uma boa afeição em seus rostos, talvez pelo fato de estarem em alguma atividade ao ar livre.

Alguns jovens e adolescentes andam de bicicleta e skate pelo condomínio, aparentemente contentes e com o uso de máscaras. Pude observar duas mulheres caminhando juntas, usavam roupas próprias de atividades físicas, porém em relação à utilização da máscara, uma utilizava apenas pendurada na orelha sem utilizá-la de modo apropriado, enquanto a outra não usava de forma alguma. Vi também um homem com fones de ouvido que fazia alguns gestos de dança com as mãos enquanto corria em baixa velocidade.

Em uma das praças de convivência, onde está proibida a permanência de pessoas, um grupo de nove adolescente sentam nos bancos feitos de pneus, conversam e interagem entre si, a maioria deles sem máscara. No entanto na última volta, pude observar que o número reduziu para seis pessoas e todas estavam de

maskas. Acredito que isso é devido à conscientização que os guardas do condomínio fazem aos moradores. De outra forma, pude ver um adolescente carregando sacolas de compras aparentemente pesadas junto com uma mulher que penso ser sua mãe.

Em outra praça de convivência pude observar quatro mulheres que conversavam e riam alto. Uma delas mexia no celular, outra chupava um pirulito e as demais apenas conversavam, porém, nem uma usava máscara ou mantinha o distanciamento mínimo de um metro e meio. Vi duas mulheres, sentadas em uma cadeira com as pernas estendidas em outra, na frente de suas casas, olhando o movimento de pessoas no condomínio. Já na praça de exercícios, pude observar duas mulheres e uma criança que praticavam exercícios aeróbicos sem o uso de máscara ou o distanciamento social adequado.

As ruas e calçadas do condomínio proporcionam uma experiência ruim para correr, com alguns desconfortos, o primeiro é o fato da calçada utilizada para acesso aos prédios ser a mesma utilizada para caminhada, assim, se quisermos utilizar as ruas, teremos que competir com os carros, no entanto existem várias lombadas e sinalizações de limite de velocidade, além de um bom sistema de iluminação nas ruas do condomínio, em decorrência disto os acidentes podem ser evitados.

Pessoas de várias idades, com o uso devido de máscaras, levam seus animais de estimação para passear no condomínio, apresentando aos demais moradores seus cães e gatos de raça, encoleirados e aparentemente bem cuidados. Alguns cães pareciam ser dóceis, outros chegavam a rosnar e latir quando eu me aproximava.

Na última volta, pude olhar do lado de fora da minha janela, vi o fluxo de carros na BR316, ao girar minha visão apenas 45° para esquerda, pude ver áreas de lazer do condomínio. O campo de futebol, esses meses de quarentena beneficiaram a grama que está crescendo novamente, passei mais perto da piscina, vi que ela ainda está seca e sem ser utilizada assim como a quadra recém-reformada.

ULTIMAS CONSIDERAÇÕES

O que nos motiva? Diante deste cenário mundial é possível estar feliz? Como dar valor a nossa saúde antes de perdê-la? Determinar motivações universais ou minha percepção sobre o outro é muito arriscado, se não dizer, incoerente. Porém

como afirmo anteriormente, busco nas atividades físicas, saúde e bem estar, ao observar várias pessoas circulando dentro condomínio descumprindo as principais normas de prevenção, imagino que não levem a sério ou pelo menos não vejam a gravidade desta pandemia em escala global.

Certo dia, pude observar o síndico, orientando um morador a usar a máscara de forma correta, alertando sobre o alto número de mortes em nosso país, além de reclamar da forma com a qual o presidente da república tem se posicionado diante desta crise sanitária internacional. Quando vi esta cena, pensei, este síndico ganhou o meu respeito.

Penso que a postura do “e daí?” propagada pelo presidente tem se replicado no meio da sociedade brasileira, que só consegue ter noção da realidade ao precisar lidar com a perda, seja ela, de algum amigo próximo, alguém da família ou da própria saúde e vida. A atitude negacionista apresentada, caracterizando o Coronavírus como uma “gripezinha” apresenta a loucura da lógica neofacista apresentada no atual governo (LOWY, 2020).

Por fim, aponto que as medidas de combate ao Coronavírus ainda são indispensáveis, necessárias em todas as atividades cotidianas. É preferível que se pratique exercícios dentro de sua residência, porém se resolver fazer essas atividades ao ar livre torna-se importantíssimo lembrar o que está em jogo, não está se tratando de algo irrelevante, mas sim de saúde e vida. Juntar nossa esperança à prática que apoie nosso discurso em favor da vida, é não apenas sobreviver em meio ao caos, mas sim superar nossos limites, para assim termos um futuro, muito melhor que havíamos planejado no passado.

REFERÊNCIAS

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. Companhia das Letras, 2020.

Etienne, Carissa F. COVID-19: Diretora da OPAS pede ‘extrema cautela’ na transição para medidas de distanciamento social mais flexíveis. **OPAS**, Banco de notícias,. Disponível em: 14, abril de 2020.
<https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6145:coronavirus-diretora-da-opas-pede-extrema-cautela-na-transicao-para-medidas-de-distanciamento-social-mais-flexiveis&Itemid=812>. Acesso em: 03, junho de 2020.

Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 2 de junho. **G1**, 02, junho de 2020. Bem estar. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/02/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-2-de-junho.ghtml>>. Acesso em: 03, junho de 2020.

FREITAS, Verônica de; FAZZAN, João Victor; PEREIRA, Adriana Maria. ESTUDO DA DIVERSIDADE DE HABITAÇÕES SOCIAIS. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [S.l.], v. 3, n. 15, set. 2015. ISSN 2318-8472.

Disponível em:

<http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/989>. Acesso em: 20 Jan. 2021.

doi:<http://dx.doi.org/10.17271/231884723152015989>.

LEITÃO, G. Reconhecendo a diversidade das favelas cariocas. In: **Favelas cariocas : ontem e hoje** ; organização Marco Antonio da Silva Mello...[et al.]. - Rio de Janeiro : Garamond, 2012.

PEREIRA DA COSTA, D.; OLIVEIRA, J. A. CONJUNTOS HABITACIONAIS E A EXPANSÃO URBANA DE MANAUS. Filigramas do processo de construção urbana e o papel das políticas habitacionais Mercator - **Revista de Geografia da UFC**, vol. 6, núm. 11, 2007.

LÖWY, Michael. “Gripezinha”: o neofacista Bolsonaro diante da epidemia. In: TOSTES, Anjuli; MELO FILHO, Hugo (Orgs.). **Quarentena**: reflexões sobre a pandemia e depois. Bauru: Canal 6, 2020. p. 147-150.

DA MATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

HARARI, Yuval Noah. **Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes à humanidade**. Companhia das Letras, 2020.

NETO, FELIX VIANA; MOURA, STEPHANNEY KMSF; LOPES, DIEGO TRINDADE. IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES FÍSICAS NOS CONDOMÍNIOS: Revisão Integrativa. **Revista Campo do Saber**, v. 4, n. 1, 2018.

ROSÁRIO, LUANA. A necropolítica genocida de Bolsonaro em tempos de pandemia e o projeto ultra-neoliberal. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade**, v. 6, n. 2, p. 28-49, 2020.



BIOGRAFIAS

**CURRÍCULOS
DOS AUTORES**

Aline Cristina Pinto

Graduanda em Estatística na UFMG, formada como Técnica em Informática pelo CEFET-MG. Atualmente, atua como desenvolvedora de software na DTI Digital. Possui interesse nas áreas de Ciência de Dados e Ciência da Computação.

Cláudia Ester de Oliveira

Graduada em Geografia pela UFMG com Especialização Lato Senso em Educação Ambiental pela UFLA, cursa Filosofia na UFMG. Interessa-se por Filosofia Antiga, Política e Literatura Clássica. É professora do Ensino Fundamental na Prefeitura de Belo Horizonte. UFMG/FAFICH/Departamento de Filosofia.

Deyse Almeida Dos Reis

Pesquisadora graduada em Gestão da Qualidade e Ciências Biológicas, mestra e doutora em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Desde 2013, colabora em pesquisas científicas relacionadas à bacia hidrográfica do rio Doce. Atua como docente na educação especial, no ensino fundamental e técnico nas modalidades presencial e à distância. Atualmente leciona em programas de pós-graduação nas temáticas: meio ambiente e educação. Também realiza projetos voltados à Contabilidade ambiental na identificação de custos e riscos ambientais.

Erika Nogueira Pena

Bacharel em Ciências Contábeis - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM); Graduanda em Formação Pedagógica Docente para a Educação Básica – Habilitação em Matemática pela Faculdade Educacional da Lapa – FAEL e Especialização em Docência com Ênfase em Educação Básica, pelo Programa de Pós-graduação em Docência do IFMG Arcos.

Fabiana Holler Baptista

Formada em Economia pela Universidade Federal de Mato Grosso-UNEMAT. Pós-Graduada em Gestão Empresarial e Recursos Humanos pela Faculdade da Amazônia-RO.

Fernanda Marcelle Miranda

Bacharel em Engenharia Química, licenciada em Matemática e Química, docente dos cursos Técnicos Integrados no IFMG – Campus Bambuí.

Iranilda Cinésio Gomes

Graduada em Pedagogia - Cristo Reis; Graduada em Biologia - UNIASSELVI; Professora polivalente do Ensino Fundamental Anos Iniciais, Secretária de Estado de Educação da Paraíba.

Ivanilza Cinésio Gomes

Graduada em Letras- UFPB.

Kleberson Almeida de Albuquerque

Professor efetivo nos anos iniciais do ensino fundamental, licenciado em Pedagogia e graduando em Ciências Sociais na UFPA.

Leonardo Cinésio Gomes

Graduado em Matemática (Licenciatura)- UFPB, mestrando em Modelagem Matemática e computacional-UFPB; Especialista em Metodologia de Ensino de Matemática- UNIASSELVI; Especialista em EJA -IFRO; Graduando em Ciência da Computação (Licenciatura)-UFPB; Professor de Matemática, Secretária de Estado de Educação da Paraíba.

Lívea dos Santos Martins

Atua como professora particular para crianças do ensino fundamental, como forma de se habituar à profissão de lecionar.

Maria Cecília Figueiredo Lopes

Graduanda em Estatística na UFMG.

Maria Luiza Dias

Graduanda em Tecnologia em Radiologia. Trabalha com Certificação Digital, na PRODEMGE – Cia de Tecnologia da Informação do Estado de Minas Gerais. Formada em Edificações, pelo CEFET – MG e em Segurança do Trabalho, pela Escola Técnica Vital Brasil/Polimig. Possui certificação em cursos diversos, como de Melhor Atendimento ao Público, pelo InAP, Programação de Computador, pela PRODEMGE, Prevenção e Combate à Incêndios, pelo 1o. Grupamento de Bombeiros de MG, Qualidade no Gerenciamento da Segurança do Trabalho, pela COONAI, habilidades Técnicas de Treinamento, pela FIEMG/SENAI e Ergonomia, pela ERGO. UFMG/Faculdade de Medicina/Departamento IMA.

Marlon Marcus Pereira

Graduado em Engenharia de Controle e Automação pela UFMG, MBA em Gestão de Projetos pela FGV (Fundação Getúlio Vargas).

Pós-graduando na disciplina “Clínica Psicanalítica na Atualidade: contribuições de Freud e Lacan” pela PUC-MG. Atua desde 2008 em implementação de sistemas SAP, com foco nos módulos de cálculo, faturamento e Onsite Billing em empresas de Utilities.

Mauro Bruno de Araújo Macêdo

Graduado em Música pela UEMG, atualmente atua como músico em bandas e ministra aulas no ensino de instrumento musical em aulas particulares.

Patrícia Berlini Alves Ferreira da Costa

Formada em Letras e Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia. Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER. Pós-Graduada em Libras pela Faculdade de Santo André – Vilhena/RO. Orientadora Educacional do Instituto Federal de Rondônia.

Patrícia Maria Fernandes de Moura

Graduada em Terapia Ocupacional pela UFMG, atualmente dedica-se exclusivamente à obtenção de novo título acadêmico.

Rafael Santos de Almeida

Engenheiro de Controle e Automação pela UFMG e técnico em Automação Industrial pelo Colégio Técnico da UFMG. Atua como arquiteto de soluções em uma empresa do ramo de tecnologia. Interessa-se por machine learning e cloud computing. UFMG/Departamento de Engenharia Eletrônica.

Renan Junio Gomes Machado

Graduando em Estatística na UFMG. Formado como Técnico em Estradas pelo CEFET-MG, atua na empresa Bom Retiro Empreendimentos e Participações LTDA desde junho de 2020 como estagiário. Tem interesse na área de Ciência de Dados, Big Data e Programação.

Sofia Moreira de Aguiar

Graduanda em Estatística na UFMG. Formada como Técnica em Mecatrônica pelo CEFET-MG, atuou como técnica de laboratório em uma instituição particular de Ensino Superior em 2019. Possui interesse em Ciência de Dados, econometria e sociometria.

Tainá de Moura Santos

Graduada em Letras- UFPB.

Vagner Santos da Silva

Graduado em ciências da Computação (Licenciatura)-UFPB; Especialista em EJA - IFRO; graduando em Matemática (licenciatura) -UFPB.

Vanessa Ribeiro Duella

Licenciada em Letras pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal; Graduada em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Alvorada Plus; Pós-Graduada em Direito Educacional e Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal; Docente dos ensinos: fundamental 2, médio e técnico.

Viviane Lima Martins

Doutora e Mestre em Comunicação e Semiótica, licenciada em Letras e Pedagogia, docente do curso de Pós-graduação lato sensu em Docência no IFMG - Campus Arcos.

Jader Luís da Silveira (Organizador)

Possui Graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG, MBA Executivo em Saúde pela Universidade Candido Mendes - UCAM, Especialização em Análises Clínicas e Microbiologia pela Universidade Candido Mendes - UCAM, Especialização em Uso Educacional da Internet pela Universidade Federal de Lavras - UFLA, Especialização em Gestão de Instituições Federais de Educação Superior na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, Especialização em Docência com Ênfase na Educação Básica pelo Instituto Federal Minas Gerais - IFMG e Especialização em Docência com Ênfase na Educação Inclusiva, pelo Instituto Federal Minas Gerais - IFMG. É Fundador e Diretor Geral do Grupo MultiAtual Educacional e das escolas integrantes.

ISBN 978-65-993373-5-2




Editora
MultiAtual